



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Instituto de Artes

Roberta Santos Nascimento

**Performance feita com sangue, suor e fúria:
o Tempo como aliado para fazer das agonias, poeira cósmica**

Rio de Janeiro
2024

Roberta Santos Nascimento

**Performance feita com sangue, suor e fúria:
o Tempo como aliado para fazer das agonias, poeira cósmica**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção de título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Eloiza Gurgel Pires

Coorientadora: Prof^ª. Dra. Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

N244 Nascimento, Roberta Santos.
Performance feita com sangue, suor e fúria: o tempo como aliado para fazer das agonias, poeira cósmica / Roberta Santos Nascimento. – 2024.
200 f.: il.

Orientadora: Eloiza Gurgel Pires
Coorientadora: Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Performance (Arte) - Teses. 2. Criação na arte – Teses. 3. Arte moderna – Séc. XX – Teses. I. Pires, Eloiza Gurgel. II. Lyra, Luciana de Fátima Rocha Pereira de III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. IV. Título.

CDU 792.028

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB-7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Roberta Santos Nascimento

**Performance feita com sangue, suor e fúria:
o Tempo como aliado para fazer das agonias, poeira cósmica**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção de título de mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em 7 de março de 2024.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Eloiza Gurgel Pires (Orientadora)

Instituto de Artes - UERJ

Prof^a. Dra. Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra (Coorientadora)

Instituto de Artes - UERJ

Prof^a. Dra. Eloisa Brantes Bacellar Mendes

Instituto de Artes - UERJ

Prof^a. Dra. Mara Lucia Leal

Universidade Federal de Uberlândia

Prof^a. Dra. Márcia Angelita Tiburi

Universidade Paris 8

Rio de Janeiro

2024

DEDICATÓRIA

Dedico cada linha tecida neste escrito às minhas companheiras felinas, Mole e Curumim, que estiveram ao meu lado espiralando por entre dimensões temporais, em cada devaneio mergulhado, em cada sinapse feita, em cada grito de prazer e dor, elas estiveram comigo.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço à minha base, minha mãe Dona Maria e meu pai Roberto.

Mãe, obrigada pelo apoio de sempre. Obrigada pelo carinho, por todos os "eu te amo", "durma com Deus" e "sonhe com os anjinhos de luzes". Sua doçura e alegria de viver, especialmente sua voz empolgada, acalentam meu coração e me levam a sentir as pequenas alegrias da vida. Admiro sua atenção aos detalhes, sua habilidade em transformar itens simples em verdadeiros relicários. Acho que peguei esse seu jeito de manter atenção aos detalhes, a senhora me ensinou que eles são um pedacinho de nossa memória. Obrigada por transformar nossa casa no lugar mais aconchegante do mundo. Admiro demais sua força e resiliência, sempre enfrentando desafios com um sorriso tranquilo, o que me mostra que as adversidades podem ser superadas quando a gente simplesmente resolve olhar para o lado mais ameno da vida. Obrigada por todos os sábios conselhos e colos acolhedores. Sou imensamente feliz e grata por ser sua filha.

Pai, obrigada por acreditar tanto no poder da educação, me mostrando que o conhecimento é capaz de ampliar as nossas perspectivas de mundo. Admiro sua mente inventiva, sua dedicação aos estudos e sua intensa busca por autonomia; obrigada por nos criar com essa filosofia de vida. Sua trajetória e tudo o que construiu me inspiram. Obrigada por todas as histórias contadas sobre sua infância, elas alimentaram minha ludicidade infantil e nutriram esse meu desejo de conhecer mais nossa história ancestral. Sou muito grata por ser sua filha.

Nalva, irmã, obrigada por ser assim, do jeitinho que você é. Devo realmente lhe agradecer por ser minha referência. Agradeço por ter me apresentado boas músicas no início de nossa adolescência. Admiro sua maneira prática e organizativa de viver; você sempre me transmitiu segurança, e digo isso num sentido subjetivo. É muito bom saber que tenho uma irmã e somos parceiras para o que der e vier. O mundo se torna menos solitário sabendo que você faz parte dele. Sou imensamente grata por te ter como irmã.

Agradeço à minha orientadora Eloíza Gurgel, que aceitou viajar comigo por entre nebulosas e me orientou a seguir o melhor caminho possível, ajudando-me a enxergar camadas da pesquisa que, a princípio, eu não estava vendo.

Sou muito grata por meu caminho ter cruzado com o da gentil Luciana Lyra, que com suas palavras alquímicas me orientou a seguir o chamado de uma órgã

guia e me mostrou que é possível urdir *uma academia toda nossa*. Lu, você é uma força da natureza que me inspira desde o dia que lhe conheci.

Agradeço à minha banca avaliadora Márcia Tiburi, Mara Leal e Eloisa Brantes, que não só me incentivaram a ir ainda mais fundo no que estava me propondo, como também alimentaram minha chama intelectualmente criativa.

Olha que privilégio o meu! Além de uma irmã mais velha, tenho um irmão mais velho que a Bahia me deu, Camilo, Milo. Grata pela sensatez poética, por me puxar de volta ao solo quando estou muito avoada, muito desesperada ou demasiado azuada. Suas palavras me tranquilizam em alguma medida. Além dos momentos de descontração, repletos de alegria e felicidade, teremos muitos outros. Aqui, aproveito para agradecer a Maruzia por me mostrar, muito antes d'eu ingressar no mestrado, que é possível fazer de um escrito acadêmico também um objeto artístico; e a Monize, que me doou o notebook que me acompanhou do início ao fim desta empreitada.

Taliboy, sou só gratidão pelo nosso encontro e pela história que construímos. Obrigada por acreditar tanto em mim e me ajudar a focar, também, em minha potência intelectual. Admiro e compartilho da sua inquietação.

Ivana Muzenza, Mumu, uma das primeiras pessoas que conheci em Salvador, e foi um afeto imediato, outra irmã que a Bahia me deu. Ela pertence à quinta geração de baianas do acarajé. Mumu, admiro muito sua resistência afetuosa. Muito grata por me receber na Bahia de Todos os Santos com seu sorriso que tira qualquer tristeza do coração, me sinto mais forte em saber que coexisti contigo neste plano terrestre.

Muito grata ao Centro de Yoga e Terapia Sharanam, ativado por Guilherme, grande amigo e mestre de yoga que me incentiva a não desanimar frente às adversidades existenciais e se manteve ativo durante a pandemia, fazendo lives com sessões de práticas de yoga que me ajudaram a aliviar o estresse e assim conseguir escrever o pré-projeto de mestrado.

Brisa Morena, amiga, grata pela escandalosa gentileza aquariana que tens. Muito obrigada pelo carinho e incentivo de sempre. Lhe admiro por manter o equilíbrio entre a força e a doçura, mesmo em tempos brutos.

Marie Thauront, minha mentora e amiga, obrigada por ser uma verdadeira companheira de trincheira. Agradeço pelo afeto e pelas palavras sábias que nos

nossos encontros me compartilhou. Sou grata também por manter viva dentro de si a inquietação por um mundo melhor.

Luciano Mendes de Jesus, Lu, amigo e mentor teatral, que me ajudou a desbravar o território acadêmico. Ainda carrego na minha maleta as melodias daquelas tardes de sábado na Rua da Consolação, as forças balaiadas, e os contos chineses. Obrigada pela generosidade em me ajudar a lapidar minha Branca Dias, para que ela tivesse a bravura para enfrentar seu 'Santo Inquérito'.

Águeda Tavares, o que dizer dessa amiga que me segurou, literalmente, para que eu não cair em um momento de extrema dor? Obrigada por tanto. E não só pela dor se faz minha gratidão, nossos encontros cósmicos são orgásticos e sei que sabes que nossa conexão se faz na Terra e no astral.

Muita gratidão a cada integrante do grupo de pesquisa MOTIM: Mito, Rito e Cartografias Feministas nas Artes, e em especial a Brisa Rodrigues. Vocês oxigenaram meu desejo de ocupar ainda mais o espaço acadêmico.

Agradeço também à Cooperativa Recifavela, principalmente às minhas primas Josimeire e Lilian, por terem impresso a documentação necessária para eu tentar uma vaga no mestrado como cotista em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

Elis, amiga, obrigada por ter ampliado sua rede de amizade na Bahia para mim. Por meio das suas conexões, mantive-me segura e acolhida nos meus primeiros dias em Salvador, marcando meu ingresso na esfera da pesquisa que sigo trilhando.

Fláviooooo, obrigada pela insistência em afirmar que minha arte e minha presença são importantes no espaço acadêmico. Você é uma espécie de mentor nesse meu trilhar intelectual. Obrigada pelas provocações e tarefas dadas.

Raí Gandra, amigo, sua ranzinze me descontraí. Obrigada por vibrar pelas minhas conquistas e não só isso, mas por me ajudar a estar exatamente onde estou, geograficamente falando. Você realmente abriu as portas do Rio de Janeiro para mim.

Nando, obrigada pela receptividade acolhedora no Rio de Janeiro. Agradeço à sua família, Tânia, Isis, Luna, Thay, Ju e Seu Wanderley pelo carinho comigo. Me sinto muito sortuda por ter me tornado vizinha de uma família tão especial.

Grata, Verônica Pinheiro, pelo afeto e acolhimento ao me receber tão calorosamente nesta Nova Terra, Rio de Janeiro.

Agradeço ainda a Rita Machado e seu espaço Prana Saúde Integrada, por todo apoio em minha trajetória até aqui.

Agradeço ainda a Lanussi Pasquali pelo forte incentivo para meu ingresso no universo da pesquisa acadêmica.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Por isso, sou grata.

Por fim, agradeço à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, FAPERJ, que, de setembro de 2023 até o término da pesquisa, financiou-a por meio do programa de incentivo Bolsista Nota 10.

Às forças invisíveis que me guiam, sou toda grata.

Por favor, só por um instante, todas vocês, só prestem atenção. Eu estou aqui e agora; e vocês estão aqui e agora comigo.

O tempo não existe.

Marina Abramovic

RESUMO

NASCIMENTO, Roberta Santos. *Performance feita com sangue, suor e fúria: o tempo como aliado para fazer das agonias, poeira cósmica*. 2024. 200 f. Dissertação (Mestrado em Artes) — Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A presente pesquisa nasce do desvelar os intensos processos em criação de *Performance Arte*, experienciados ao longo de pouco mais de treze anos - e além - por uma arti(vi)sta¹ que faz do seu sangue, suor, fúria, lágrimas e vísceras poeira cósmica. Para isso, evoca quatro performances autorais: *Estética da Via Crucis em Romaria, Das Tripas...coração, Aquecemos corações a sangue frio* e *Reação em Cadeia: a gente se liga em você!*, obras-rito que reverberam para além do espaço-tempo em que nasceram. A escrita se dá em primeira pessoa como uma maneira de evocar um *espaço autobiográfico* (RAGO, 2014), no qual metáforas são encaradas como ciência, e as palavras não são apenas palavras, mas também *corpa*², voz, textura e derme, enquanto as imagens são a epiderme de uma *cardiossertação* que se constrói a partir das intensidades da pulsação de seu órgão guia em *f(r)icção* (LYRA, 2011,p.44) com os atravessamentos da vida vivida, rumo à descoberta do que chamo de *Corpa Nebulosa*, uma dimensão do *tempo espiralar* (MARTINS, 2021,p.207) de intensa longa duração. A pesquisa se mostra como parte da experiência e, por isso, não se finda em si mesma, pulsando para além do ponto final. Daqui em diante adentramos na *zona de contaminação cósmica*.

Palavras-chave: processo em criação de Performance Arte; intensa longa duração; Corpa Nebulosa; corpa.

¹ Faço uso dos parênteses como maneira de dizer que a ativista que sou está contida na artista que também sou.

² *Corpa* é um neologismo frequentemente utilizado nos movimentos sociais. Me deparei com ele em meus trânsitos nos ativismos LGBTAQIAPN+ e feministas. Nesse contexto, evoco a *Corpa* como uma ressignificação do termo corpo, alterando a vogal “o” pela “a”, retiramos o corpo do universalismo masculino em busca de trazer mais multiplicidade às possibilidades de se existir.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Roberta Santos. *Performing with blood, sweat, and furor: time as an ally in turning grief into cosmic dust*. 2024. 200 f. Dissertação (Mestrado em Artes) — Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The present research arises from unveiling the intense processes of creation in Performance Art experienced over a little more than 13 years - and beyond - by an arti(vi)st³ who makes cosmic dust out of their blood, sweat, fury, tears, and viscera. In order to do this this, it evokes four original performances: *Aesthetic of the Way of the Cross in Pilgrimage*, *Of Guts... Heart*, *We Warm Hearts with Cold Blood* and *Chain Reaction: We Connect to You!*. All of them are ritual works that reverberate beyond the space-time in which they were born. The writing is in the first person as a way to evoke an autobiographical space (RAGO, 2014), in which metaphors are seen as science, and words are not just words but also bodye⁴, voice, texture, and dermis. Meanwhile images are the epidermis of a *cardiossertation* that is built from the intensities of the pulsation of its guiding organ in f(r)iction (LYRA, 2011, p.44) with the crossings of lived life. It goes towards the discovery of what I call the Nebulous Bodye, a dimension of *spiral time* (MARTINS, 2021, p.207) of intense long duration. Therefore, the research shows itself as part of the experience and therefore does not end in itself, pulsing beyond the period. From now on we enter the cosmic contamination zone.

Keywords: process in the creation of Performance Art, intense long-lasting, Bodye Nebulosa, bodye.

³ The use of parenthesis is a way to say that the activist that I am is embodied in the artist that I am.

⁴ Bodye is a translation of a neologism frequently used in social movements. I came across it in my journeys through LGBTAQIAPN+ and feminist activism. In this context, I evoke the word bodye as a resignification of the term body (a masculine noun in Portuguese), changing the last vowel to a feminine noun in order to remove the body from cisgender male universalism, in search of bringing more multiplicity to the possibilities of existing.

SUMÁRIO

	BIG BANG ou Explosão Cósmica (eis a introdução)	13
1	MEU ÍNTIMO NÃO É PARTICULAR	29
1.1	Encontro com a Arte	36
1.2	Veganismo para além do prato	40
1.2.1	<u>Atravessamento, um corte, uma pausa</u>	47
	<u>ou Isso também é sobre Performance</u>	47
1.3	Salve! A Favelada chegou	50
1.4	Sapatonices, Afetos e Ética	61
4.4	Aquecemos corações a sangue frio	69
1.5	Encontro com os Feminismos	78
1.6	Encontro com a Performance Arte de intensa longa duração e com o Artivismo	84
2	HONRO ÀS PERFORMERS QUE VIERAM ANTES	106
3	PUNÇÃO - 00:00 >> COMO AS PERFORMANCES NASCEM	112
4	OBRAS RITO ou do Rastro à Reativação: Bora falar de Performances de intensa longa duração	114
4.1	Estética da Via Crucis em Romaria	120
4.2	Das tripas... coração	143
4.3	Reação em Cadeia: a gente se liga em você!	159
0	O soco, a suspensão, a quebra	173
5	CORPA NEBULOSA ou matei o tempo	179
	O SOPRO DA POEIRA CÓSMICA (eis as considerações finais)	187
	REFERÊNCIAS ou PORTAIS	192
	ANEXOS ou POEIRAS AINDA VOAM	196
	ANEXO A – Mapa Astral	196
	ANEXO B – Exposição Defesa da Cardiossertação	197



5

⁵ Imagem criada pela autora com o intuito de criar uma metáfora visual para a dissertação, 2024.
Foto: Taliboy

BIG BANG

ou

EXPLOSÃO CÓSMICA (eis a introdução)

.aqui respiro⁶

Estou com o estômago fervilhando só de pensar no tanto que caminhei para chegar até aqui. Essa pesquisa não poderia escolher período mais tenso para nascer. O ano era 2021, vivíamos uma pandemia mundial (a pandemia ainda é uma realidade só que agora, em 2024, temos a vacina). Estávamos sob a presidência de um homem que zombou das pessoas que morriam por insuficiência respiratória em consequência da covid 19. Nas circunstâncias atuais, esse ser sádico foi declarado inelegível⁷.

Eu estava em isolamento social, impossibilitada de qualquer encontro presencial, para uma pessoa das artes da presença, isso doeu.

O retorno à academia me veio como uma possibilidade de respiro para refletir sobre meus processos artísticos enquanto arti(vi)sta autoral que tem na *corpa* a matéria-prima de criação e percebe a dilatação do espaço tempo como um aliado capaz de tecer um elo ético-poético-político com quem vivencia a ação.

Depois da elaboração de um pré projeto, uma entrevista e setenta e dois pdf's de documentos que me qualificaram enquanto cotista em situação de vulnerabilidade socioeconômica, cá estou vibrando ao compartilhar minhas inquietações, reflexões e devaneios sobre performances, intensidades de longa duração, corpa, agonias, tempo e nebulosas.

Dizendo de outra maneira: Como desvelar um processo de criação vivo, orgânico, pulsante, repleto de camadas e evocar as experiências vividas durante performances, cujas reverberações transcendem os ponteiros do espaço tempo?

Há de a ver poesia na academia.

⁶ Na imagem de fundo coloco as impressões digitais da palma da minha mão, expostas, com intuito de dizer, visualmente, que desejo trazer corpa e textura para o presente escrito.

⁷ Não pude deixar de marcar minha comemoração com um vídeo deboche em comemoração a inelegibilidade de Jair Bolsonaro, caso queira ver só clicar: <https://www.instagram.com/p/CuK4JJ-pxXP/>

Peço que me leias como se estivesse caminhando ou dançando - como preferir. Creio que em movimento, os pensamentos fluem com maior organicidade. E pra essa dança/caminhar ficar mais gostosinha, há algumas considerações que devo lhe fazer ↓

Este é um escrito acadêmico, mas não só; ele também é um convite a um encontro sensório-reflexivo. Desse modo, para melhor fruição da leitura, informo que a escrita daqui para a frente não será toda corrida em formato de uma linha embaixo da outra.

Em alguns momentos

você

encontrará frases fora da formatação

habitual de um texto acadêmico.

Assim como um ou outro dos "caracteres especiais" oferecidos pelo word, também o uso de setas que indicam como se articulam meus pensamentos. Com isso, desafio-me a ajudar a tecer *Uma academia toda nossa*⁸, pulsante e que busca estabelecer uma conexão:

[...] com as forças motrizes da vida, aquelas que contaminam o pensamento e que contagiam o exercício de liberdade, um texto comprometido com o exercício existencial, muitas vezes descolado do modelo profissional do pensamento, que trafega na academia tradicional, que transita pelos nossos códigos enquanto professores e estudantes nas universidades de artes no Brasil (Lyra,2020, p.3).

Proponho algumas “quebras” no texto como uma possibilidade de respiro, pausa, movimento e, porque não, devaneios. Assim me vêm os pensamentos no momento em que escrevo. Lembremos da obra “Untitled Event” (Evento sem Título, 1952) proposta por John Cage⁹ na qual ele convida uma galera de artistas das mais diversas áreas para compor a obra. Ele lhes entrega uma partitura com indicações de momentos de ação, quietude e silêncio (GLUSBERG, 1987, p.26). Não digo que este escrito seja uma obra de arte como a de Cage, mas nele também existem algumas indicações (não diretas) de movimentos possíveis para a leitura atravessar

⁸ LYRA, L. de F. R. P. de . Uma academia toda nossa. DAPesquisa, Florianópolis, v. 15, n. esp., p. 01-08, 2020. DOI: 10.5965/1808312915252020e0027. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17928> . Acesso em: 22 jul. 2023.

⁹ John Cage foi um compositor, teórico musical, escritor e artista dos Estados Unidos.

outras camadas sensoriais para além dos olhos ou do canal racional de uma leitura científica.

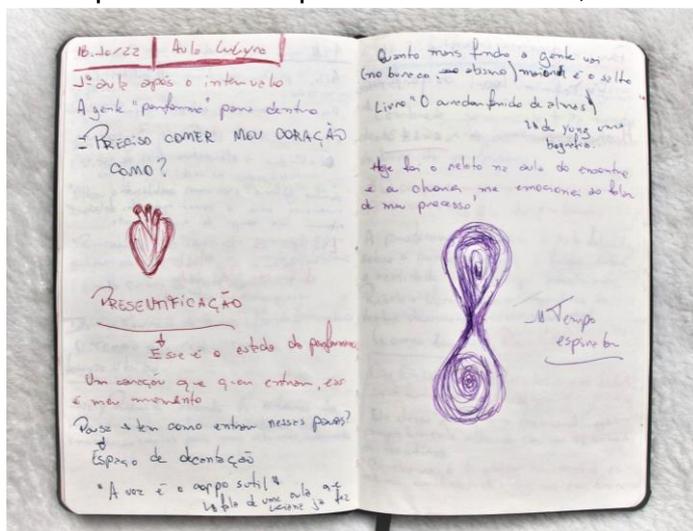
Ao iniciar a pesquisa, efetivamente falando, percebi que ela seria guiada por um dos três órgãos pelos quais tenho uma certa obsessão em investigar enquanto potenciais signos artísticos. Na verdade não sei se sou eu que tenho obsessão ou se são eles que me convocam a observá-los como tal. No caso, a pele, o coração, e o intestino.

Eliminado o romantismo sentimentalista que muitas vezes é associado a esse órgão, a guiança se dá pela carne pulsante que é o coração. Isso porque, a partir de uma atividade proposta pela professora Luciana Lyra¹⁰ em uma de suas aulas da matéria da pós-graduação intitulada >> Arte de f(R)icção - Feminismos, Decolonialidade, Autobiografia e Performance, ele, o coração, pediu que me rasgasse o peito, o retirasse do interior de minha cavidade torácica, o segurasse com uma mão e, com a ponta dos dedos da outra, sentisse sua textura, seu cheiro, temperatura, movimentos e observasse com atenção as urgências escondidinhas dentro de suas artérias.

Assim o fiz.

Depois o devolvi para dentro de mim,

comendo-o.



Anotações sobre o exercício proposto
Arquivo pessoal da autora, 2022

¹⁰ Luciana Lyra é atriz, performer, encenadora, diretora, dramaturga e escritora. Docente efetiva do Departamento de Ensino da Arte e Cultura Popular e da Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), é docente colaboradora e pós-doutora em Artes Cênicas pelo PPGARC da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Também é docente colaboradora do PPGT da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Pós-doutora em Antropologia, pela FFLCH/USP, doutora e mestre em Artes Cênicas pelo IA/UNICAMP, coordena seu estúdio de investigação, UNALUNA–PESQUISA E CRIAÇÃO EM ARTE. Fonte: <https://www.ppgartes.uerj.br/luciana-lyra/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

Percebi que o que ele me versava era que o material necessário para concretizar esta pesquisa estava lá, dentro de suas artérias, e marejam toda minha corpa através das correntes sanguíneas nesse exato momento em que toco as teclas do computador.

Portanto, esta é uma *cardiossertação*¹¹. Defino: uma dissertação guiada pelo coração.

Márcia Tiburi, durante a qualificação, me sinaliza:

O coração, na nossa língua portuguesa, ele também é um órgão masculino. A gente fala O coração. Em português, fica assim: tudo que é “ão” é grande, é imenso. E eu fiquei pensando muito quando li tua dissertação. Teu coração, na verdade, é uma corazona, sabe? Eu fiquei pensando: a Roberta ainda vai encontrar uma corazona.

Encontrei, Márcia!

Em uma conversa com uma amiga, ela me disse que as pessoas astecas falavam que *o coração é um nó que ata espírito e matéria*. Achei bonito. Não sei se falavam exatamente isso, busquei alguma fonte para confirmar mas não encontrei, de todo modo foi essa frase que me levou a criar outra que introduz a atmosfera que vamos mergulhar, que é: a **corazona** desata os nós que limitam sua pulsação

Ôzona de contaminação cósmica

Somos feitas da mesma matéria de que são feitas as estrelas, e não estou falando no sentido metafórico. Portanto, à medida que estas palavras estão sendo escritas de corpa inteira, afirmo que esta pesquisa está permeada de matéria orgânica, sangue, suor e poeira cósmica da qual também sou/somos compostas. O caminho metodológico se dá por meio de um adentrar em um *espaço autobiográfico* (RAGO¹², 2014) evocar os caminhos trilhados para se chegar a ser quem se é, caminhos cheios de curvas e intensos encontros, e assim trazer à tona processos

¹¹ Jogo de palavras que mescla o sufixo cardio (que se relaciona com o coração) com o substantivo dissertação.

¹² Margareth Rago é uma historiadora, professora e pesquisadora feminista brasileira. É professora da Universidade Estadual de Campinas.

em criação de uma corpa que se inquietou muito pelo caminho trilhado, e segue inquieta>>>



Sendo assim, é do corpo, do movimento, de si, que partem as escrituras. Do corpo e de seus atravessamentos de existência são traduzidas a autoria e a pesquisa (Lyra, 2020, p.10).

No que tange à 'tradução', aquilo que convencionalmente chamamos de capítulo aqui vou chamar de Supernova. Em breve explicarei o motivo dessa escolha de termo. Cada Supernova será representada pela imagem de uma estrela de oito pontas. A quantidade de estrelas indica a numeração de cada Supernova. Optei por utilizar uma estrela de oito pontas, pois oito foram as horas de realização da obra que abriu o portal para eu adentrar no universo da Performance Arte. Além disso o número oito evoca o símbolo do infinito, que não tem fim. Da mesma forma, esta pesquisa não busca estabelecer um ponto final em si mesma; pelo contrário, pode ser vista como um portal pulsante == na medida em que te leva a pensar sobre realidades muito concretas que atravessam esta corpa que vos fala, também lhe convida a sair do Planeta Terra, dançando lentamente por entre nebulosas, rumo a um Tempo Estelar.

Há de a ver poesia na academia

Na tentativa de imprimir essa curva de pensamento, abro mão do termo "capítulo" e o substituo por >>Supernova<<. A astronomia afirma que uma supernova - explosão estelar - é um dos eventos mais energéticos e brilhantes que conhecemos, gerando, inclusive, nebulosas. Portanto, na medida em que uma supernova acontece, ela ilumina todo o espaço, nos dando a possibilidade de enxergar nitidamente algo que até então não víamos. No entanto, ao mesmo tempo em que a explosão ocorre, cria-se um espaço de poeira cósmica, onde as percepções podem ser as mais variadas possíveis. Com isso quero dizer que ...

... aqui não há verdades absolutas, só realidades possíveis ...

com camadas de performatividade ...

Cada Supernova se inicia com uma imagem. Como esta pesquisa fala de corpa, podemos dizer que as imagens funcionam como uma espécie de epiderme¹³ deste escrito, enquanto as palavras constituem a derme¹⁴.

O espaço que vamos embarcar se divide em quatro Supernovas:

A primeira Supernova intitulo → *Meu íntimo não é particular* ←. Nela, você vai me conhecer para além do *Lattes*¹⁵. Trago o conceito de *lugar de fala*¹⁶ para refletir sobre as identidades que me atravessam, desde aquelas que me foram impostas e das quais abri mão até as que eu me apropriei e que me levaram a perceber na arte um caminho para reivindicar a retomada de minha própria existência. Esse é um *espaço autobiográfico* no qual também compartilho meu encontro com o teatro de grupo, a importância que a educação teve em minha trajetória, assim como minhas descobertas enquanto ser social favelada + vegana + sapatona + feminista↔sapafeminista. Espero que um dia todas essas autoneomeações não sejam mais necessárias, pois, enfim, teremos construído uma sociedade onde a equidade de direitos é uma realidade. Enquanto caminhamos rumo a esse futuro, utilizo o ato de me autoneomear como uma *tática de sobrevivência*, inclusive da minha subjetividade:



Meu rotular a mim mesma é para que a chicana e lésbica e todas as outras pessoas em mim não sejam apagadas ou omitidas ou assassinadas. Nomear é como eu faço minha presença ser conhecida, como eu afirmo quem e o que eu sou e como quero ser conhecida. Nomear a mim mesma é uma tática de sobrevivência (Anzaldúa, 2021, p.129).

¹³ A epiderme é a camada mais externa da pele, aquela que podemos ver a olho nu.

¹⁴ A derme é uma camada mais profunda da pele, ela está localizada logo abaixo da epiderme. A nível conceitual, vale ressaltar que a derme é a camada responsável por nutrir a epiderme.

¹⁵ A Plataforma Lattes representa a experiência do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. Sua dimensão atual se estende não só às ações de planejamento, gestão e operacionalização do fomento do CNPq, mas também de outras agências de fomento federais e estaduais, das fundações estaduais de apoio à ciência e tecnologia, das instituições de ensino superior e dos institutos de pesquisa. Fonte: <https://lattes.cnpq.br/> Acesso em: 27 jul. 2023.

¹⁶ *Lugar de fala* é um conceito oriundo de teorias do feminismo negro norte-americano.

Desse modo, *Meu íntimo não é particular* se divide em seis pontos que considero marcos de intensa longa duração, os quais me guiaram a me tornar quem sou. Além dos que já mencionei, o marco que encerra a primeira Supernova é o meu encontro com a Performance Arte e o com o Ativismo. Compartilho ainda o momento que recebi a benção da “avó da Performance”. De antemão, digo que >>O entre é minha quebrada<<. Nasci e fui criada na favela e desde muito cedo percebi que pessoas faveladas eram tratadas de modo “diferente” em comparação às “pessoas de vila”¹⁷. Enquanto estudava na Escola Estadual República do Paraguay, que não ficava nas proximidades da favela da Vila Prudente, onde morava, era como se frequentasse dois mundos distintos. A diferença nas relações interpessoais era bastante evidente quando se sabia que uma criança era moradora de favela. Sendo ainda uma criança, eu não conseguia nomear esse “tratamento diferenciado”, mas intuía que era algo negativo. Escrevo isso com lágrimas nos olhos e uma revolta no peito, pois passei boa parte de minha infância e adolescência carregando um opróbrio que não me pertencia, ele me foi enfiado goela abaixo por uma sociedade perversa e classista, que utiliza todas as ferramentas possíveis para subalternizar e ferir nossas subjetividades faveladas. Quando compreendi que a sociedade em que vivemos foi forjada por uma estrutura de opressão, senti muita raiva por ter permitido que ela tivesse êxito, ao menos em uma fase de minha vida.

Só que a vibratilidade da raiva pode ressoar também como potência. Portanto, me permiti senti-la, e devo dizer que ela me ajudou a estar aqui com uma esperança viva. Essa esperança sinaliza que não só é possível *adiar o fim do mundo* (KRENAK,2019)¹⁸, como também confabular outros mundos possíveis, forjados por uma ética comprometida com o bem-viver de todas as espécies.

Para ser sincera, a normatividade nunca me interessou, realmente sentia - e sigo sentindo - muito desinteressante a padronização. Não só desinteressante como nociva, ao tentar segui-la acabamos por nos perder de nós mesmas. Mas vamos deixar pra aprofundar essas questões ao adentrarmos nas camadas de *Meu íntimo não é particular*.

¹⁷ Em várias favelas de São Paulo, as pessoas moradoras frequentemente se referem às que não moram em favelas como moradoras de vila.

¹⁸ Aqui faço menção ao livro de Ailton Krenak *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*. Publicado pela Companhia das Letras, em 2019.

Na segunda Supernova, que intitulo → *Honro às Performers que vieram antes* ← Nesta etapa honro às artistas que pavimentaram o caminho antes de minha jornada no universo da Performance Arte e colocaram suas corpos em situação limite, seja ele físico ou moral, para abordar temas densos, destaco três nomes >> a colombiana, Maria Evelia Marmolejo; a cubana, Ana Mendieta e a brasileira Marcia X.<<. Me *fricciono* à elas por terem desafiado opressões, criticaram o patriarcado, denunciaram violências e fundiram o sagrado com o profano em suas obras. Cada uma enfrentou retaliações pelo impacto de seus trabalhos, que transcenderam o espaço tempo e se mostram pulsantes, desde suas existências materiais, meados dos anos 70, até os dias atuais A potência de suas criações geraram ondas vibracionais de intensa longa duração que consigo sentir hoje, aqui em 2024. O brinde a Maria Emília Marmolejo (1984, p.143) destaca sua obra crua "Anônimo 4", que questiona "o vir ao mundo onde não há benefícios nem tranquilidade para a pessoas recém nascida", enquanto Ana Mendieta é evocada pela performance "Rape Scene" (1973), que é uma obra/denúncia sobre um caso de estupro¹⁹ e feminicídio que aconteceu na mesma morada estudantil de Ana, em seus trabalhos ela reflete sobre questões como violência de gênero, identidade multicultural e ancestralidade, Márcia X é evocada por seu humor transgressor, exemplificado em "Desenhando com Terços", onde desenhava pênis com terços católicos, enfrentando censura mesmo após sua morte.

Faço o último brinde às artistas²⁰ cujos nomes foram apagados e negligenciados pela história, muitas vezes (muitas vezes mesmo!!!) marcada por uma perspectiva patriarcal demais, branca demais, eurocêntrica demais. Mulheres que, mesmo sem o devido reconhecimento, desempenharam papéis fundamentais no desenvolvimento da Performance Arte enquanto uma linguagem que se fricciona com as urgências de seu tempo.

A terceira Supernova sob o título → *PUNÇÃO - 00:00 - como a Performances nascem* ← adentramos na primeira etapa da Performance >> seu processo de criação. Quais são as primeiras percepções?

Como se dá o chamamento da criação?

¹⁹ O estupro por si só já um feminicídio.

²⁰ Cê acredita que o corretor ortográfico do google docs está me apontando que >>às artistas<< está incorreto e que o termo correto é " aOs artistas"?!

Como as agonias emergem e como identificá-las?

É possível extraí-las para examinar o que elas querem dizer? Se não fosse, eu certamente, implodiria. Sorte a minha, a corpa tem suas estratégias de sobrevivência e se apresenta como *o local de um saber em contínuo movimento de recriação, remissão e transformações perenes do corpus cultural e do tempo que o concebe e estrutura* (MARTINS, p.208). A corpa vibra, se comunica; os órgãos, com seus próprios ritmos e movimentos peristálticos abrem o portal para o *tempo espiralar*:



o tempo espiralar resulta de múltiplas implicações: a de um movimento cósmico, simultaneamente retrospectivo e prospectivo [...] e ainda a emanção e ressonância das forças e energias vitais que pulsam no movimento e asseguram a sobrevivência de todos os seres e do Cosmos e sua integridade e totalidade (Martins, 2021, p.207)

Confiar na sabedoria da corpa é importante pro autoboicote não mostrar seus dentes, digo isso porque ele já me mordeu e não foi nada gostoso. No caminho de onde as Performances nascem há lavas flamejantes que vem diretamente de >>meu<< inferno, passar por elas faz parte do processo.

As nebulosas são esplendorosas.

Quando acabei de tecer a terceira Supernova, olhei no relógio e era exatamente 00:00. Meia-noite é a hora que marca o início de um novo dia, achei simbólico (*e bem conceito*) trazer 00:00 para um momento em que falo como as Performances nascem.

Na quarta Supernova, que intitulo → *OBRAS RITO ou do Rastro à Reativação: bora falar de performances de intensa longa duração* ←, evoco a experiência vivida em quatro Performances autorais, são elas:

>> 'Estética da Via Crucis em Romaria', realizada pela primeira vez em 2010 na X Bienal do Recôncavo, no Centro Cultural Dannemman - São Félix/BA. Depois seguiu ativa enquanto performance itinerante trilhando as ruas de Salvador, Cachoeira, Porto Seguro e Vitória da Conquista por meio do Prêmio FUNARTE Artes na Rua (2013/2014). Também integrou a programação do Festival Feminista Vulva La Vida - Salvador/BA (2012) e do 24° Festival de Teatro do Agreste/PE (2014);

>> 'Das tripas... coração', realizada no Festival Latino Americano de Teatro (FILTE), que aconteceu em Salvador (2013); no evento Verão Cênico da Bahia (2013); na VI Bienal de Jovens Criadores da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que aconteceu em Salvador (2013), e foi realizada pela primeira vez na II Mostra de Performance da Galeria Cañizares, localizada na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (2012);

>> 'Reação em Cadeia: a gente se liga em você!', performance instalação realizada pela primeira vez na exposição Ocupação I, que aconteceu na Galeria Dos Conselhos - Salvador/BA (2012). Nos anos seguintes a obra participou do XXI Salão Regional da Bahia (2013), no qual ganhou o prêmio aquisição. Integrou a exposição Ocupação II, que aconteceu na galeria do Goethe Institut - Salvador/BA (2013). Fez parte da exposição das obras premiadas nos Salões Regionais da Bahia, que aconteceu no Museu de Arte da Bahia - MAM (2014). Também transitou pelos Festivais Latino Americano de Teatro (2017) e Internacional de Artes Cênicas da Bahia (2017);

>> 'Aquecemos corações a sangue frio', realizada pela primeira vez no Festival de Performance da Galeria Cañizares - Salvador/ BA. (2015). Nos anos seguintes a obra participou do X Encontro Excêntrico: dissidência, soberanias e performance, promovido pelo Hemispheric Institute - Santiago/CHILE (2016) e do Festival Tristes, Loucas e Más - Salvador/BA (2017).

Mais do que um memorial autonarrativo, nesta Supernova esmiuço como se deu o processo criativo desde o chamamento da obra para a criação, passando pela sua materialização até a pós performance e seus impactos de intensa longa duração.

Ao lembrar estas performances estou reativando a energia gerada por elas. As trago para a pesquisa por considerá-las obras rito em minha trajetória enquanto arti(vi)sta da corpa na medida em que elas me apresentaram que o limite do corpo pode até existir, mas o da *corpa* está muito além do que o patriarcado nos faz acreditar, e que o dilatar do espaço tempo é capaz de instaurar uma atmosfera poderosa que até então eu considerava indescritível de traduzir em palavras e que nesta pesquisa me propus a refletir sobre essa "atmosfera indescritível". Cheguei no

que nomeio *Corpa Nebulosa*. Neste ponto do percurso apenas apresento minhas primeiras reflexões sobre como ela surge, que nos direcionam para a Supernova seguinte.

Ainda neste ponto do escrito, entre uma performance e outra trarei um atravessamento violento que sofri e que teve grande impacto em minha vida, em minha corpa e em minhas obras seguintes. Intitulo → *O soco, a suspensão, a pausa* ←. O localizo no sumário com o número zero por considerá-lo o tempo fora do meu tempo. Ali eu morri. Mas depois renasci.

Por fim, chegamos na quinta Supernova, que intitulo → *CORPA NEBULOSA*
ou

matei o tempo ← Aqui é o momento da escrita no qual ativo a >>*Corpa Nebulosa*<< faço uma reflexão sobre o porquê cheguei até ela e como ela se manifesta em uma Performance de intensa longa duração, no caso, estou encarando o processo de pesquisa como tal, sobretudo no ato da escrita. Ressalto que aqui não há pretensão de estabelecer nenhum conceito fechado, até porque isso iria na contramão de uma das potencialidades da Performance Arte,

] que é não se fechar dentro de nenhuma
caixa [

Dito isso, afirmo que, ao tecer um possível novo conceito pretendo somar com uma constelação de vozes que me incentivaram a abrir possibilidades de reflexões para vivências que muitas vezes são difíceis de relatar/nomear, como é o caso da bruxaria/alquimia/magia que acontece em uma Performance de intensa longa duração que nasce a partir de temas densos e reverbera para além do espaço tempo.

Nos caminhos feitos por entre as Supernovas aparecerão os momentos *devaneios*, eles estarão transcritos em fonte *corrida*, alguns deles estão em um áudiário²¹ de criação - caso queira escutá-lo, um QRCode²² a direcionará para a gravação.

²¹ Mescla das palavras: áudio e diário.

²² Lembre-se que é preciso habilitar a câmera do seu celular para que ela reconheça o QRCode e faça a leitura sem problemas. Um outro modo de ler QRCode pelo celular é abrindo o aplicativo

As considerações finais são feitas sob o título → *O SOPRO DA POEIRA CÓSMICA* ←

Outro ponto importante a partilhar sobre o universo simbólico que permeia esta pesquisa é que ao iniciar o mestrado coloquei a limitação de me vestir monocromaticamente, branco foi a cor que me chamou. Inquietante pensar o porquê foi a cor branca que se apresentou para mim como a cor das vestes que iria me acompanhar no início de uma nova jornada. Será que meu subconsciente absorveu a ideia do cubo branco, conceituado como um "espaço neutro" pronto para ser preenchido por obras de arte? Talvez tenha sido influenciado pela metáfora da tela em branco, aguardando ser transformada por formas, cores e conceitos. Ou seria o oposto, já que na teoria das cores, o branco resulta da reflexão da mescla de várias cores? Fato é que estou mais para uma mistura caótica do que para uma entidade neutra e virginal que adentra num espaço de produção de conhecimento prontinha para ser preenchida por conceitos acadêmicos.

Ainda há o fato de que, em algumas crenças religiosas - tenho que convir, vivo num país cheio de sincretismo religioso, certamente, no campo subjetivo, estou impregnada por simbologias que transitam nas camadas místicas -, o branco é a cor usada quando se está vivendo algum rito, alguns envolvem, inclusive, resguardo. No atual momento, isolar-me, como uma eremita, é crucial para aprofundar na pesquisa. Tenho dificuldades em focar, e, se me permito muitos encontros, sou às vezes atravessada por demandas que nem minhas são. Algumas religiões de matriz africana têm *Iroko*²³ como o orixá Tempo e uma de suas cores é justamente o branco.

Estudos cosmológicos aventam a possibilidade de buracos brancos²⁴, embora sua existência ainda não tenha sido comprovada. Se existirem, desempenhariam o oposto dos buracos negros, expelindo tudo que tentasse se aproximar. Essa teoria

Google e, na barra de pesquisa, clique no quadradinho colorido de câmera que aparece ao lado do microfone.

²³ *Iroko, Iroco ou Roko (do iorubá Íròkò) é um orixá cultuado no candomblé do Brasil pela nação Ketu e, como Loko, pela nação Jeje. Corresponde ao Inquice Tempo na nação Angola ou Congo. Fonte: <http://jeffcelophane.wordpress.com/2011/02/09/senhores-da-terra/>. Acesso em: 12 jan. 2024.*

²⁴ A possibilidade da existência de buracos brancos foi apresentada pelo cosmologista russo Igor Novikov, em 1964.

me surgiu durante as leituras sobre poeiras estelares, abrindo reflexões instigantes sobre as dualidades do Cosmos (que também somos).

No seio do qual fui criada, aprendi que roupas brancas nos lembram da finitude da vida, já que as pessoas são enterradas vestidas de branco ao deixarem este plano terrestre. Creio que minha intuição ao escolher as roupas brancas deriva deste canal imagético, da tentativa de manter ativa na consciência a transitoriedade da vida. Para nós, pessoas dissidentes, deixar um legado no campo dos saberes torna-se um compromisso com as futuras gerações - e também com as urgências do agora.

O campo conceitual pode nos levar para um caleidoscópio de possibilidades, no entanto no campo material a realidade se mostrava bem concreta, e lhe digo qual era: a gata aqui tinha apenas umas duas camisas brancas. Iniciei, então, uma saga que já gosto de fazer, ir em brechós. Com menos de 250 reais montei um novo guarda roupa. A mescla do branco da roupa com o vermelho da corazona, que é nossa guia, resulta em uma tonalidade de rosa = cor que, então, pinteí parte do meu cabelo. Por que eu tô falando sobre roupas e cabelo por aqui? Porque esses pequenos ritos estéticos funcionam como um tipo modo >>ativar<< o estado pesquisadora e eles me mantêm diariamente conectada com a pesquisa²⁵ - não só eles, mas também eles. Nesta pesquisa reflito sobre corpa, tempo de intensa longa duração e poeira estelar, por conta disso desejei me inundar de elementos simbólicos que me conectem ao meu estudo, uma imersão que levará dois anos para ser concluída.

Só sei fazer gostoso se estiver imersa...

... Há de a ver prazer na academia

Aproveito para dizer que adoraria que me lêsse os lábios enquanto dançamos rosto a rosto por esse mar de letras que já estamos, pra você perceber,

²⁵ Além do quê, vou te contar um segredo: fiz foi uma promessa, vestir apenas roupas brancas desde o início do mestrado até a defesa final, caso entrasse e conseguisse uma bolsa. Pode parecer uma pequena contradição em relação à minha rebeldia em romper com as crenças religiosas nas quais fui criada, não é mesmo? Mas algumas contradições fazem parte da condição humana. E se eu te contar que, para entrar na graduação, fiz a promessa de consumir apenas líquidos durante a fase seletiva até o resultado final (um período de cerca de três meses), você acreditaria? Pois fiz. Nem quero imaginar qual será a promessa para ingressar no doutorado, espero ter a oportunidade de compartilhar isso contigo quando chegar o momento.

de imediato, que abro mão de um texto asséptico cheio de palavras complexas que normalmente estariam fora de meu vocabulário habitual, prefiro um estilo de escrita que está mais próxima de uma conversa onde há palavras coloquiais, gírias, não se surpreenda se encontrares, entre parênteses, a descrição de alguma manifestação de emoção, e sim, vez ou outra usarei palavras mais rebuscadas, porque também sou dessas (*crisis*). Digamos que faço uso de uma escrita não normativa em busca de uma conexão “mais quentinha” entre mim e você. A escolha linguística é baseada nos territórios que transito, nas práticas ativistas transfeministas, assim como da comunidade LGBTQIAPN+, a exemplo da palavra/conceito *corpa*, que vem sendo utilizada pelos movimento ativistas com o intuito de expressar, a partir do deslocamento de gênero da palavra corpo, que não há universalismo em existências múltiplas, a vida é cheia de possibilidades, existir enquanto corpO é só uma delas, existem outras tantas corpAs porosas e fluídas que, diga-se de passagem, são tão mais empolgantes que não cabem dentro de uma única fôrma generificada.

Somos corpas múltiplas!

Aqui não vai rolar escrita androcêntrica, não! Afinal

↙
a linguagem é também um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para recuperar a si mesmo — para reescrever, reconciliar, renovar. Nossas palavras não são sem sentido. Elas são uma ação — uma resistência. A linguagem é também um lugar de luta (hooks, 2019, p.58)²⁶.

Só pra constar, grande parte desse escrito se dá em primeira pessoa, como já sinalizei desejo que nosso lance seja pessoal e afetuoso, ponto que quando a escrita estiver na primeira pessoa do plural é porque quero evidenciar o nosso encontro.

Devo lhe fazer mais algumas considerações no que tange a linguagem:

Nos momentos em que não forem possíveis deixá-la em gênero neutro, utilizarei adjetivos e artigos femininos como um exercício de provocação para tecermos, cada vez mais, epistemologias feministas ou pelo menos propor uma

²⁶ hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo, Elefante, 2019.

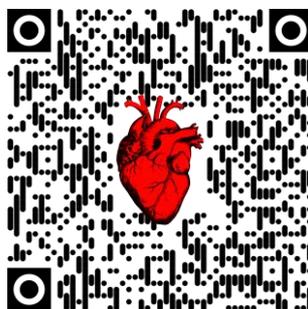
escrita que não se sistematize em uma lógica androcêntrica. Quando fizer uso de um termo masculino genérico universalizante é justamente para enfatizar - também - a questão patriarcal no que está sendo dito.

Quando citar a palavra “sistema” no decorrer do texto, esta será escrita com o prefixo “cis”, abreviação da palavra cisgênero, como forma de evidenciar a hegemonia normativa de gênero nas estruturas sociais como um todo, portanto ela aparecerá escrita como cistema.

O intuito de utilizar letras maiúsculas fora dos acordos normativos da ABNT²⁷ é para enfatizar o que está sendo dito, digamos que é uma leve alteração no tom da voz.

Por fim, durante o percurso encontrarás um ou outro QRCode, aqui explico melhor a função dele = caso deseje, basta apontar seu celular para o QRCode que você será direcionada para a música que embalou a escrita do ponto onde a imagem está, ou para algum *devaneio* sonoro que gravei durante o mergulho na criação desta pesquisa. As gravações/*devaneios* estão no podcast *Sonoridades da Cardiossertação*.

Deixo aqui o primeiro ↴



Podcast: Sonoridades
da Cardiossertação
Episódio: Anseios da
Escrita
Acervo da autora, 2023

Vamos aos caminhos intergalácticos. Não antes de saudar Zé Celso Martinez Correia que encantou-se enquanto estou aqui a pensar sobre arte, corpa, liberdade e poeira estelar.

Zé foi pra morada do Sol...

²⁷A Associação Brasileira de Normas Técnicas é uma entidade privada sem fins lucrativos que tem por objetivo padronizar as técnicas de produção do Brasil. A ABNT é responsável pela elaboração das Normas Brasileiras (ABNT NBR), elaboradas por seus Comitês Brasileiros (ABNT/CB), Organismos de Normalização Setorial (ABNT/ONS) e Comissões de Estudo Especiais (ABNT/CEE). Fonte: <https://www.abnt.org.br/>. Acesso em: 01 ago. 2023.

Grata pelo desbunde, Zé (*olhos marejados*)

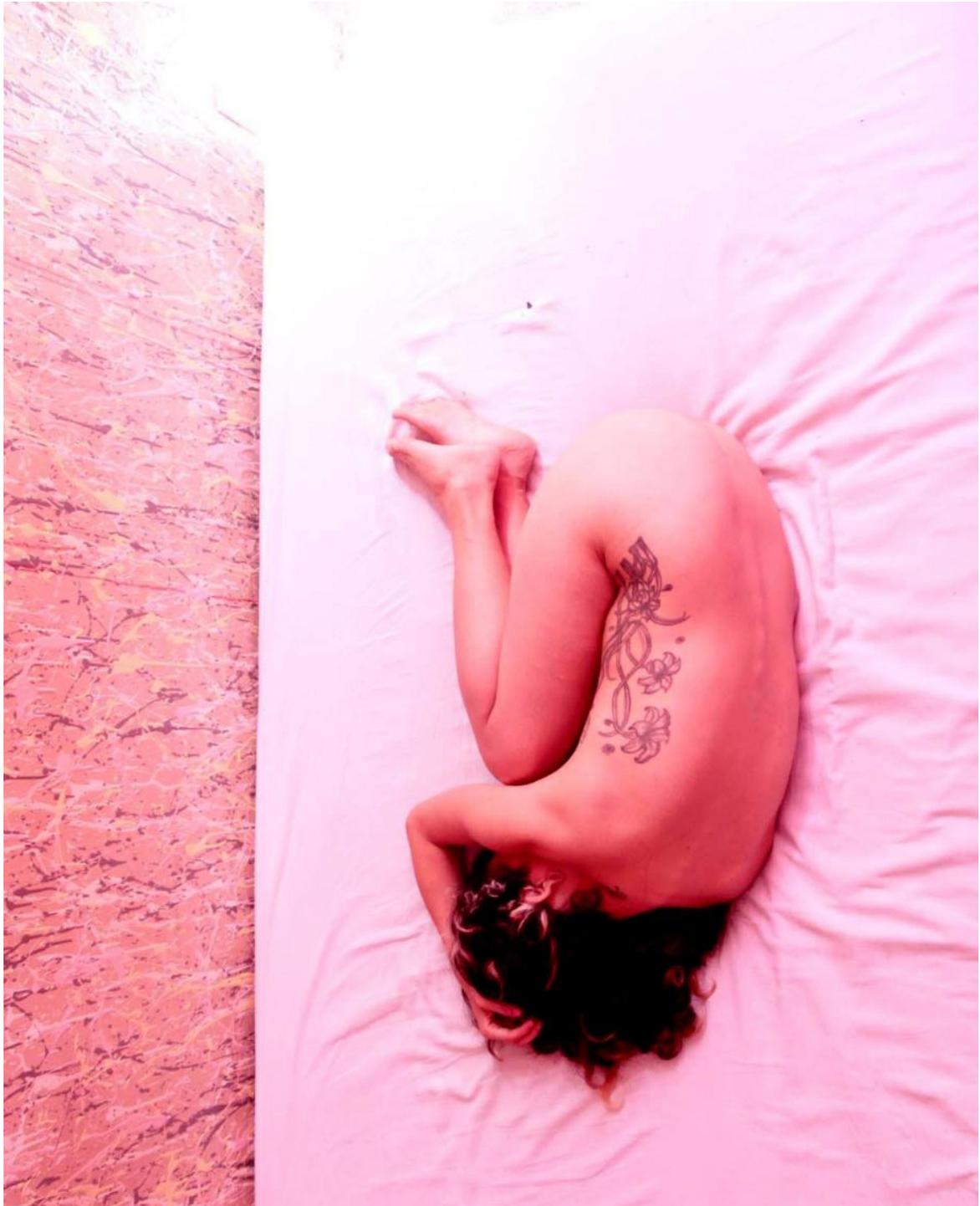
...

Agora sim, adentremos

...



SUPERNOVA



²⁸ Acervo pessoal da autora. 2017. Foto: Taliboy.

1 MEU ÍNTIMO NÃO É PARTICULAR

Esta é uma pesquisa que nasce de anseios encontrados nas artérias de minha corazona, digo isso logo aqui no início de nosso encontro para elucidar a maneira um tanto pessoal que vou me dirigir a você que me encontra em forma de pensamentos escritos na nuvem²⁹. Creia, têm pedaços de minha carne em meio estas palavras, se você se permitir abrir um pouco mais os seus sentidos para além do racional (caso eles ainda não estejam abertos) poderá sentir o cheiro de alfazema que perfuma estas páginas e o calor que está saindo da ponta de meus dedos que dançam pelas teclas, repletas de pelos felinos, do computador. Desejo que nosso encontro seja tão profundo quanto o mergulho que estou fazendo em mim mesma para materializar esta pesquisa. A lua em câncer que me rege garante, estou indo fundo e cada vez mais, ela não me permite ficar na superficialidade das sensações, o sol em gêmeos³⁰ é quem me salva, é ele quem me resgata das profundezas das emoções e dos devaneios.

Há de se comunicar com o Mundo!



Meu sol me grita ao pé d'ouvido. E cá estou eu, desejosa de me apresentar a você tal qual me coloco no Mundo. Assim farei, creio que um encontro *politicamente pessoal*³¹ torna o momento vivido mais prazeroso. São raros os ensejos onde a abertura do peito é uma premissa, desejo que aqui seja um deles, desse modo, dizer

²⁹ Me pergunto se há necessidade de notas de rodapé para metáforas ou uso de simples polissemia, elementos que uso bastante no decorrer deste escrito. Pontuo que nem sempre usarei esse recurso, nota de rodapé, creio que a liberdade de leitura também deve estar presente em textos acadêmicos, no entanto, como essa foi a primeira polissemia que usei a explicarei: nuvem tem seu sentido poético como um elemento que condensa partículas e se transmuta em outro elemento, mas nesse caso uso o sentido de nuvem virtual. Estou escrevendo a dissertação no google docs online justamente para não correr o risco de dar uma pane no meu velho computador ocasionando a perda do material. Alguns traumas nos ensinam algo (*risos reflexivos*).

³⁰ Acho importante dizer que meu ascendente é libra. Digo isso pra você entender que às vezes é um tanto difícil não devanear. Sou ar com ar, vez ou outra me permitirei abrir um link de um pensamento, e quando necessário for, trarei esses devaneios para as notas de rodapé (*risos reflexivos ou emoji da mãozinha no queixo com uma sobrancelha levantada*).

³¹ Aqui evoco o slogan “o pessoal é político” que caracteriza a segunda onda feminista para dizer que a escolha de estruturar esse escrito de um modo menos formal e mais pessoal também é uma escolha política essa escolha se dá na tentativa estabelecer uma troca real entre minha existência e a estrutura acadêmica.

de onde vim e quais são os marcadores que me atravessam diz também sobre o tipo de arte que faço assim como os rumos que esta pesquisa tramou..

Em 1986, em um cenário de uma democracia ainda em início de retomada, nasce essa que vos fala, filha de uma pernambucana e de um cearense que migraram do Nordeste e se encontram na Favela da Vila Prudente, zona Leste de São Paulo e é de lá que vem meu primeiro marcador social. Demorei alguns anos para me apropriar dele enquanto identidade, te explico esse babado mais adiante..

Antes de seguir, compartilho o fruto de um exercício proposto pela professora Andrea Stelzer³² em uma das aulas da matéria *O documento como disparador de afetos: uma experiência artístico-pedagógica a partir do real*, na atividade deveríamos contar a história de nossos nomes, e lá fui eu voltar à uma angústia antiga = tentar encontrar o que me roubaram. Como pode alguém não ter acesso à própria história? Nêgo Bispo³³ responde contando uma parte da história dessa terra chamada, hoje, de Brasil:

Como sabemos, esses povos (*originários*) possuem várias autodenominações. Os colonizadores, ao os generalizarem apenas como “índios”, estavam desenvolvendo uma técnica muito usada pelos adestradores, pois sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o seu nome.

Ou seja, os colonizadores, ao substituírem as diversas autodenominações desses povos, impondo-os uma denominação generalizada, estavam tentando quebrar as suas identidades com o intuito de os coisificar/ desumanizar (Bispo, 2015, p. 27)³⁴.

³² Andrea Stelzer é professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ Cap-UERJ; professora colaboradora da Pós-graduação em Artes da UERJ/PPGARTES na linha de pesquisa Arte, pensamento e performatividade. Coordenadora do projeto de pesquisa “Performatividade e subjetividade: o trabalho com documentos, memória e testemunho como experiência artístico-pedagógica”; autora dos livros “A escritura corporal do ator contemporâneo” (Confraria do vento, 2010) e “A dramaturgia do ator e a poética do real: o teatro documentário no Amok Teatro e no Théâtre du Soleil” (Eduerj, 2021). Fonte: <https://www.ppgartes.uerj.br/andrea-stelzer/> . Acesso em: 02 ago. 2023.

³³ Antônio Bispo dos Santos nasceu em 1959 no vale do rio Berengas, Piauí. Lavrador, formou-se com os saberes de mestras e mestres do Quilombo Saco Curtume, no município de São João do Piauí, e foi o primeiro de sua família a ser alfabetizado. Desde cedo, foi incumbido de desenvolver a habilidade de traduzir para a escrita a sabedoria de seu povo e mediar as relações com o Estado, cuja violência se manifesta, também, pela invalidação da oralidade. Como liderança, atuou na Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (Cecoq/PI) e na Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq). Sua atuação política nos movimentos de luta pela terra ancora-se na cosmovisão dos povos contracolonizadores. Nêgo Bispo, como também é conhecido, é autor de vários artigos, poemas e do livro *Colonização, Quilombos: modos e significações* (UnB/INCTI, 2015). Fonte: <https://www.ubueditora.com.br/autor/antonio-bispo.html> . Acesso em: 12 jul. 2023.

³⁴ Trecho do livro *COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS: modos e significações*, publicado em 2015.

Ao realizar a atividade, lembrei histórias contadas por meu pai e minha mãe sobre suas memórias de infância. As que eu consegui captar em lembranças de tom sépia, com nuances de opacidade, inspiraram a criação deste poema:



Minha mãe e meu pai se encontram fugindo
fugindo daquela vida agreste
Dona Maria e Seu Roberto nasceram lá... pois é...
sou de lá
mas também sou de outro lugar
fui pra lá já adulta cavucar essas minhas raízes difíceis de encontrar

Ahhh se Abya Yala ainda fosse

Estou eu cá a relatar que
meus mais velhos pedaços
viveram...
caminharam...
migraram...
dançaram ao som da natureza e da sanfona
Nas rachaduras do sertão minhas águas ainda tentam irrigar essas minhas
raízes difíceis de encontrar

Vó Maria Tereza se dividiu em muitos afluentes
um deles foi quem me gerou
também Maria
Maria Ginaldete
as duas “dos Santos”
mistura de sangue
e de nome
Santos...
foram tantos que tentaram camuflar nossa história, a originária, Maria Tereza
pertence à Abya Yala

José João “dos Santos”
bem no meio do sertão pernambucano
se enamorou por Sebastiana, a “Severina”
essa era “de Jesus”
não sei ao certo em que ano, mas sei que ela deu a luz
mais um homem apareceu
vô Pedro José “dos Santos”

Rebobinando a teia da vida
voltarei a falar das Marias
Maria Tereza, aquela “dos Santos”
saiu do ventre de Maria Tereza, essa era outra “de Jesus”, isso lhe disseram,
mas seus longos cabelos pretos não permitiram invisibilizar seu verdadeiro
lugar
Filha de Abya Yala retada segurou de vez um guerrilheiro de sertão
que não tinha nada de “dos Santos”
muito menos “de Jesus”
Sebastião Manuel de Brito
sobreviveu a grande seca...
se casou y se livrou de perder a cabeça
pois ele foi um bandoleiro
um cangaceiro do temido Lampião.

Também sou homem
sou pedaço de homem cearense
Roberto Félix do Nascimento, nascido de dona Antonia, mulher braba, mulher
valente
que ficou por muito tempo junto a uma figura que matava sua sede
com água... mas era a ardente
vô Félix
José Félix do Nascimento
que caçava bicho no mato sem muito lamento, afinal precisava de alimento,
época de fome, época de sede.

Tantos nomes que ainda não conheço tenho espalhados em minhas veias
afluentes
tantas histórias me foram roubadas quando as caravelas aqui chegaram
histórias escritas na caatinga
nas paredes da casinha de taipa
nas ocas um dia habitadas
histórias de felicidade simples
e de resistência Pindorâmica

Sinto através de minhas lembranças ainda não lembradas
que meus ancestrais, minhas ancestrais estão em mim
não no que dizem ser meu sobrenome
mas nos olhos pequenos e puxados
nos cabelos ondas
na pele paleta barro vermelho, jenipapo, urucum

sou artesanía originária

Meu pai Roberto dizia que lá no Ceará gostava era de caçar preá
lembranças agrestes
memórias mosaico
chapéu de palha
açude pra nadar
cabaça pra brincar

Minha mãe Maria, menina da terra que não cresceu em sua comunidade
originária
brincava com bonecas de pano feitas por ela mesma
filtro de barro, terra quente, bananeira, seriguela,
mandacaru

Surgiu do fogaréu do chão rachado
tão bem caminhado
por dois sonhos peregrinos
Que se encontraram na Favela da Paulicéia, aquela desvairada

só que de quebrada.

Dizem, Roberta Santos Nascimento, esses sobrenomes são genéricos, eu sei, já que sou também Brasil, mas antes sei que sou Abya Yala, Pindorama e ainda vou tocar essas minhas raízes tão difíceis de encontrar.

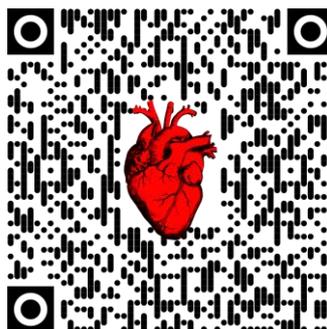


Collage digital criada a partir de uma fotografia tirada em meu quarto durante a pandemia da covid 19. Na obra coloco minha corpa envolta à signos que remetem à minha história ancesre. Visto uma camisa vermelha de minha mãe, vermelho inclusive é sua cor favorita, atrás de mim há a árvore favela, nos olhos urucum, que minha mãe usa na feitura das comidas, na cabeça uso o boné de meu pai que foi sindicalista metalúrgico, na mão esquerda seguro o jarro que minha mãe colocou em meu quarto durante a época da pandemia, dizia ela que as espadas de São Jorge eram para me proteger de todo o mal.

Título: Proteção y Luta
Fonte: Acervo pessoal da autora, 2022.

Será que se cavucar pode ser uma metodologia?

Bora descobrir...



Playlist Sonoridades
da Cardiossertação
Música: Por dentro da terra,
de Kaê Guajajara
Acervo pessoal, 2024

...

Devidamente apresentada, sigamos com o escrito



1.1 Encontro com a Arte

Desaguei³⁵ na arte pela urgência de me expressar, de expressar tudo que atravessa/va minha corpa, embora não tivesse uma exata consciência disso quando comecei a fazer arte. Eu era jovem e meus hormônios estavam fervilhando, me empolgava fácil fácil por muitas coisas.

³⁵ la escrever “Fui parar na arte[...], porque tive essa sensação também, sabe quando você está caminhando e esbarra em algo tão impressionante que lhe dá a sensação que o tempo parou? Então, foi meio isso que senti naquele momento, no entanto optei pelo uso do verbo desaguar pela sensação de movimento que essa palavra traz que também senti no encontro que tive com a arte, no caso, o teatro. Quando me descobri artista tive a sensação de sair de um corpo em estado sólido e ir para uma corpa em estado líquido.

Meu primeiro contato com a arte enquanto criadora - não enquanto espectadora - foi quando ingressei no ensino médio. A escola em que eu estudava, Escola Estadual Professor Américo de Moura EEPAM, aos finais de semana era ocupada por um grupo de teatro que usava uma das salas para ensaiar. Um dia uma das atrizes passou de sala em sala convidando as³⁶ estudantes para assistir os ensaios e conhecer o grupo.

O desejo de fazer teatro já existia dentro de mim, só que eu não via muitas possibilidades de concretizá-lo pois no final dos anos 90 do século XX as escolas de teatro em São Paulo eram pagas e caras, ao menos na região em que eu morava. Fiz uma peça ou outra na igreja da minha favela³⁷, mas esses espetáculos aconteciam em momentos pontuais de alguma festividade religiosa, eu gostava dos ensaios, mas os temas não me atraíam tanto (*risos*).

Aceitei o convite, coloquei minha melhor roupa e às 9:00 horas de um sábado do início do século favelado em que vivemos fui assistir o ensaio do *Mimestai*³⁸, saí vibrante. No domingo estava eu novamente na sala de ensaio com pessoas que embora tivesse acabado de conhecer já me pareciam íntimas. No final de semana seguinte recebi um caderninho com vários recortes de panfletos colados, em um deles dizia:

Não há fórmulas prontas dentro do Teatro; assim tentamos abrir janelas diversas, de modo a levar os atores a um mergulho sem rede de proteção (...). A unidade espaço/tempo/elemento é essencial no processo de integração do coletivo ao universo, à vida, ao Teatro. (...)Teatro é uma brincadeira seríssima, que trabalha com a matéria humana e sua inter-relação, visando sempre o coletivo. E que fique aqui explícito o que é o mau ator, é aquele que não respeita o Teatro ferindo-o, assim como aos seus companheiros, tornando difícil o processo do coletivo.

Sempre que uma nova pessoa passava a integrar o grupo, lhe era apresentado os pensamentos que permeavam as criações artísticas do *Mimestai*.

Nos finais de semana, das 9:00 horas da manhã até as 18:00 da noite dos dois anos seguintes, integrei aquele coletivo que me apresentou o que era viver em

³⁶ Ao usar artigo feminino não quero dizer que foram só estudantes mulheres que foram convidadas, estou apenas evitando usar o masculino como gênero universal.

³⁷ Favela da Vila Prudente (ou Comunidade São José Operário), localizada na Zona Leste de São Paulo.

³⁸ Grupo de Teatro Amador fundado pelo diretor e professor Milton Cardoso, em 1993, na cidade de São Paulo.

teatro de grupo, fui tomada por uma gostosa sensação de fazer parte de algo que construía poesia em cena por meio de muito suor. Digo isso porque o trabalho de corpa do grupo era bem intenso, suávamos muito na sala de ensaio.

A primeira vez que pisei no palco, lembro-me,

[quando as cortinas se fecharam]

chorei,

senti uma emoção difícil de descrever.

Foi o teatro de grupo amador quem me apresentou *Fedra*³⁹, *Antígona*⁴⁰ e *Medeia*⁴¹, também a *Commedia dell'arte*⁴² e um tal *Burguês*⁴³ *Fidalgo*⁴⁴. Tudo muito europeu, né? Eu sei, mas foi o que foi e ter tido contato com aquelas dramaturgias fez ampliar meus horizontes.

Descobri que diretores regidos sob o signo de áries são super rigorosos (*risos*).

Em 2001, ano em que integrei o elenco da peça *A Nova Roupa do Rei*⁴⁵, participamos do XVII Festival da Federação Paulistana de Artistas Amadores -

³⁹ Na Mitologia Grega Fedra é filha do rei Minos, de Creta, e segunda esposa de Teseu. A tragédia de Fedra narra sua paixão por seu enteado e todos os eventos trágicos que seguem em consequência disso. Existem versões escritas pelo grego Eurípedes, pelo filósofo romano Sêneca e pelo poeta francês Racine. A que tive contato na época narrada foi a Fedra de Sêneca e devo dizer que ela é uma figura extremamente vilanizada, mas isso é assunto pra outro escrito.

⁴⁰ Antígona habita a Mitologia Grega e é filha de Édipo. Antígona é uma mulher forte que desobedece a uma ordem do rei e a peça de Sófocles, a qual tive contato na época narrada, apresenta suas argumentações em defender seu direito de enterrar o próprio irmão. Mulheres fortes são punidas pelo patriarcado e no caso de Antígona não seria diferente. In SÓFOCLES. A trilogia tebana: Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

⁴¹ Medeia talvez seja uma das personagens trágicas mais conhecidas. A tragédia de Medeia narra a vingança de uma mulher traída. Vou nem comentar nada sobre isso até porque hoje em dia a narrativa que coloca em cena o infanticídio cometido por Medeia, movida pelo sentimento de vingança, ganhou diversas releituras, como o solo *Medeia Negra* (2018), da atriz baiana Márcia Limma. Sobre Medeia Negra ver: <https://revistaafirmativa.com.br/espetaculo-solo-medeia-negra-com-marcia-limma-e-exibido-no-enxurrada-casa-preta-iii/>. Acesso em: 02 ago. 2023. EURÍPIDES. Medéia. In: ÉSQUILO; SÓFOCLES; EURÍPIDES. Prometeu acorrentado; Édipo Rei; Medéia. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

⁴² A *Commedia dell'arte* está ligada a uma forma de fazer teatral popular e improvisada, surgiu na Itália em meados do século XV.

⁴³ Nos ensaios do espetáculo *O Burguês Fidalgo*, eu finalmente entendi o quê era o “burguês” citado pontualmente em alguma aula de história. Se a ludicidade fosse mais usada nas escolas públicas (me refiro às escolas públicas porque foi as que estudei), talvez o aprendizado fluísse melhor.

⁴⁴ CARRASCO, W.. O burguês fidalgo / Molière; Tradução e adaptação, organização e apresentação Marisa Lajolo. – 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2003 (Coleção Palavra da Gente; V. 5. Peça teatral).

⁴⁵ A peça *A roupa nova do rei* é uma adaptação do conto do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, publicado em 1837.

FEPAMA, no qual recebemos as premiações de Melhor Espetáculo Infanto-Juvenil de Crítica e de Público. No mesmo ano participamos ainda do 28º Festival de Teatro Amador do Estado de São Paulo, em Santos, recebemos as premiações de 2º Melhor Espetáculo, Melhores Atores, Melhor Sonoplastia e Melhor Expressão Corporal. Lembro-me que recebemos um prêmio em dinheiro que dividido entre cada integrante resultou em setenta reais (*era uma grana, na época, (risos)*). Fiquei feliz me sentindo a atriz premiada. Com esse meu primeiro cachê fiz dois piercing's no umbigo. O diretor do grupo, Milton Cardoso, não achou um bom investimento, ele dizia que uma atriz tinha que deixar seu corpo o mais neutro possível. Eu queria ser atriz mas também queria ter poder sobre o quê colocar ou tirar de minha corpa. Estou com os piercing's até hoje.

Ainda em 2001, estreamos na II Mostra de Teatro do Projeto Ademar Guerra a peça *A Comédia do Coração*, uma comédia escrita pelo dramaturgo santista Paulo Gonçalves (1927). A narrativa desenrola-se no interior do coração de uma jovem apaixonada, e as personagens são personificações de sentimentos e emoções, tais como >> Paixão, Alegria, Razão, Ódio, Medo, Dor, Sonho, Ciúme e a Desconhecida (Saudade).

Fui eu quem deu vida à Dor. Na época, com meus quinze e poucos anos, não tinha noção da profundidade que a Dor poderia alcançar. Anos depois, tive o privilégio de conhecer Vilma Piedade (2017, p.17)⁴⁶, que me apresentou o conceito de *Dororidade*. No livro de mesmo nome⁴⁷, ela nos diz que a *Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo* e nos faz refletir sobre uma 'culpa' milenar:

↓

Será que a Dor une todas as mulheres? Lembram-se de quando Eva instigou Adão a comer a maçã, lá no Paraíso? A culpa de Eva, de ter feito a Humanidade cair em “pecado” e perder o “paraíso”, nos acompanha há milênios (Piedade, 2017, p.119).

⁴⁶ Vilma Piedade é graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Pós-graduada em Ciência da Literatura, autora do Livro “Conceito Dororidade”, publicado em 2017, pela Editora Nós. É palestrante e colunista, com dezenas de artigos publicados em várias mídias. Fonte: <https://www.grupomulheresdobrasil.org.br/tocando-no-assunto-com-vilma-piedade/#:~:text=Vilma%20Piedade%20%C3%A9%20graduada%20em,artigos%20publicados%20em%20v%C3%A1rias%20m%C3%ADdias>. Acesso em: 02 ago. 2023.

⁴⁷ PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

Retornando para a sala de ensaio >> o processo para ativar a personagem Dor em mim foi um babado muito intenso, eu nunca havia experienciado nada igual e durante aquele processo de criação pensei:

Quero mais, hum, quero muito mais disso aqui!

Guardei aquela sensação no meio do meu peito.

Chorei sozinha no meu quarto quando o grupo se desmembrou.

...

Muitos momentos de choro, né? Lua em câncer, é o que digo



Frames da vídeo performance 'Um minuto de silêncio...para nascer de novo'

Captação de imagem: Taliboy

Acervo pessoal da autora, 2014

...

1.2 Veganismo para além do prato

Ecologia sem luta de classe é jardinagem
(Chico Mendes)

Início esse nosso percurso com a frase de Chico Mendes⁴⁸ para localizar qual terreno veg⁴⁹ vamos caminhar, acho importante fazer essa pontuação antes de qualquer outra pra tirar possíveis lentes gourmetizadas que você possa ter a respeito do veganismo, porque sim, o neoliberalismo já se apropriou de mais essa luta que, como outras, acabou por ter que desenvolver suas vertentes, aqui falo da vertente do veganismo popular antiespecista que está muito mais próxima da senhora da

⁴⁸ Francisco Alves Mendes Filho, conhecido como Chico Mendes foi um ambientalista, sindicalista, seringueiro e símbolo da luta pela preservação da Amazônia. Foi assassinado em 1988 por fazendeiros opositores à sua luta.

⁴⁹ Abreviação do termo Veganismo.

feira que vende ervas, folhas e frutos do que do leite de amêndoas produzido pela Unilever⁵⁰.

Lembra que te falei lá no início de nosso encontro que te levaria para conhecer os *Ritos* que marcaram minha vida, vamos ao primeiro. Esses momentos emblemáticos chamarei de >> cair de fichas <<⁵¹.

A primeira ficha que me caiu na vida, em termos de estar seguindo um rumo que não era de meu pleno agrado pois não era eu quem o estava desenhando. Digo, a sensação é que eu estava sendo empurrada a caminhar num terreno que nem prazer me dava, foi mais ou menos aos quinze anos de idade, época em que eu consegui formular dentro de mim o porquê desde criança eu não apreciar comer carne. Não me atraía o gosto, não me atraía a textura, não me atraía o cheiro (acho se você perceber o cheiro da carne sem tempero pra “disfarçar”, você também irá se incomodar). Um certo dia olhei para o prato e pensei

NÃO FAZ SENTIDO!

Juro, parece que até ouvi o barulhinho da ficha caindo dentro da minha cabeça 📌. Concluí que aquilo que chamavam de *mistura*⁵² era, na verdade, a materialização do sofrimento de um ser que passa toda uma vida em confinamento, exploração e objetificação. Quando fêmeas e capazes de gerar vida ainda sofrem com a questão da gravidez compulsoriamente feita por um ciclo infinito de inseminação, gestação, parto, dor da separação (quando lhe arrancam o bebe⁵³) e

⁵⁰ A Unilever é uma multinacional conhecida no meio vegano por testar em animais, mas ainda assim ganhou “selos cruelty free” em alguns de seus produtos por afirmarem que estes não seriam testados em animais, muito embora contenham ingredientes vindos da exploração animal. Esse debate sobre os selos veganos é extenso e polêmico porque algumas pessoas consideram que o importante é a empresa ser comprometida com a não exploração de um modo geral e em todos seus produtos, outras já acham que se a empresa desenvolve um produto dentre vários e esse >> um << não é testado em animal, então ok, ele pode ser considerado vegano, já digo que eu discordo desse segundo grupo.

⁵¹ Quem é do século passado certamente entendeu a expressão, quem não é, explico: antes da era dos celulares, existiam telefones públicos, conhecidos como orelhões, para efetuar uma ligação era necessário o uso de uma ficha de metal, quando a ligação era concluída ouvia-se o barulhinho da ficha caindo. Ficha cair = conexão realizada = entendimento a respeito de um determinado assunto.

⁵² Termo que meu círculo familiar, assim como muitas famílias brasileiras, usam para nomear a carne enquanto alimento.

⁵³ Sobre esse ponto veja o relato de uma ex-fazendeira da indústria de laticínios:
https://www.youtube.com/watch?v=3fDACUasT2A&ab_channel=OHA%28Arquivo%29

tudo tem início outra vez até o fim de sua vida, Carol J. Adams⁵⁴ chama de *proteína feminizada*⁵⁵(2018) a “proteína” produzida por uma corpa que tem agregado em seu sofrimento a questão do ato de gestar⁵⁶. É assim que vivem bilhões de animais não humanes⁵⁷ chamados de “animais de corte” e/ou “galinhas poedeiras” e/ou “gado leiteiro”⁵⁸ - dentre outras denominações.

Inicialmente parei de comer apenas as carnes que até então eu consumia (boi, vaca, embutidos como salsichas, peixe, frango, galinha, peru (porco eu nunca comi)), ainda desconhecia as várias camadas de perversidade que há em uma sociedade que tem o especismo⁵⁹ como um de seus pilares. Durante um ano pesquisei sobre o assunto, vi filmes - em 2002 não havia tanto material disponível como tem hoje em dia, o site do Instituto Nina Rosa⁶⁰ me foi uma fonte importante na época, o filme *a Carne é Fraca*⁶¹ e *Terráqueos*⁶² me impressionaram bastante - percebi que não fazia sentido parar de consumir apenas carne, era necessário ser

⁵⁴ Carol J. Adams é uma escritora americana, feminista e defensora dos direitos dos animais. Ela é autora de vários livros, incluindo *A Política Sexual da Carne: Uma Teoria Crítica Feminista-Vegetariana*.

⁵⁵ É necessário fazer um apontamento que associar o feminino ao ato de gestar é uma ótica binária cisgênera da qual discordo e que, nós feministas, devemos nos atentar, trago a fala de Adams para enfatizar que existe uma dupla exploração sob as corpas que são capazes de reproduzir.

⁵⁶ Recentemente, foi divulgado um vídeo sobre as condições de vida das vacas e bezerras que produzem leite para a Danone, dou um alerta que são cenas fortes. Disponível em: <https://www.sinergiaanimalbrasil.org/submundodanone>.

⁵⁷ Lembre-se que você, humana, humane, humano também é animal.

⁵⁸ Existem muitas nomenclaturas que caracterizam as indústrias de exploração animal - não humano - citei apenas as mais populares.

⁵⁹ O conceito de especismo foi criado por Richard Ryder na década de 1960, e “designa a postura de se considerar as espécies animais como hierárquica e qualitativamente distintas, isto é, legando certos privilégios a umas e negando a outras.” (Sordi, 2011, p.15). O antropocentrismo seria a forma mais comum de especismo, baseado na crença na superioridade ou na diferença radical entre seres humanos e animais.

⁶⁰ Para conhecer o Instituto <http://www.institutoninarosa.org.br/>

⁶¹ Se quiser ver um dos filmes precursores na discussão da exploração animal aqui no Brasil, considere clicar no link: https://www.youtube.com/watch?v=euvdedl-qso&ab_channel=InstitutoNinaRosa. Criado no ano de 2005, dirigido por Denise Gonçalves e produzido pelo Instituto Nina Rosa, o filme expõe os impactos do hábito de consumo carne à saúde humana, aos animais e ao meio ambiente.

⁶² *Terráqueos*, ou *Earthlings* é um documentário americano narrado por Joaquin Phoenix e dirigido por Shaun Monson. Fazendo uso de câmeras escondidas, o filme relata as consequências da dependência humana sobre os animais não humanes.

mais radical⁶³ e eliminar de minha vida todo e qualquer item que provinha da exploração animal. Não bastava tirar o sofrimento apenas de meu prato, precisava eliminar tudo que era testado em animais, roupas feitas de pele e pêlos dos animais, deixar de frequentar zoológicos, não consumir marcas patrocinadoras de rodeios, vaquejadas e demais eventos que usassem dos animais como entretenimento. Foi uma época de muito aprendizado em que tive que redirecionar o rumo de minha vida, vi que era necessário contestar tudo que me foi ensinado enquanto "natural", lembro-me que uma das frases que mais escutei quando deixei de consumir animais era:

- Mas Deus fez os animais pra gente comer!

É, parça, se seu deus for o capitalismo⁶⁴, com toda certeza fez os outros seres para te servir e serem consumidos como mercadorias.



Eu respondia.

Se tivesse encontrado com Donna Haraway⁶⁵ naquele período teria visto que, de fato, o argumento >> Deus fez << não ficava restrito apenas à minha bolha relacional, e a depender do contexto podem até ser outros os argumentos a fim de justificar a exploração dos animais, mas argumentos sempre haverá e normalmente eles partem de um lugar androcêntrico. Em um e-mail que recebi de Sharon Ghamari-Tabrizi, Haraway compartilha o apontamento de sua amiga que a provoca a refletir sobre os testes em laboratórios, afinal Donna é também uma cientista. Sharon diz:

A questão se torna mais difícil quando o local é totalmente construído por humanos, onde o laboratório é um ambiente total. No laboratório não é apenas desigual e assimétrica; ela é totalmente enquadrada e justificada, legitimada e significativa dentro dos materiais racionalistas do humanismo moderno Nascente. Por quê? Porque está condicionada a capacidade humana de capturar, reproduzir, manipular e obrigar os animais a viverem, comportarem-se e morrerem dentro de seu dispositivo. Como isso tem sido justificado? Pelo poder humano sobre o animal. Justificado no passado pelo direito divino e pela hierarquia da dominação ou pelo brilho da razão

⁶³ No sentido etimológico da palavra = ir na raiz do problema.

⁶⁴ Mistura da palavra capitalismo e capeta.

⁶⁵ Donna J. Haraway, é formada em zoologia e filosofia pelo Colorado College e doutorada em biologia pela Universidade Yale, é professora emérita no departamentos de História da Consciência, Estudos Feministas, Antropologia e Estudos Culturais da Universidade da Califórnia em Santa Cruz (EUA). A citação a que me refiro está no livro Quando as Espécies se Encontram, publicado pela UBU Editora, em 2022.

humana a respeito da predação humana necessária sobre outros seres (Haraway, 2022, p. 126).

Pensando sobre o que está ao meu alcance de escolha, me tornei, então, vegana e todo um Universo se abriu à minha frente e não apenas em relação à alimentação, mas em relação à própria maneira de viver enquanto habitante de um corpo/corpa que também é terra viva, sob essa ótica me identifico mais enquanto terráquea do que enquanto humana.

Compreendi que fazemos parte de um enorme e sábio ecossistema no qual a espécie auto-intitulada humana é só mais uma dentre tantas outras que habitam a corpa terrestre e que a pirâmide ecológica⁶⁶ que tanto vi na escola, aquela onde o ser humano está no topo, é uma representação especista de como o homo sapiens sapiens se enxerga no mundo e essa visão não está descolada da lógica patriarcal.

Ler os rótulos do que estamos ingerindo (e caraca, é tanta coisa que até hoje, 22 anos depois, ainda leio 🤔) foi um hábito que adquiri e todo mundo que estava ao meu redor também aprendeu (*risos reflexivos*), diga aí se não é bem bom sabermos o que estamos comendo?

Já viu do que são feitas as balas de goma?

Confesso que percorrer este trecho da minha vida não está sendo fácil. Revisitar as primeiras sensações de cair a ficha sobre a exploração animal me dói o peito, uma dor real e física. Nestes dias, tenho encontrado companhia nas reflexões de Donna em seu livro *Quando as Espécies se Encontram*. Me emocionei quando ela dedicou o capítulo 'Jamais Fomos Humanos' ao cão-da-montanha-dos-pirineus chamado Willem. Ela descreve como Willem e Cayenne, sua companheira cadela, brincaram quando filhotes e acrescentaram alegria ao estoque do mundo (HARAWAY, 2018, p.62). Achei a maneira como ela narrou as brincadeiras entre *espécies companheiras* bastante poética.

Nos primeiros anos do meu veganismo, participei de alguns encontros vegs em São Paulo e, em um deles, adquiri o livro, *Lugar de Médico é na Cozinha* (2008)⁶⁷. Nele, compreendi a relação direta entre alimentação e a indústria do adoecimento. Embora não pretenda abordar esse assunto aqui, só pincelo que ao

⁶⁶ Representações gráficas das interações tróficas entre as espécies em uma comunidade.

⁶⁷ Livro escrito por Alberto Peribanez Gonzalez (2008), o autor é médico cirurgião formado pela Universidade de Brasília.

adquirir esse livro, me recordei de minha tia Ortélia. Em nossos raros encontros, ela falava sobre a importância medicinal das ervas, conhecendo exatamente qual erva cura o quê. Esse saber é, sem dúvida, ancestral, uma vez que ela não teve a oportunidade de estudar em “escolas tradicionais”.

Dou um *Salve* à todas as benzedeadas desta nossa terra.

Em 2024, na atual situação em que estamos, com aquecimento global e espécies inteiras sendo extintas, já deveríamos ter entendido que não existe topo de pirâmide e que carecemos de uma *cosmopercepção* integrada com a natureza, com as estrelas, com o Cosmos.

É sim, uma faveladinha adolescente gótica da Zona Leste conheceu o veganismo por meio de sua própria inquietação e não só conheceu como fez dele uma filosofia de vida, ao contrário do que prega João Dória⁶⁸, pessoas com poucos recursos financeiros têm hábitos alimentares - embora veganismo, como já dito, não se trata apenas de alimentação - e uns anos atrás eu diria que seria um tanto surreal ter que fazer uma afirmação como essa em um texto acadêmico, no entanto os últimos anos me ensinaram que muitas vezes devemos falar o óbvio, para a elite não seguir legitimando estigmas sob nossas existências.

Estamos em guerra, eu sei, de narrativas, inclusive.

Vou trazer um fato que aconteceu recentemente em uma fazenda no Texas, o local onde ficavam as vacas “reprodutoras”, 18.000 vidas, explodiu devido ao gás metano. O local era um container completamente fechado, sem ventilação, não havia nenhuma saída para os gases que as vacas liberavam, resultado = uma exploração, as vacas morreram e as que sobreviveram foram assassinadas porque estavam muito feridas e seriam incapazes de servirem enquanto reprodutoras.

Cê acha isso normal ou aceitável?

⁶⁸ Ao apresentar um “granulado nutricional” que ficou conhecido como “farinata ou ração humana”, que pretendia distribuir como merenda nas escolas de São Paulo, João Dória (PSDB) então prefeito da cidade, voltou a afirmar (porque fez a mesma afirmação em 2011 durante um programa de TV, se quiser ver basta clicar no link https://www.youtube.com/watch?v=9hMSkAqtxns&ab_channel=UOL) que as pessoas pobres “não têm hábitos alimentares”. “O pobre tem fome, o pobre não tem hábito”. Reportagem sobre o assunto em <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-pobre-tem-fome-o-pobre-nao-tem-habito-alimentar-diz-doria/>

Segundo Nêgo Bispo (2023), nós estamos vivendo um apocalipse, ele diz que *a sociedade euro cristã monoteísta está entrando em Apocalipse e está se reeditando o mundo dos povos da oralidade, dos povos das demais línguas que não são as escrituradas*⁶⁹.

Ainda há outra camada de exploração na indústria do sofrimento animal, especificamente no setor alimentício, que envolve o trauma sofrido pelas pessoas que executam a mão de obra humana, como no caso das trabalhadoras de frigoríficos⁷⁰. Não pretendo aprofundar esse ponto aqui, porque de fato minha questão vegana partiu de um olhar para a vida além da humana (destaco que se ORIGINOU, não se limitou a essa perspectiva, até porque seria incoerente com o veganismo que acredito e pratico). No entanto, é relevante salientar que nesse tipo de indústria, não apenas a carne não humana é mutilada, mas a humana também, e não estou falando no sentido figurado⁷¹.

Quanto tempo será que um trauma fica impregnado em nossa carne?

Diana Taylor (2009) aborda o *trauma como uma performance de longa duração*. Segundo sua análise, no contexto do trauma, a corpa reverbera para além do espaço tempo de quando viveu a experiência traumática, influenciando não apenas a saúde física, mas também a expressão e comunicação emocional.

Você já ouviu falar do boi Nelore que se suicidou? Nem nome ele tinha, eu o chamo de Valente, ele tinha apenas 3 anos de idade...um bebê, isso aconteceu em

⁶⁹ In https://www.instagram.com/p/CusSwJDL0__/

⁷⁰ Deixo como recomendação o documentário Carne e Osso, filme de Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros, produzido pela ONG Repórter Brasil que percorreu frigoríficos do Brasil inteiro para registrar e denunciar a realidade de exploração e adoecimento humano em torno da indústria da carne. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pF82a4cihGc&ab_channel=LarissaMoraes. De antemão aviso que o filme possui cenas e relatos perturbadores.

⁷¹ Para saber mais sobre as condições de trabalho nos frigoríficos do Brasil, recomendo a leitura da reportagem produzida pelo jornal Metrôpoles, na qual vemos “como os frigoríficos se transformaram em fábricas de pessoas doentes”. Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/ossos-do-oficio>. Passei bastante mal ao ler a reportagem, então fica o aviso que são relatos muito fortes, porém necessários enquanto denúncia.

Salvador na praia de Stella Mares no ano de 2018... ao se negar aprisionar ele se entregou aos braços de Yemanjá⁷². Valente afogou-se.

Se é o apocalipse desse mundo ↑ que Nêgo Bispo se refere, de um mundo onde 18 mil vidas são explodidas, onde pessoas são mutiladas, onde bois se suicidam... é um apocalipse mais que necessário e eu brindo a ele⁷³ 🍷.

Não quero que nosso rolê inicie com uma enorme bad trip, então vou finalizar com uma imagem pra gente vislumbrar novos Mundos onde os seres vivem plenamente suas vidas >>>>>> As lontras marinhas dormem de mãos dadas para não se perderem umas das outras, é muita fofura, recomendo que busque um vídeo dessa cena, vai te alegrar o coração.

1.2.1 Atravessamento, um corte, uma pausa

OU

Isso também é sobre Performance

Esta pesquisa se impulsiona sob as vibrações da linguagem Performance Arte que *em si tem vocação íntima com o que nos acomete* (LYRA, 2020, p.3), portanto preciso, neste exato, momento fazer uma pausa pra um desabafo e por gentileza, sem julgamentos, meu peito está aberto, ainda.

Escrever esse trecho sobre minha relação com o veganismo, demandou alguns dias pois minha fruição de concentração na escrita foi interrompida por um chamado para uma reunião de uma das quatro comissões que integro no Programa da Pós, pra mim não basta

⁷² Se quiser ler uma das reportagens que saiu na época, só clicar em:

<https://www.correio24horas.com.br/salvador/boi-que-se-afogou-no-mar-de-stella-maris-era-avaliado-em-r-12-mil-1118>

⁷³ Em 2019, fiz uma performance *Em Tempos de Guerra, GOZE!* onde eu, literalmente, gozo lendo o trecho da Bíblia que narra o apocalipse. A obra é uma anunciação do fim do Mundo, mas do Mundo forjado pelo cisheteropatriarcapitalismo. Se quiser ver o vídeo só clicar no link disponível em [:https://hemisphericinstitute.org/pt/encuentro-2019-performances/item/2943-roberta-nascimento-em-tempos-de-guerra-goze.html](https://hemisphericinstitute.org/pt/encuentro-2019-performances/item/2943-roberta-nascimento-em-tempos-de-guerra-goze.html)

adentrar em um espaço educacional público tenho como compromisso ético - por estar aqui - ajudar a construir ou reconstruir esse espaço que tem que ser vivo e pulsante com seu tempo. Devo dizer que a reunião referida me desgastou em altos níveis, saí muito desanimada porque cada dia que passa percebo que o pouco que caminhamos enquanto uma possível reparação histórica em relação a uma real democratização ao acesso à Universidade Pública pode retroceder numa tarde, na mudança de pessoas de uma comissão, de mudança de um presidente, tudo é muito frágil e absurdamente concreto ao mesmo tempo... meritocracia ainda impera na academia mas não com essa nomenclatura, ela dói nos ouvidos de uma autodenominada elite intelectual, me parece que ainda tem muita gente aqui (digo aqui pq também estou falando de dentro da academia, muito embora seja pontuado que é uma estadia passageira, e o é mesmo, o mestrado passa muito rápido) faz questão de viver em uma torre de marfim, hoje não mais completamente fechada, afinal, há uma pequena, bem pequena, pequenina fresta para as pessoas "mais vulneráveis" adentrarem.

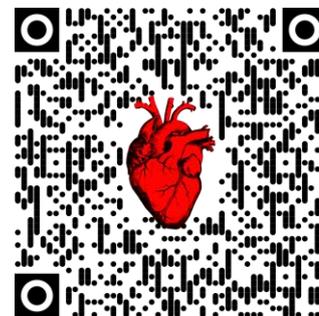
Na noite desse dia que relato fui tomada por emoções extremamente densas, o medo do amanhã retroceder o hoje, a incerteza que nunca me assustou mas hoje assusta, a insegurança financeira, a insônia veio forte e eu só visualizava uma navalha entrando em meus pulsos, o vermelho se espalhando pelo lençol felpudo branco que forra a cama em que eu estava deitada e no meio de tudo isso meu pensamento me direcionou para um alerta >> que eu deveria deixar escrito que a única pessoa que poderia cuidar das minhas companheiras felinas com tanto ou mais cuidado que eu, seria minha mãe. Nada justo, né? Ai olho pras gatas que estão na cama junto comigo e penso que elas não merecem a companhia de uma corpa inerte por essa noite e por quem sabe mais quantos dias, essa casa que me acolheu tão afetuosamente não merece a energia da não vida impregnada nela, não quero que a criança que ontem me deu um desenho de presente e que passa dias

cantando músicas alegres, que inclusive embalam minha escrita, se lembre de mim como a vizinha que tinha uma tatuagem de uma gata que ganhava vida e que falava em noites de lua cheia, mas que tirou a própria vida..., por fim os nomes tatuados em meus pulsos me fazem lembrar que ainda tem gente generosa no Mundo, que viver bem é o mínimo que posso fazer para trazer alguma alegria a quem passou por tanto para me criar com tanto amor e nenhuma (ou poucas) faltas. Minha irmã que acha que não foi uma boa irmã vai se achar ainda pior, ela tende a carregar toda a culpa do mundo, e certamente essa seria mais uma. Respira fundo. O suicídio tem um quê de sedutor, admito, mas sou geminiana e perco o interesse rápido. A vida também é sedutora e ela me atrai mais. Há tanto a se fazer no Mundo! Tô cansada mas vai passar. Depois de um turbilhão emocional, pude perceber o instante >>agora<< no momento em que o ronronar das gatas me resgatam de angústias improdcentes. Mole deitou sua cabeça sobre meu ombro e Curumim subiu na minha barriga, fez uma massagem e deitou-se com seus 6 quilos sobre meu ventre. Voltei.



1.3 Salve! A Favelada chegou...

Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci e poder me orgulhar e ter a consciência que a pobre tem seu lugar!⁷⁴



Playlist: Sonoridades da Música: Rap da felicidade, de Cidinho e Doca
Acervo da autora, 2024

A segunda ficha que me caiu foi entender que a Favela é um espaço de resistência e a existência de Favelas se dá devido a uma violenta herança colonial escravocrata.

Mas para essa ficha ter que me cair antes tiveram que arrancar minha relação primeira com o território onde nasci. Meu olhar infantil só via harmonia naquelas casinhas policromáticas tão inteligentemente montadas, como um joguinho de quebra-cabeça dia a dia eu via Seu Antenor⁷⁵ encaixar um tijolo no outro para transformar seu frágil barraco de madeira em uma resistente casa de bloco, achava aquilo impressionante. Assim como achei mágico meu pai transformar nosso pequenino barraco em uma casa com dois banheiros, dois quartos, sala, cozinha, oficina pra ele trabalhar e ainda uma laje para gente brincar. Nas noites de tempestade eu dormia agradecendo por estar protegida em

⁷⁴ Trecho de Rap da felicidade, canção de Cidinho e Doca. Lembro que quando essa música foi lançada, em meados de 1995, ela me tocou em um lugar muito íntimo, em certa medida ela colocou em uma melodia o que eu também sentia: o ardor do desejo de ser feliz sendo quem se é. Se quiser escutá-la dê uma pausa na leitura e coloque seu celular para ler o QRCode, sugiro que volte logo depois de escutá-la pra energia gerada por ela, em você, se fazer presente durante seu caminhar por entre as palavras.

⁷⁵ Meu vizinho de frente de porta de casa.

uma cama quentinha, só que antes de deitar eu rezava⁷⁶ e pedia pra *Nossa Senhora da Guarda* resguardar minha mãe, meu pai, minha irmã, tias e tios, primas, primos, vizinhas, gato, cachorra, coelhos, só dormia tranquila após citar, nominalmente, todas as pessoas e animais que eu queria bem, a lista era grande (*risos*).

Quando a insônia começou a me pegar vi que meu pai não dormia naquelas noites tempestuosas, ele ficava a espalhar baldes pela casa pra amparar as goteiras (e até hoje é assim).

Vi também que os gambé⁷⁷ entravam nas casas da Favela sem pedir licença, era só tapa na cara e

quer ir preso vagabundo!

pra lá e pra cá, pareciam ainda cumprir as tais *Bulas Papais* da época da invasão, trago aqui um trecho pra você ter noção ↓

Nós [...] concedemos livre e ampla licença ao rei Afonso para invadir, perseguir, capturar, derrotar e submeter todos os sarracenos e quaisquer pagãos e outros inimigos de Cristo onde quer que estejam seus reinos [...]

(Bula "Romanus Pontifex", Papa Nicolau V, 08 de janeiro de 1455, *apub* Bispo, 2015, p. 28)⁷⁸



Não vou aqui narrar miséria banhada em sangue, isso as grandes mídias já fazem desde o século XIX, primeiro rotulando de “preguiçosos e almas perdidas”, os povos originários dessas terras que hoje conhecemos como Brasil. Depois pintando toda e qualquer auto organização como os cortiços, de *Aldeia do mal cheia de pessoas degeneradas e vagabundas* ou ainda estampando os jornais com letras garrafais >> **FAVELA: LEPROSA DA ESTHÉTICA**⁷⁹ 🤔!

⁷⁶ Embora tenha tido uma criação religiosa politeísta com referências espíritas e umbandistas o que imperou foi o catolicismo, fui batizada e ensinada a rezar Pai Nosso e Ave Maria todas as noites antes de dormir, e assim fiz até descobrir a história da “Santa Inquisição”, foi um período em que me senti enganada, me revoltei sim.

⁷⁷ gambé = polícia.

⁷⁸ Trecho do livro de Nêgo Bispo - *Colonização, Quilombos: modos e significados*.

⁷⁹ João Augusto de Mattos Pimenta, ora apresentado como médico sanitário, ora tido como engenheiro e jornalista, empreendeu junto à imprensa carioca e aos poderes públicos a primeira grande campanha contra a favela em nome do projeto maior de remodelação do Rio de Janeiro [...] O carro-chefe da bem-estruturada campanha que durante dois anos ocupou os principais jornais da cidade foi a imagem da favela como “lepra da estética”. Veja o trecho de um discurso dado por ele, em novembro de 1926, no Rotary Club do Rio de Janeiro e que, 5 dias depois, estamparia os jornais *Correio do Amanhã* e *O Jornal*:

Fato é que desde o início das Favelas as vozes “legitimadas da elite” usam da mídia para tecer um estigma social não apenas sobre o desenho arquitetônico da Favela, mas também - e sobretudo - sobre quem nelas habitam:

Podemos afirmar que a transformação do Morro da Providência em Morro da Favela carregou consigo um primeiro estigma. A idéia de sertão contida na obra de Euclides da Cunha se opunha à civilização por duas vias distintas. Na primeira, tal conceito ligava-se ao território da barbárie, tal como conceberam a elite imperial e o olhar estrangeiro, marcadamente ilustrado. Na segunda, os significados de pureza e essencialidade estavam presentes, respaldados pela distância do sertão em relação às cidades do litoral – tidas como sombrias e promíscuas (Bispo, 2015, p. 42).

Entre *pureza e perigo* a gente já sabe qual narrativa foi a que colou↓

Das duas possibilidades de interpretação, a primeira se alinhava com a noção de sertão que se tinha ao nível do senso comum naquele momento. Quando a imprensa assumiu em suas páginas a referida mudança de nome, o estigma do sertão – como o “outro” indesejado, símbolo do que não se podia conceber como nacional – se fazia presente (Bispo, 2015, p.43).

Não quero narrar as desgraças que assolam meu povo, mas acho importante trazer exemplos históricos que mostram nitidamente que quem tem medo ataca, e parece que um povo que tem a capacidade de acessar sua inteligência ancestral para se auto organizar causa muito temor em quem gere o sistema.

Nêgo Bispo narra três casos que impressionam pela violência do Estado contra o povo → Caldeirões⁸⁰, Canudos⁸¹ e Pau de Colher⁸².

Sobre Caldeirões →

A comunidade desenvolveu rapidamente um processo territorial e organizativo que lhes garantiu a autossuficiência e a emancipação das suas vidas, isso incomodou os colonizadores, fazendo com que o fazendeiro rompesse o contrato de arrendamento, despejando o povo sem qualquer indenização (Bispo, 2015, p. 56).

[...] antes mesmo de sua adoção [do plano de remodelamento do Rio de Janeiro] é mister se ponha um paradeiro imediato, se levante uma barreira prophylactica contra a infestação avassaladora das lindas montanhas do Rio de Janeiro pelo flagello das "favellas", lepra da esthetica, que surgiu ali no morro, entre a Estrada de Ferro Central do Brasil e a Avenida do Céas do Porto e foi se derramando por toda a parte, enchendo de sujeira e de miséria preferentemente os bairros mais novos e onde a natureza foi mais prodiga de bellezas (Valladares, p.15).

⁸⁰ A Comunidade de Caldeirões se constituiu a partir do ano de 1889, com a chegada de um grupo de pessoas negras ao Estado do Ceará, na região do município de Crato (p.56).

⁸¹ Estima-se que a comunidade surgiu no ano de 1874, no município de Canudos/BA (p.57).

⁸² A comunidade de Pau de Colher surgiu no início dos anos 30 do século passado, no município de Casa Nova, na divisa do Estado da Bahia com o Piauí (p.58).

As pessoas então passaram a viver em uma terra doada pela Igreja do Crato, a região era conhecida como Caldeirões, e novamente,

a comunidade em um curto espaço de tempo atingiu a autossuficiência [...] Essa comunidade se desenvolveu de tal maneira que na seca de 1932 (uma das maiores secas da história do Nordeste), a comunidade que já tinha uma grande população abrigou mais cinco mil pessoas encaminhadas por Padre Cícero. Segundo pessoas ainda vivas na região, foi à época um dos poucos lugares do semiárido nordestino onde o povo nunca sofreu fome (Bispo, 2015, p.57).

E o que aconteceu com Caldeirões?

Consta que, após sua morte, Padre Cícero deixou em seu testamento as terras de Caldeirões para a Congregação dos Salesianos que logo se aliou aos fazendeiros, coronéis e demais detentores do poder, para que os chamados republicanos, munidos dos seus exércitos, atacassem Caldeirões [...] a comunidade sofreu um grande saque feito pela polícia e pelas milícias coordenadas pelos coronéis. Após esse saque, seguiram-se outros, e a comunidade conseguiu resistir aos vários ataques. Até que no ano de 1937 o exército brasileiro, através de sua aviação, bombardeou covardemente toda a comunidade. Após o bombardeio, os colonizadores ainda atearam fogo nos corpos

e no que restou das casas, pomares, plantações e benfeitorias do território de Caldeirões com o intuito de eliminar todos os símbolos e significações daquele modo de vida e, posteriormente, expropriar território do povo de Caldeirões (Bispo, 2015, pp.57-58).

Sobre Canudos →

O povo de Canudos se relacionava com a terra como um ente gerador da força vital. Os frutos dessa relação não só com a terra, mas com água, a mata e demais elementos da natureza, isto é, com o seu território, eram produtos vitais por serem extraídos através de um processo de cultivos festivos recheados de religiosidade, que eram armazenados e redistribuídos de acordo com as necessidades de cada pessoa (Bispo, 2015, p.58).

Do que acusavam Canudos?

Ao denominá-los como uma comunidade de fanáticos messiânicos, a acusavam de ser um bando de pessoas sem disciplina social, sem senso da moral e dos bons costumes, portanto, uma ameaça à integridade moral, social, econômica e cultural da República (Bispo, 2015, p.59).

O que aconteceu com Canudos?

Canudos foi atacada inúmeras vezes por frentes militares fortemente armadas. Mesmo sendo o povo de Canudos estrategista e muito habilidoso no uso dessas armas, acabaram sendo totalmente aniquilados. Após derrotarem Canudos, os republicanos também atearam fogo no que

restou das casas, pomares, plantações e benfeitorias do território de Canudos com o intuito de expropriar o território e eliminar todos os símbolos e significações daquele modo de vida (Bispo, 2015, p.60.)

Sobre Pau de Colher →

O povo de Pau de Colher possui uma relação comunitária e biointerativa com os elementos da natureza muito próxima, melhor dizendo, estruturalmente idêntica às práticas desenvolvidas pelo povo de Canudos e de Caldeirões (Bispo, 2015, p.60).

Quais eram as acusações contra Pau de Colher?

além de fanatismo religioso, o povo de Pau de Colher foi acusado de ser um bando de pessoas sem disciplina social, sem senso de moral e dos bons costumes, portanto, uma ameaça à integridade moral, social, econômica e cultural dos colonizadores, os ditos getulistas do Estado Novo (Bispo, 2015, p.60).

E o que aconteceu com Pau de Colher? Cê se surpreenderia se eu dissesse que após uma guerra brutal que ficou conhecida como “Guerra dos Caceteiros”



Assim como em Canudos e Caldeirões, os colonizadores atearam fogo no território de Pau de Colher com o intuito de destruir os símbolos e significações dos seus modos de vida e posteriormente, expropriar o seu território, o que só conseguiram fazer parcialmente. Ainda hoje alguns dos sobreviventes dessa guerra residem em Pau de Colher (Bispo, 2015, p.60).

E como em uma espiral de histórias interligadas pela bravura de um povo elas se conectam com a realidade de muitas Favelas⁸³ atuais, que são perseguidas e ainda sofrem com o fogo da destruição⁸⁴.

Como falei, não quero narrar miséria, quero só enfatizar aqui nesse momento do percurso, o quão é indignante que ainda hoje temos um sistema que tenta brutalizar as pessoas moradoras de Favelas e a depender do gênero, etnia, tom de pele, orientação sexual e demais “marcadores” lidos com maior ou menor “grau de

⁸³ E quilombos, aldeias e povoados, aqui cito apenas a favela porque estou fazendo o recorte de minha vivência enquanto favelada.

⁸⁴ Até hoje tenho o hábito de desligar a válvula do botijão de gás assim que acabo de cozinhar, minha memória de infância me faz lembrar de muitos incêndios na Favela, e sempre que algum barraco (quando digo → barraco← não o digo de maneira pejorativa, nas Favelas ao falarmos de nossas moradas variamos a nomenclatura entre barraco e casa, isso é memória da época em que as moradas eram - algumas ainda são - de madeira) pegava fogo, a narrativa que nos era contada era que o incêndio se deu devido a uma explosão do botijão de gás. “Curioso” é que depois do fogaréu comer vidas e memórias no terreno ao lado, ou até mesmo no mesmo terreno, sempre, abria um novo shopping ou um megasuperhipermercado.

marginalização” nem direito a vida essas pessoas têm, não podemos, realmente, não podemos cair na armadilha de *banalizar o mal* (1963)⁸⁵.

Tô aqui lembrando de quando soube que o pai do Collor, sim o Fernando, matou um senador dentro do Parlamento⁸⁶. Depois dizem que é na Favela que a barbárie faz morada (tom irônico).

Pra acalmar minha pulsação que tá bem acelerada agora, vou te contar uma lembrança boa que me saliva a boca, o cheiro de cominho que subia quando a Maria do Dôdô⁸⁷ fazia feijão, era tão, tão, tão gostoso.

O babado é que nem a ludicidade infantil me impediu de perceber que quando as pessoas de vila escutavam a palavra >>Favela<<, o olhar mudava, bolsas eram seguradas, álcool 70º borrifados...

num dado momento no entre minha infância e a fase adulta⁸⁸, a narrativa de inferiorizar as subjetividades faveladas entrou em minha mente e foi quando comecei a carregar uma vergonha que não me pertencia. E foi essa a época que a ficha precisou me cair, e ela me caiu por meio da educação.

Em 2004, logo após completar o ensino médio, ingressei em um cursinho popular que mudou o rumo da minha vida, o ACEPUSP⁸⁹, lá, eu entendi que nossa terra, um dia *Abya Yala*, hoje Brasil, foi violentada e saqueada, lá, eu tive acesso à aulas de histórias como nunca havia tido antes, até então eu desconhecia aqueles casos narrados por Nêgo Bispo.

⁸⁵ Conceito apresentado por Hannah Arendt, teórica política alemã, em seu livro: *Eichmann em Jerusalém*, cujo subtítulo é "um relato sobre a banalidade do mal".

⁸⁶ Em 4 dezembro de 1963, o senador Arnon de Melo, pai do ex-presidente Fernando Collor, puxou o gatilho em plena sessão do Senado Federal, na tentativa de atingir o senador, Silvestre Pércles, no entanto atingiu e matou o senador José Kairala (Morena, 2019). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/18/faroeste-senado-o-dia-que-o-pai-de-collor-matou-um-parlamentar>. Acesso em 15 de julho de 2023.

⁸⁷ Lá na Rua da Igreja - que era/é onde eu moro/ava - existiam pelo menos três Marias vizinhas, minha mãe entre elas, para diferenciá-las diziam o nome do marido emendado ao nome delas, mas não era dito, Maria esposa do Dôdô, era Maria DO Dôdô. Há quem diga que era só uma economia na fala pra localizar logo de quem se tratava, mas pra mim é o patriarcado mostrando sua cara e por meio de um hábito cotidiano, e até subjetivo, tirar as mulheres do lugar de sujeitas de suas própria identidade e as colocar como posse dos maridos.

⁸⁸ Ou adulterada, como nos diz Ailton Krenak.

⁸⁹ Associação Cultural de Pesquisadores e Educadores da Universidade de São Paulo.

Ah Carolina Maria de Jesus⁹⁰, como gostaria de ter lhe conhecido antes!

Enfim uma outra versão da história me foi contada, acessei outros documentos que até então não me haviam sido apresentados, o lado obscuro da história, sabe? Aquilo que aconteceu, mas está fora da cena.

Tipo os 'detalhes' perversos, como esse narrado por Lugones, se prepare, que vai ser pesado:



A “missão civilizatória” colonial era a máscara eufemística do acesso brutal aos corpos das pessoas através de uma exploração inimaginável, violação sexual, controle da reprodução e terror sistemático (por exemplo, alimentando cachorros com pessoas vivas e fazendo algibeiras e chapéus das vaginas de mulheres indígenas brutalmente assassinadas. (Lugones, 2014, p. 938)

A catequese que fiz compulsoriamente não me disse que o *Catolicismo promoveu um verdadeiro genocídio cultural* (BISPO, 2015, p.11), foi um período de muita revolta porque a sensação que me lembro fortemente é de me sentir enganada pelos livros que eu até então conhecia e pela igreja que me batizaram. Foram três anos - sim, foram necessários três anos de estudos intensos pra eu conseguir ingressar em uma Universidade Pública - em que senti um mix de raiva e desejo de ocupar tudo que era canto dos quais diziam ser impossível ter presença favelada, com minha presença favelada.

A cada aula eu percebia que a história não tem um viés único e essa compreensão me deu a possibilidade de ampliar os meus horizontes. Afirmar que *não houve grandes mulheres artistas* (NOCHLIN, 1971) tem muito mais relação com quem diz quem são Os grandes artistas - assim com artigo masculino e em caixa alta mesmo - do que com a arte em si e assim é com a história contada por livros escritos pelos descendentes dos invasores, há quem ainda os nomeie como colonizadores, eu faço coro às vozes que dizem há mais de 523 anos, INVASORES! Aqui evoco Béatrice Picon-Vallin⁹¹ que nos fala de um teatro que *perfura os*

⁹⁰ Carolina Maria de Jesus pode ser considerada uma multiartista, e conhecida por conta de seus livros como o *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960.

⁹¹ Béatrice Picon-Vallin é Diretora Emérita de Pesquisas no Centro Nacional de Pesquisa Científica (França). Suas pesquisas incluem a história do teatro russo, as questões relativas ao teatro europeu

abcessos da História (PUPO, 2020, p.222) e mesmo sem ter tido contato com seu pensamento no momento em que comecei a fazer teatro, vi na arte uma possibilidade de perfurar esses abscessos que também eram meus.

Neste momento em que estamos embebidas nesse mar de lembranças queria dar um abraço em Luciano Mendes de Jesus⁹² (*danado entrou da Unicamp, no meu primeiro ano de cursinho, era meio sonho cursar artes cênicas lá*), que aos finais de semana saía de Campinas pra ir dar aulas de teatro no cursinho⁹³. Graças aos nossos encontros pude passar, sem me tremer tanto (*risos*), pelos olhares criteriosos de Hebe Alves⁹⁴, Jacyan Castilho⁹⁵ e Harildo Déda⁹⁶, que foram as pessoas docentes integrantes da banca avaliadora da prova prática para ingresso no curso de Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. E toda feliz e destemida, em 2007 rumei pra Salvador e foi lá que entendi na corpa o que era ter horizonte, LITERALMENTE, quando sentei na praia da Barra percebi a linha do horizonte tal como ela é, sem interferências visuais de prédios, barracos, sem concreto, nem fumaça, apenas o encontro do céu e mar.

Mas nem era isso que ia te contar, o que eu ia te contar é, olha só como são os chamados da vida, logo nos primeiros anos em que morei na Bahia, fui convidada para fazer parte do elenco do Grupo Santos em Cena que se apresentava

do século XX, à encenação, ao trabalho de atuação, a pedagogia do trabalho da cena e a relação com as neurociências.

⁹² Luciano Mendes de Jesus é ator, percussionista e professor. Desde 2004 integra o Grupo Galeria4. Atualmente coordena o projeto Garimpar em Minas Negras Cantos de Diamante. Leciona a disciplina de Rítmica para Canto Popular, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul (Projeto Mediotec).

⁹³ A imagem que se vê sobreposta, com uma mensagem manuscrita é uma pequena carta que recebi, em 2016, de Luciano.

⁹⁴ Hebe Alves é atriz, diretora de teatro, professora adjunta da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFBA.

⁹⁵ Jacyan Castilho é atriz, diretora, bailarina, professora associada na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora efetiva no Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDan) da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas (PPGEAC) da UNIRIO, no curso de Mestrado Profissional em Ensino de Artes Cênicas. Integrante do Grupo de Pesquisa Poéticas e Interfaces da Dança da UFRJ.

⁹⁶ Harildo Déda é ator, diretor e professor aposentado da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia.

anualmente em Canudos, na Celebração Popular pelo Mártires de Canudos⁹⁷, organizada pelo Movimento Popular de Canudos⁹⁸.



No espetáculo, atuava enquanto Maria, que lutava junto ao povo de Canudos
Fonte: Acervo Mártires de Canudos, 2008



Aqui segura a cruz enquanto símbolo de proteção. Será que já sabia que dois anos depois seria ela a estar na cruz enquanto signo de opressão?!!

Veja só, quem diria que iria pisar na terra onde a planta que nomeia meu território é nativa. Caminhei entre Monte Santo, Euclides da Cunha, Uauá, Bendegó e o Açude do Cocorobó que banha a Velha Canudos e enfim vi a raiz da Favela, e creia, ao contrário do que disse Euclides⁹⁹, ela dá frutos e ainda é bela, ôh bichinha resistente que faz vida em solo quente¹⁰⁰.

⁹⁷ Para saber mais sobre essa Celebração recomendo ver o vídeo que está no link: https://www.youtube.com/watch?v=zXloYDjLME&ab_channel=MPHCanudos

⁹⁸ Para saber mais sobre o MPHPC <http://movimentopopularehistoricodecanudos.blogspot.com/>

⁹⁹ Ao falar sobre o morro da favela Euclides da Cunha narra o seguinte >> [...]o morro da Favela, como os demais daquele trato dos sertões, não tem nem mesmo o revestimento bárbaro da caatinga.

Tem uma frase que fica ecoando em minha cabeça

>>> Toda Favela tem um pouco de Brasil Profundo >>>

A imagem que compartilho a seguir sou eu em cima da laje de minha casa - na verdade a casa é da minha mãe e do meu pai, eu não tenho posses, ainda *(risos)* - , na Favela da Vila Prudente. De acordo com as histórias contadas pela galera que levantou os primeiros barracos, ela é uma das mais antigas da cidade de São Paulo, se é fato concreto eu não sei só sei que me foi ensinado, além de pedir a *bença* também escutar as mais velhas narrar suas *oralituras*¹⁰¹(MARTINS, 2021) e por isso trago pra este escrito também o que me foi dito por quem não sabia escrever, mas sabia construir casa pra morar.



Essa aí sou eu em cima da laje de casa na Favela da Vila Prudente, 2018

Foto: Luana Ramos

Acervo pessoal da autora

É desnudo e áspero. Raros arbúsculos, esmirrados e sem folhas, raríssimos cereus ou bromélias esparsas, despontam-lhe no cimo sobre o chão duro [...] (pp 331, 332).

¹⁰⁰ Estudos apontam a viabilidade da favela (de nome científico *Cnidocolus quercifolius*) na reabilitação de áreas em processo de desertificação pela resistência às intempéries climáticas e antrópicas (Revista Brasileira de Geografia Física V.08 N.04). Passarinhos muitas vezes fazem ninhos dentro do caule das favelas. Acho a metáfora bonita, por mais que tentem pintar a favela de concreto como um território improdutivo onde só a marginalização cresce, ela dá um tapa na cara dessa sociedade classista e se mostra uma resistente e pulsante geradora de passarinhos que cantam os mais variados cantos.

¹⁰¹ Conceito da poeta, ensaísta, dramaturga e professora Leda Maria Martins, ela propõe as *Oralituras* também como chave teórica conceitual, ela usa o termo para designar as histórias e os saberes ancestrais passados não apenas através da literatura, mas também em manifestações performáticas culturais.

Hoje em dia, quando me perguntam de onde sou, digo, como Nêgo Bispo (2022) bem me ensinou¹⁰²

>FAVELA<

Sei que se disser São Paulo, de imediato, já vão me imaginar sentada em uma agrovaranda na Vila Madalena¹⁰³ tomando uma cerveja artesanal.

Não, não pertenço a essa São Paulo que habita um imaginário hipsterizado. A S.P. que venho tem casas feitas por um concreto tão rachado quanto o chão do sertão, na minha São Paulo Favela tem benzedeira, sanfoneira e festa de São Cosme e Damião, na Pauliceia de quebrada Nossa Senhora Aparecida, Yemanjá e lansã andam de mãos dadas e até dançam em volta da fogueira de São João. Folhas secas de Palmeiras, guardadas desde a missa de Ramos, são jogadas pelas janelas pra acalmar chuva forte com trovoadas. Lá, a castanha de caju chega pela estrada, dois dias e três noites de busão, mas sem problemas porque ela vem toda enroladinha em pano de saco de farinha costurado por mãos de tia. Na Sampa da Z.L. a comida de mãe tem cor de urucum que chegou também de busu junto com a castanha de caju. Quando falta luz vai todo mundo pra rua conversar pra passar o tempo até a luz voltar.

Tem também enchente e fogo da destruição, mas essa nem faço questão de trazer pra minha cardiossertação.

Favelada um dia fora ofensa. Hoje, orgulho, identidade e reexistência.



[...]na perspectiva da resistência cultural, essas identidades vêm sendo ressignificadas como forma de enfrentar o preconceito e o etnocídio praticado contra povos afro-pindorâmicos e os seus descendentes (Bispo,2015, p. 38)

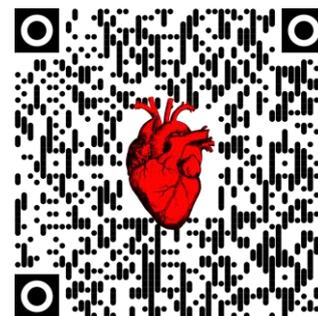
¹⁰² Em julho de 2022 estive no Seminário Brasis: Territórios Dissonantes, promovido pelo Sesc Pinheiros, e tive a oportunidade de escutar Nêgo Bispo falar e dentre tecer reflexões sobre suas vivências ele falou que às vezes é necessário falar a língua do colonizador para ele entender o que estamos dizendo, ele disse que, por exemplo, quando perguntam de onde ele é, a depender de quem está perguntando, ele diz que é piauiense, mas de imediato emenda e afirma que é mesmo Quilombola.

¹⁰³ Bairro que, diga-se de passagem, só fui transitar quando passei a cruzar São Paulo de leste a oeste para chegar até a USP.

Salve, as resistências Quilombolas!

Salve, Canudos!

Salve, minha amada Favela!

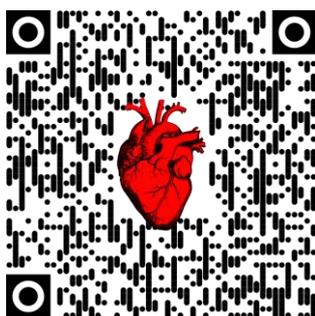


Playlist: Sonoridades
da Cardiossertação
Música: Salve Canudos,
de Fábio Paes
Acervo da autora, 2023

Você sabia que a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ, foi construída em solo favelado? Favela do Esqueleto¹⁰⁴, chamava-se...

1.4 Sapatônicas, Afetos e Ética

A terceira ficha que me caiu foi me compreender Sapatona, e afirmo isso com um sorriso no rosto pois um delicioso horizonte realmente se abriu à minha frente quando eu me desvencilhei das amarras da *heteronormatividade compulsória* (RICH,1981).



Playlist: Sonoridades
da Cardiossertação
Música: Lesbica Futurista,
de Ga3i
Acervo da autora, 2023

¹⁰⁴ Se quiser saber mais sobre essa história sugiro a leitura da dissertação Morte e vida Esqueleto: a construção social de um espaço marginalizado da cidade do Rio de Janeiro (1934-1965), de Emmanuelle Torres Costa, sob orientação do Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira. <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/62077/62077.PDF>

A Robertinha adolescente não entendia bem do porquê toda vez que beijava a boca de um homem cis pensava:

Poxa, preferia estar comendo um miojo frio.

Um certo dia, em uma das Paradas LGBTQIAPN+ de São Paulo, eu e uma bela moça nos beijamos, e mais uma vez, escutei o barulhinho da ficha caindo 📎. Dizer que a heteronormatividade compulsória não é violenta seria uma inverdade. Lembro-me nitidamente da sensação angustiante que senti quando percebi que, por um tempo de minha vida — pouco, mas poderia ter sido nenhum — me privei, ou melhor, me fizeram me privar do prazer de sentir prazer.

Me descobrir Sapatona foi tão gostoso que eu queria gritar para o Mundo todo minha mais nova auto-descoberta (*risos alegres*). Quero pontuar que me intitulo Sapatona enquanto gênero, Monique Wittig me contempla quando afirma que lésbicas não são mulheres. Apenas acrescentaria o neologismo “cis”

↘ *lésbicas não são mulheres cis:*

Um enfoque feminista materialista da opressão feminina rompe com a ideia de que mulheres são um “grupo natural”: “um grupo racial de uma categoria especial, um grupo percebido como natural, um grupo de homens considerado como materialmente específico em seus corpos.” O que a análise realiza no nível das ideias, a prática concretiza no nível dos fatos: por sua própria existência, a sociedade lésbica destrói o fato (social) artificial que constitui as mulheres como um “grupo natural”. Uma sociedade lésbica revela pragmaticamente que a divisão criada pelos homens da qual as mulheres têm sido objeto é política e mostra que fomos reconstruídas ideologicamente como “grupo natural”. No caso das mulheres, a ideologia vai longe, uma vez que tanto os nossos corpos quanto as nossas mentes são produtos dessa manipulação (Wittig, 1992, p.1-8).

Monique Wittig clama que uma lésbica não é uma mulher porque a ‘mulher’ só existe em relação a homens; mulher é parte da categoria do sexo (homem e mulher), a qual é um construto heterossexual (ANZALDÚA, p.101). Portanto, sou Sapatona e não sou mulher. Sei que sou heterodenominada pela sociedade em que vivo, como mulher, e também me identifiquei por muitos anos como tal. Tendo isso em vista, digo que vez ou outra transito no espectro >>mulher<< de maneira estratégica. Não vou dizer que entender que eu não era mulher não me doeu; doeu, e doeu muito.

Passei boa parte de minha vida acreditando na ficção de gênero enquanto “algo natural”, Teresa de Lauretis¹⁰⁵ lá em 1987 já falava em uma *Ideologia de Gênero* na qual o gênero é forjado pelo patriarcado, desbiologizando-o.

Abri mão de existir enquanto ‘mulher’ porque, dentre outros fatores, os conceitos de “passiva” e “obediente” me arranhavam feito esporas, e “casamento” e “filhos” me deixavam mais alerta que serpentes ou coiotes (ANZALDÚA, p.73). Sabemos que esses fatores não definem uma >>mulher<<, os feminismos, inclusive, lutam contra tais imposições. No entanto, o olhar patriarcal faz questão de colocar a mulher, *o segundo sexo* (BEAUVOIR, 1949), dentro de uma forma bem apertada.

Passada a dor, tive um leve vislumbre de liberdade, porque ninguém pode dizer quem somos além de nós mesmas. Temos que buscar nossas próprias identidades, aquelas que melhor nos cabem ou que mais confortavelmente transitamos. No entanto, sem apegos, é importante não ter apegos às identidades, pois elas podem ser transitórias, e quanto mais apego, maior a dor. Anzaldúa já dizia sobre seu habitar vários mundos. *Confusa, eu? Ambivalente? Não tanto. Só seus rótulos me estilhaçam* (2021, p.78).



Intervenção Urbana #TIPOBEMSAPATÃO, realizada na Avenida Paulista
Foto e obra: Taliboy, 2020

¹⁰⁵ Teresa de Lauretis é uma autora italiana e distinta professora emérita de História da Consciência na Universidade da Califórnia, Santa Cruz. Suas áreas de interesse incluem semiótica, psicanálise, teoria do cinema, teoria literária, feminismo, estudos feministas, estudos lésbicos e queer.

Na imagem acima embora eu esteja orgulhosamente me colocando enquanto lésbica, prefiro me autonegar enquanto >>Sapatona<< - atualmente, Sapafeminista, mas ainda não chegamos lá - pois tenho a sensação que o termo >lésbica< tenta trazer uma certa assepsia sobre outras camadas dissidentes que fazem parte de minha existência, me parece que o termo apaga a parte SulGlobal, filha de pessoas migrantes nordestinas, favelada que me habita, trago aqui o que diz Glória sobre o termo lésbica:



Para mim o termo lésbica es un problema. Como chicana, mestiza de classe operária - um ser composto, amálgama de culturas e de línguas - uma mulher que ama mulheres, "lésbica" é uma palavra cerebral, branca e classe média, representando uma cultura dominante inglês- exclusiva, derivada da palavra grega *lesbos* (Anzaldúa, 2021, p.126).

Compartilho do sentimento de Anzaldúa, existir enquanto Sapatona abarca muito mais camadas da vida do que apenas dizer ao sistema qual é minha orientação sexual, com quem me deito, transo ou beijo a boca.

Até o atual momento de minha vida tive uma ou outra paixão sapatônica e um grande amor, daqueles bem clichês, intenso, cheio de arte, química e muita, muita, muita paixão. Desse amor nasceram algumas obras de arte, duas pessoas arti(vi)stas convivendo 24 horas por dia não poderia resultar em outra coisa senão em arte, ainda mais após sofrer uma agressão lesbofóbica amplamente divulgada - e espetacularizada - pelas mídias, tanto que a agressão que sofremos faz parte de um dos capítulos do livro *Notícias da Homofobia no Brasil*¹⁰⁶, organizado por Debora Diniz e Rosana Medeiros de Oliveira. Neste momento não falarei da agressão em si, o que quero falar é que a transmutamos em ativismo. A agressão ocorreu em 2013 e ficamos estigmatizadas como "as meninas do caso ACBEU", antes éramos conhecidas na cidade por ser um casal de artistas muito apaixonadas. Em 2018, após 5 anos do ocorrido, resolvemos abrir nossa intimidade, para contrapor as narrativas de violência e mostrar o afeto de um casal sapatão (TALIBOY¹⁰⁷, 2021

¹⁰⁶ *Notícias da Homofobia no Brasil* foi lançado em 2014. O livro analisa como veículos em plataformas impressas e digitais, trataram os casos de violência LGBTfóbica no Brasil no período entre 1º de janeiro e 30 de junho de 2013. A pesquisa foi financiada pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República e executada pelo Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero (Anis).

¹⁰⁷ Taliboy é um Artivista urbano brasileiro, TransMasculine, Sapatão e/ou Invertido. Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia. Atualmente, doutorando no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

p.89). Em comemoração aos nossos 10 anos de relação criamos a obra ‘Nosso Amor Sapatão 10 anos de Revolução – Parte 1’¹⁰⁸ >>> Transformamos nossa casa em uma galeria, um espaço de encontro onde as pessoas poderiam visitar pessoalmente as obras instaladas ou acompanhar nossa rotina no ambiente virtual. Instalamos quatro câmeras de segurança em nossa casa (*ainda bem que temos umas amigas massa demais, Larussi nos emprestou as câmeras*), com o intuito de transmitir, ao vivo, na plataforma YouTube¹⁰⁹, durante 10 dias, 24 horas nossa rotina, cheia de afeto e cuidado. E haja gambiarra para fazer isso acontecer; não tínhamos os equipamentos perfeitos, mas tínhamos nossa sagacidade analógica. Colocamos uma webcam filmando a TV que estava em nossa sala, onde as imagens das câmeras de segurança passavam. Era a webcam quem *f(r)iccionava* para o mundo.

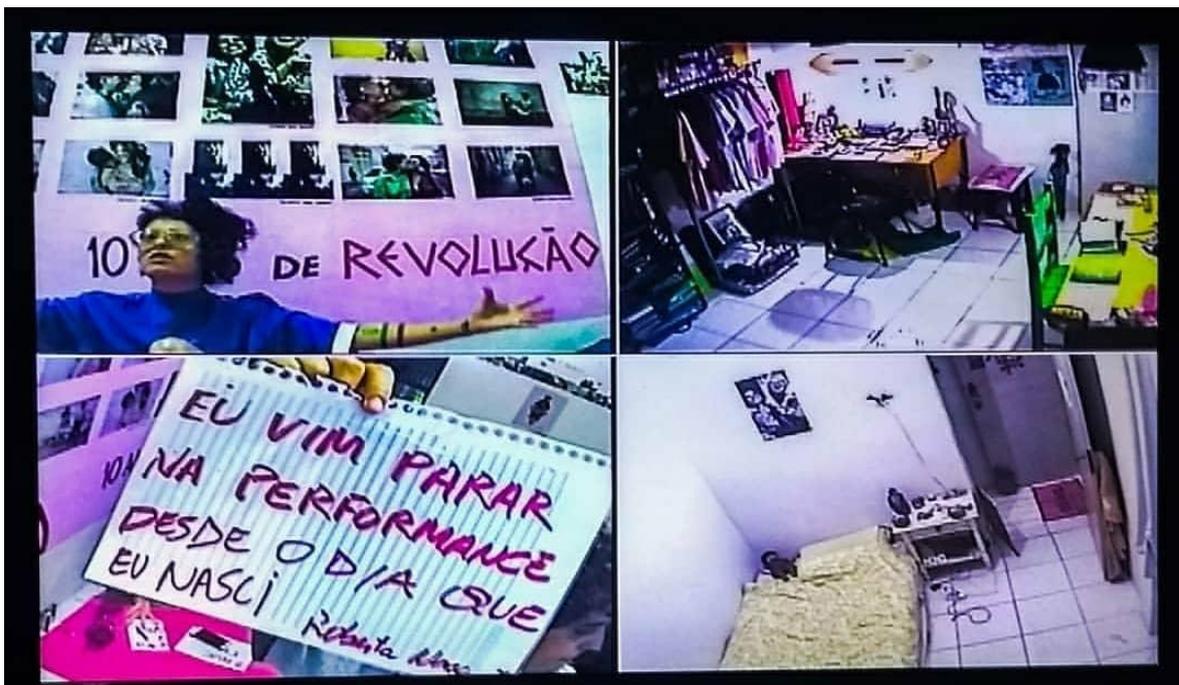
Quando fomos agredidas haviam câmeras de segurança no local exato da agressão, no entanto, as imagens nunca vieram a público, elas eram importantes pois provava que a narrativa dada pela instituição não condizia com a verdade, o agressor alegou “agressão mútua”.

¹⁰⁸ Aqui estão alguns links sobre a exposição Nosso Amor Sapatão:
<https://www.bahianoticias.com.br/cultura/noticia/32539-casal-de-artistas-instala-cameras-na-propria-casa-emexposicao-sobre-lesbiandade.html>

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/exposicao-nosso-amor-sapatao-celebra-convivencia-entre-duasmulheres/>

<https://aratuon.com.br/noticias/casal-de-artistas-instala-cameras-na-propria-casa-para-exposicao-sobrelesbianidades>

¹⁰⁹ Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=mKB9sfhs6Us&list=PLzswFLKPh3pLCSXVVA1mNHsy2LmN2w4m&index=4>



Registro das quatro câmeras de segurança instaladas na casa das artistas, 2018

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mKB9sfhs6Us&list=PLzswFLKPh3pLCSXVVA1mNHsy2LmN2w4m&index=4>

‘Nosso Amor Sapatão – Parte 2’ nasce em resposta à ascensão da extrema direita no Brasil. Logo após Bolsonaro (*emoji de vômito*) tomar posse em 2019, realizamos uma performance/casamento/manifesto. Ocupamos o espaço civil do cartório com nossas existências dissidentes e nos infiltramos na instituição casamento. Não só nós; a cerimônia foi pública e aberta pra quem quisesse chegar e celebrar o amor sapatônico. Para isso, fizemos pichações e panfletagem pelas ruas de Salvador, convidando as pessoas para o casamento no cartório e para celebração que ocorreu na Casa Rosada¹¹⁰, uma Casa Cultural Feminista, localizada nos Barris. A festança teve a participação da Banda Veronas e da cantora Viviane Pitaya.

¹¹⁰ Link do convite para celebração na Casa Rosada: <https://www.instagram.com/p/BuENwmPgEGk/>



Reportagem sobre o Casamento Manifesto, noticiado enquanto casamento gay (e não, lésbico)
 Fonte: Jornal ATARDE, 2019

‘Nosso Amor Sapatão – Parte 3’ é uma performance manifesto realizada no I Seminário Desmonte – sobre gênero e interseccionalidades, que aconteceu na Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia. A obra consiste em um beijo de 30 minutos ininterruptos. Durante o beijo são projetadas sobre nossas copas suas imagens de momentos de afeto, nossos. No ambiente, ecoava um áudio montagem que incluía a narrativa midiática sobre a agressão sofrida em 2013, relatos LGBTfóbicos e as falas de Roseli Barbosa dos Reis, irmã de Luana Barbosa (lésbica assassinada em 2019 pela polícia do Estado de São Paulo), Monica Benicio (viúva de Marielle Franco, vereadora bissexual assassinada no Rio de Janeiro), e sua irmã, Anielle Franco.



Registro da performance *Nosso Amor Sapatão*- parte 3
 Fonte: Seminário Desmonte, 2019
 Foto: Ian Habib

Trouxe *Nosso Amor Sapatão* para mostrar que pode haver muito afeto na luta em busca de ser quem se é. Trouxe *Nosso Amor Sapatão* para mostrar que o *peçoal continua sendo político*. Quebrar os armários que tentaram me aprisionar me possibilitou ter uma nova compreensão de Liberdade



Apesar de todas as inscrições culturais contrárias, a ativista, com sua preconcebida autoimagem, sua narrativa e sua autorreflexão, resiste à "inscrição" de normas culturais, práticas e paradigmas sobre ela. Ela escolhe ser aquela "inscrevendo-se" a si mesma e a sua cultura. Ativistas são agentes (Anzaldúa, 2021, p.98).

Finalizo este trecho sobre Sapatônicas dizendo que na minha vivência, existir enquanto sapatona é se permitir sentir algumas gotas de uma liberdade que goza ao romper com as amarras patriarcais e assim estabelece um elo de afeto/ético/estético/político consigo e em consequência com o Mundo e com todas as espécies que o habitam.

Tenho que lhe contar um babado, não me senti confortável ao me infiltrar na Instituição Casamento, o título de 'esposa' me gerou muito incômodo, rompi com ele, mas a burocracia civil não me permite voltar a ser uma individua sola, no papel... divorciada.

Opssssss, nossa órgã guia impulsionou as Supernovas a dançarem por entre as espirais do tempo deste escrito. A obra Rito que, de acordo com a cronologia do *espaço autobiográfico* que adentramos, estaria lá adiante, na terceira Supernova, tirou *Chronos* de cena e cá está, a *espiralar*.

4.4 Aquecemos corações a sangue frio



Detalhes da Performance 'Aquecemos corações a sangue frio', 2015
Foto: Antonello Veneri

Essa é uma Performance que nasce a partir de um trauma.

Fiquei dois anos buscando entender o que tinha vivido naquele 1º de março de 2013. Foram necessários dois anos (minha sensação é que eram dez) para eu compreender que precisava transmutar aquele trauma em potência, e só poderia fazer isso por meio da arte. No momento em que tomei essa decisão, a imagem que surgiu em minha mente foi >>> um espaço completamente branco, asséptico e um coração de gelo suspenso no ar. Eu, toda vestida de vermelho, sentada ao lado

desse coração, ligada a ele por meio de uma transfusão de sangue, e é com o calor do meu sangue que esse coração se derrete.

O trabalho de construção do coração de gelo foi árduo. Testei várias formas, me desesperei algumas vezes porque nada dava certo para transformar o líquido em um sólido órgão realista humano. Até que a iluminação veio em meio a uma conversa com um amigo artista, Wagner Lacerda¹¹¹, ele me sugeriu >>vidro<<. Uma forma de vidro, e depois bastava quebrar o vidro. Comprei uma luminária que lembrava muito a forma do coração, e deu certo! As artérias foram feitas com cilindros de laboratório. Era importante que o sangue se infiltrasse nos caminhos vazados, que seriam as veias. Fiz muitas gambiarras com canutilhos para construir as veias, mas no final deu certo. Quando retirei a forma de vidro do congelador e sutilmente a quebrei, revelando o coração, me emocionei. Meus olhos marejaram, meus batimentos cardíacos aceleraram, e acredite, isso aconteceu minutos antes de fazer a performance, que tinha data e hora marcadas como parte da programação da Mostra de Performance da Galeria Cañizares.



Performance 'Aquecemos corações a sangue frio', 2015
Foto: Taliboy

¹¹¹ Doutor, mestre e especialista em arte contemporânea pelo Programa de pós-graduação em artes visuais da Universidade Federal da Bahia. Professor com especialidade em pintura, escultura, cenografia, moda e performance.

Aconteceu! Realizei a transfusão do meu sangue para o coração de gelo. Um coração que era meu, mas que também poderia ser seu, quem sabe até um coração social, coletivo. Para a transfusão, convidei uma enfermeira para realizar o procedimento com os devidos cuidados médicos que uma transfusão requer.

Pelo tempo de Chronos essa obra não seria considerada de longa duração, mas pela ação em si, digo que sim, ela é de longa duração e isso quem diz não são meus dedos que digitam esse escrito, quem diz é meu sangue. Já sacou, né? Chronos não sai de cena porque ele sequer entra, quem rege a pulsação da obra é o líquido vermelho que sai de minhas veias. É o sangue quem determina quanto tempo a obra irá durar e quando a obra irá começar.

O Tempo orgânico tem sua sabedoria, inquietante pensar que temos, pelo menos aqui no ocidente, uma relação bastante limitada com o tempo, o cosmólogo Rovelli atribui isso à Newton (*se é trata entre eles eu já não sei (risos)*)



Eu atribuo ao

capitalismo e seus vários apêndices!

O tempo de Newton não é uma evidência dos nossos sentidos: é uma elegante construção intelectual. Se a existência desse tempo newtoniano, independente das coisas, lhe parece simples e natural, é porque foi o que você estudou na escola. Porque, aos poucos, essa se tornou a maneira de pensar de todos nós. Filtrada pelos livros didáticos de todo o mundo, para que se tornasse a forma comum de pensar o tempo. Fizemos dela a nossa intuição. Mas a existência de um tempo uniforme, independente das coisas e de seu movimento, que hoje pode parecer natural para nós, não é a intuição antiga e natural da humanidade. É uma ideia de Newton (Rovelli, 2017, p. 48).

Só que não é tão simples assim, uma “culpa individual” e pronto. De acordo com Leda (2021, p.27) *no pensamento ocidental a própria palavra tempo torna-se uma aporia*, que se instala por várias frentes, costas, lados e poros:

É o antes e depois do movimento (Hobbes). É o número do movimento (Descartes). É a medida externa do movimento (Newton). É a ordem das sucessões (Leibniz). É a condição da existência da ordem causal (Kant). É, quando tomado em abstrato, o tempo mensurável da ciência newtoniana: t, t', t''... O tempo que figura nas equações da Mecânica, portanto um número dentro de uma série (Martins, 2021, p.27).



Reparou quantos homens !!!!! Tempos patriarcais...

Esta visão *sintática* do tempo dá suporte a duas opostas filosofias: uma, que é cumulativa¹¹² e finalista, a outra, que é pontual, e, com licença do neologismo, contingencial. Em ambas está presente o modelo do tempo como seriedade, sucessão, cadeia de antes-e- depois (Martins, 2021, p.27).

Somos seres vivos, temos nossos próprios tempos. Seu tempo de digestão é sempre igual? O meu costuma ser até rápido, mas não é exato, varia muito, depende do que como, minha corpa não funciona como um relóginho.

Esta Performance foi realizada em três situações distintas e nas três situações a ação teve tempos - em minutos corridos - diversos pois o sangue saiu das minhas veias quando ele desejou e não quando eu planejei.

‘Aquecemos corações a sangue frio’ foi realizada pela primeira vez em 2015 e durou em torno de 60 minutos de relógio¹¹³. Poderia dizer que essa foi a única vez em que - quase - tudo funcionou como desenhado na partitura da obra. Digo isso porque assim que a agulha foi posta na minha veia, o sangue saiu dela imediatamente e, ao seu ritmo, ele deslizou pelo equipo de transfusão até se derramar dentro do coração de gelo, que gotejou até se desconectar do fio de nylon que o prendia ao teto.

¹¹² Tá vendo aí, o capitalismo!

¹¹³ Conheci a expressão "hora de relógio" quando morei em Salvador. Achei interessante como lá é comum, ao marcar um compromisso, um encontro ou qualquer atividade que exija uma hora exata, associar a hora mencionada ao tempo medido por um aparelho. Sob essa perspectiva, podemos considerar que existe a premissa de outros tempos não regulados por uma máquina. Olha, uma galera não caiu na "onda de Newton" (e as que eu conheci foi lá no nordeste mesmo).



Após se desconectar do fio de nylon, uma pessoa do público pegou o coração de gelo do chão e colocou no meu colo, 2015

Foto: Antonello Veneri

Uma atmosfera intimista e ritualística foi instaurada, pessoas se ajoelharam aos meus pés, algumas tocaram minhas mãos, outras simplesmente olharam nos meus olhos e choraram. Também escutei um:

- Aí, já chega!!!.

Só não vi exatamente quem falou.



Pessoa do público ajoelhada em minha frente, olhando nos meus olhos, o coração, ao nosso lado já em processo de derretimento, 2015

Foto: Antonello Veneri

A segunda vez que essa obra foi realizada foi em Santiago do Chile, no X Encontro de Performance e Política promovido pelo Hemispheric Institute, durante um período de muito frio na cidade, o que interferiu diretamente na ação, pois meu sangue custou a sair das veias. Pelo tempo de Chronos, ele demorou cerca de duas horas para se revelar. A agulha foi posta dentro de minhas veias várias vezes, em várias veias, até eu entender que ele precisava ser estimulado, aquecido dentro de mim para, então, aquecer fora de mim.



Curativo nas várias veias furadas
 Fonte: Hemispheric Institute, 2016
 Foto: Julio Pantoja

Pulei e até dancei ao redor do fogo (um aquecedor que parecia ser alimentado por carvão, não era uma fogueira. Isso não foi a vista do público, foi num momento que a produtora do evento quase me arrancou da performance, tive que entrar em uma sala para falar pra ela que só encerraria quando a transfusão acontecesse e que eu não passaria mal nem nada do tipo, segundo ela, esse era seu medo) ↔ *(risos de nervoso saíram de minha corpa ao rememorar esse diálogo), eu me garanto muito fazendo performances (risos debochados).*

Imagina, fiz vakinha online, pegay dinheiro emprestado pra ir pro Chile, passagem cara da zorra! Ativei minha corpa toda! E a moça vem me dizer pra encerrar a Performance! Ah não, não mesmo!)

confesso que, em determinado momento, achei que a obra não aconteceria em sua intensa longa duração, mas ela ocorreu ao seu tempo. Quando ele levantou febre o suficiente, o danado do sangue saiu, e foi esplendoroso presenciar o coração derreter. Essa experiência me fez entender que cada elemento que nos constitui tem

seu próprio ritmo. O sangue tem o seu ritmo, a sua pulsação, é uma entidade que dança como quer.

A terceira vez que a Performance foi realizada ocorreu novamente em Salvador, dentro do evento 'Tristes, Loucas e Más: Festival Mulheres em Cena', que aconteceu em 2017. Para minha surpresa, mas não tanto, pois, nessa altura, eu já havia entendido que o sangue regia a obra, mas eu precisava estar conectada com sua regência para tocar o instrumento >> a respiração. Quando a agulha foi inserida em minha veia o sangue não saiu imediatamente como a primeira vez em que foi realizada na Bahia. Também não demorou tanto quanto nas terras gélidas de Santiago. Desta vez, não foi necessário dançar ao redor do fogo, tive apenas que ficar em uma altura mais elevada e fazer a bhastrikā prāṇāyāma¹¹⁴ para que ele fluísse das veias.



Esfregando as mãos enquanto faço a respiração acelerada
Fonte: Festival Tristes, loucas e más, 2017
Foto: Nti Uirá.

Mais uma vez, o rubro líquido brilhou intensamente.

¹¹⁴ Bhastrikā prāṇāyāma, a respiração do fole. Bhastrikā, em sânscrito, significa fole. O nome provém da comparação entre o movimento do abdômen durante a respiração acelerada e o de um fole funcionando. Aprendi a fazer essa respiração nas práticas de yoga.



Em pé no banco, fazendo a respiração acelerada, enquanto a enfermeira faz o procedimento de transfusão de sangue.

Fonte: Festival Tristes, loucas e más, 2017

Foto: Nti Uirá

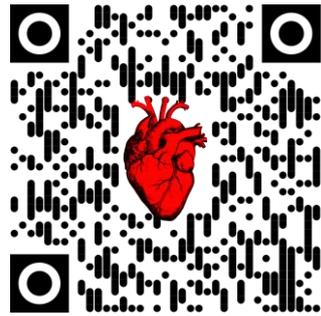
A cada gota - intencionalmente - derramada, sentia que uma parte de mim, aquela parte traumatizada, se diluía, e uma outra parte se revelava. Isso em comunhão com as pessoas que testemunharam a ação do sangue enquanto regente da pulsação do Tempo.



Aqui, faço uso do termo “testemunha” evocando a análise que Diana Taylor (2009), faz sobre “O trauma como performance de longa duração”, no texto ela aborda o impacto do trauma também nas testemunhas que, embora não tenham vivido a experiência traumática, ao testemunharem o evento em si ou ouvirem falar sobre são impactadas emocional e psicologicamente. Ela ainda diz que ao testemunharem o sofrimento alheio, as experiências das testemunhas se entrelaçam à narrativa do trauma, contribuindo para sua ressignificação.

A presença do público reverbera na obra que reverbera no público que reverbera na obra que reverberam

Se quiser testemunhar o que foi →



115

Vídeo da Performance
Aquecemos corações a
sangue frio
Acervo da autora, 2023



Minutos antes de dar início à transfusão
Fonte: Festival Tristes, loucas e más, 2017
Foto: Nti Uirá

1.5 Encontro com os Feminismos

A quarta ficha que me caiu vem quase em paralelo com a sapatonic, foi me compreender feminista, e uma feminista interseccional, Audre Lorde (2009)¹¹⁶ bem

¹¹⁵ Vídeo em <https://www.youtube.com/watch?v=dSbFHR9K1ZQ>

nos disse que *não há hierarquia de opressão*¹¹⁷, uma vem juntinha com a outra e é desse modo que devemos enfrentá-las. Minha escolha é enfrentá-las por meio da arte e por isso é tão importante que nesse nosso primeiro contato eu lhe traga para o ouvir os quatro cair de fichas que ainda ecoam em minha mente, porque foram eles que me direcionaram para o caminho da arte, por isso no meu processo de criação arte e vida não estão descoladas.

Sobre esta quarta ficha não houve um momento marco como as anteriores onde eu até escutei o barulhinho da ficha caindo, tudo aconteceu de maneira super orgânica, quando percebi já estava frequentando espaços de discussões feministas, em casas de amigas, em espaços de arte, até no âmbito mais privado apenas entre eu e minha então companheira, conversamos muito sobre nossas existências e me descobri feminista. Também marcamos presença na Marcha das Vadias de Salvador, os momentos de encontro eram sempre muito estimulantes, apesar das densidades que há em enfrentar o patriarcado. Muito mobilizada pela urgência em encontrar mais e mais feministas e ajudar a visibilizar nossas existências criei, em 2017, um cineclube Feminista em Salvador, chamei-o de *Quinta Ordinária*¹¹⁸. Às quintas-feiras a cada quinze dias eu levava meu projetor para o Bar da Marli, localizado no bairro 2 de julho, que era o bairro onde eu morava, e lá projetava os filmes escolhidos, começávamos a sessão com um curta nacional, preferencialmente baiano, e depois seguíamos com um longa. Com o passar das sessões o cineclube foi ganhando um carácter LesboFeminista e em consequência disso, em 2019, entramos em parceria com o Bar de Quinta, que ficava localizado dentro da Casa Rosada, o mesmo espaço onde aconteceu a celebração do casamento manifesto *Nosso Amor Sapatão*.

¹¹⁶ Audre Lorde foi uma escritora americana de descendência caribenha, feminista lésbica e ativista na luta pelos direitos humanos. Escreveu romances que abordam temáticas como feminismo e opressão, além de direitos humanos. Sua obra poética foi publicada a partir da década de 60. Fonte: <https://www.geledes.org.br/a-poesia-de-audre-lorde/> . Acesso em: 01 ago. 2023.

¹¹⁷ Audre Lorde, “Não há hierarquia de opressão”, Textos escolhidos de Audre Lorde,[s.l.], Herética Edições Lesbofeministas Independentes.

¹¹⁸ O cineclube ficou ativo entre 2017 e 2019. Link: <https://www.facebook.com/cineclubefeminista/>



Card do CineClube Quinta Ordinária
Acervo pessoal da autora, 2019

Esse é o último cair de fichas que trago para nossa conversa e com ele enfatizo que a arte que faço, que tem a corpa como matéria prima de criação, está impregnada das experiências vividas por uma existência que usa dessas autoidentificações, aliadas à arte, como caminhos possíveis para a retomada de si. Pontuo que ao falar de identidade considero importante a reflexão que Gloria nos traz ao dizer que:

Identidade não é um amontoado de cubículos estofados respectivamente com o intelecto, sexo, raça, classe, vocação, gênero. Identidade flui entre, sobre, aspectos de cada pessoa. Identidade é um rio - um processo. Contido no interior do rio está sua identidade, e ela precisa fluir, mudar e continuar o rio - se parasse seria um corpo de água contido, como um lago ou um tanque (Anzaldúa, 2009, p.133).

COMO TER UMA VIDA MENOS CAFETINADA?

Rolnik¹¹⁹(2019) nos provoca a refletir sobre esta questão, e dessa maneira, em letras garrafais que essa pergunta vibra em meus poros, átomos e moléculas, é justamente por meio deles transmutados em arte, que encontro uma possível resposta.

¹¹⁹ Aqui faço menção ao livro *Esferas da Insurreição: Notas para uma vida não Cafetinada*, da filósofa, escritora, psicanalista, curadora, crítica de arte e da cultura e professora universitária Suely Rolnik.

Angela Davis¹²⁰(2018) sinaliza que a *Liberdade é uma luta constante*¹²¹ e Julieta Paredes (2020) diz que *temos que construir a utopia no dia a dia*¹²², creio que esses dois pensamentos podem se fazer presentes quase que materialmente no ato da performance em si. A performance arte em certa medida, é um ato de relatar a si e não é de hoje que ela é uma aliada dos feminismos, que também têm essa característica, Marcia¹²³ nos diz que:



[...]o feminismo nos dá uma biografia. Ele é a narrativa de si, a autoavaliação crítica e autocrítica das mulheres. A narrativa daquelas pessoas que não tiveram narrativa, que não tiveram direito a uma história. Por meio dessa história que vem sendo construída e que tem um longo caminho pela frente, o feminismo nos dá a chance de nos devolver ao nosso tempo, aos nossos pensamentos, ao nosso corpo (Tiburi, 2018, p.103).

¹²⁰ Angela Davis é escritora, filósofa, professora emérita do departamento de estudos feministas da Universidade da Califórnia e ícone da luta pelos direitos civis.

¹²¹ Livro escrito por Angela Davis em 2018.

¹²² A poeta, cantautora, escritora, grafiteira e ativista feminista descolonial aymara boliviana Julieta Paredes faz a afirmação citada em uma entrevista concedida à Pública, em 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/temos-que-construir-a-utopia-no-dia-a-dia-diz-a-boliviana-julieta-paredes/> Acesso em: 14 jun. 2023.

¹²³ Marcia Tiburi é filósofa, artista plástica, escritora e Professora na Universidade Paris 8, na França.



Registro de Roberta Nascimento ao lado do Antimonumento Feminista, Cidade do México, 2019
Foto: Taliboy

Antes de todas essas fichas caírem e eu me tornar quem sou, devo dizer que desde quando me entendo por gente estou num lugar fronteiro, num entre. Nasci e me criei em uma favela de São Paulo, no entanto não me sinto paulistana 'raiz', por assim dizer, porque sou filha de uma mãe pernambucana e um pai cearense que embora tenham migrado para São Paulo não arrancaram suas raízes nordestinas (sorte a minha), no entanto digo que as raízes mais profundas de nossa árvore ancestral eu ainda desconheço, isso devido a chegada dos saqueadores de histórias (sim, tô falando dos colonizadores) em nossas terras. Nasci com um tom de pele que me coloca também num entrelugar, a paleta parda é de complexa definição, minha mãe sempre fez questão de pontuar que o sangue que corre em nossas veias é sangue indígena, minha vó >>originária<< encantou muito jovem, quando minha mãe ainda era adolescente e falou pouco sobre sua ancestralidade pois, segundo minha mãe, era nítido que ali havia muita dor, uma dor que eu, sua neta, ainda consigo sentir. Mais uma vez escrevo com lágrimas nos olhos e raiva no estômago.

É Gloria, *não estamos em paz com os opressores que afiam seu uivo em nossa dor. Não estamos em paz.* (ANZALDÚA, 2021, p.62) A violência etnocida segue fazendo sua manutenção para nos afastar de nossas parentas e parentes e assim nos colocar em uma solidão improdutora. Falham! O processo de retomada é real e está cada dia mais latente. Eu não vou mais admitir que um outro diga quem sou. Sabemos, essa é uma prática antiga que chegou junto com as caravelas aqui em Abya Yala y em Pindorama e a ela digo e repito.

NÃO MAIS!

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas (RIBEIRO, 2017), trago Djamilia pra essa conversa pra dizer o porquê passei contigo nas espirais de minhas memórias, e foi justamente para lhe apresentar alguns marcos importantes que me fizeram existir tal qual como sou nesse espaço tempo que nos encontramos e assim você localizar a partir de qual existência as obras que aqui trago, nascem.

Já pontuei, mas vale reforçar, não lido bem com formas/caixas e habito um entrelugar, portanto, não é de se surpreender que enxerguei na arte da performance uma potência quase libertadora - quase, porque *a Liberdade é uma luta constante*, já nos disse Angela Davis (2018) -, será essa a *epifania* que Cohen¹²⁴ nos fala?

Eu e um amigo tivemos uma longa e tensa conversa sobre a liberdade, era papo de mesa de bar, ele dizia que era possível vivê-la em sua plenitude e eu, bem, disse que já senti sua silhueta algumas vezes. Seria eu livre enquanto um pássaro está preso em uma gaiola? Como poderia sentir a liberdade completa em cada poro se sou apenas um microcosmo de uma corpa muito maior, que está sendo mutilada, envenenada, queimada neste exato momento em que estou aqui contigo vislumbrando novos mundos. Os olhos pesam, dias sem conseguir dormir pensando no grupo de orcas que seguem presas na costa do gelo de Hokkaido se ficarem mais um dia lá podem morrer!

Ufa, escaparam. Será que elas agora experienciam a liberdade completa?

¹²⁴ Renato Cohen foi ator, diretor, performer, teórico e pesquisador brasileiro. Dentre outras obras escreveu o livro *Performance como linguagem: Criação de um espaço tempo de experimentação*, publicado pela editora Perspectiva, em 1989.

Eita, lembrei que hoje vence a conta de luz!

1.6 Encontro com a Performance Arte de intensa longa duração e com o Artivismo

Intensa,
 despuorada,
 imprevisível,
 misteriosa
 a danada me seduziu

Meu encontro com a Performance Arte¹²⁵ se deu pela solidão. Explico → ao final de 2009 completei todos os módulos de minha graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia, enfim Bacharela em Interpretação Teatral. Felicidade e uma certa insegurança me atravessaram, meu desejo era, após formada, criar um grupo de teatro engajado e seguir trabalhando com atuação.

doce ilusão

Só que para formar um grupo de teatro requer muitos fatores que estão para além do simples desejo, até participei de alguns grupos mas eles não se sustentaram por diversos motivos, além das urgências cotidianas que o sistema no qual vivemos nos impõe tem a questão da misoginia que também se faz presente na arte, Marcia Tiburi nos sinaliza que *o Feminismo é o contrário da solidão*¹²⁶, entendo o que ela diz, e quando finalmente consegui dar as mãos para todas as mulheres e pessoas não binárias que, mesmo sem se autonearem feministas mas que em suas práticas de vida buscaram a autonomia de serem tudo que poderiam ser, pude experienciar o contrário da solidão, só que antes disso, nas relações interpessoais, no dia a dia da vida prática, todas as vezes que eu me posicionava enquanto feminista parecia que eu espalhava um repelente ao meu redor (*risos reflexivos*) muitas

¹²⁵ Existem muitas definições para performance, aqui faço referência da performance enquanto linguagem artística portanto uso o termo performance arte, abasileirando o termo que em sua origem é performance art, pois são artistas norte americanes as primeiras pessoas a usarem esse termo no início dos anos 70 (Cohen, p.44).

¹²⁶ Referência ao capítulo 5 (p. 32) do livro *Feminismo em Comum: Para Todas, Todesk e Todos*, publicado pela editora Rosa dos Tempos, em 2018.

peças se afastaram de mim (*e não estou reclamando, (risos)*) as posturas misóginas ficaram mais evidentes, sobretudo por parte de uma camada do meio teatral de Salvador, cidade em que eu morava na época. Até escutar da boca de diretor que *eu precisava parar de levar meus problemas com homens para cena*, tive que escutar (*emoji de olhinhos virados pra cima*). Faço essa pontuação sobre o meio artístico porque fato é que até o presente momento, em 2024, ainda temos que lutar contra a misoginia em um meio que, em teoria, deveria ser um dos que mais prezam pela multiplicidade das existências e gênero não deveria ser um marcador de corpos/corpas. Um dia chegaremos lá, pra desespero dos misóginos (*risos*).

Me vi desejosa de criar só que sem muito horizonte para explorar e materializar toda aquela intensa pulsação criativa que fervia dentro de minhas veias. O que me restava? Fazer audições no único teatro de grande porte da cidade e que nem sempre abria chamadas para audição e quando abria, na maioria das vezes, era para atuar em um espetáculo dirigido por homem cis¹²⁷, dramaturgia também feita por algum homem cis¹²⁸. Digamos que esse cenário de atuação não ativou a vibratibilidade dos meus desejos. Ansiava por experimentar algo de arte que me deixasse molhada mas não de chorar e sim de gozar, e ao mesmo tempo que *me retirasse a sensação de impotência diante das violências do mundo*¹²⁹, nesse ponto faço coro à Maria Evelia Marmolejo¹³⁰ que, inclusive, só fui conhecer muitos anos depois.

Salve, Maria!

Solidão se mostrou...

Angústia gritou

¹²⁷ Abreviação da palavra cisgênero.

¹²⁸ Emoji de olhinhos virados pra cima.

¹²⁹ Referência a uma citação de Maria Evelia Marmolejo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mMkg3Q4n0uk&ab_channel=CIFOArtChannel. Acesso em: 25 jun. 2023.

¹³⁰ Maria Evelia Marmolejo é uma artista colombiana. Estudou arte na Universidade de Santiago de Cali (1978-80). Depois que Marmolejo deixou a faculdade, ela se concentrou na performance, produzindo muitos de seus trabalhos entre 1981 e 1985. Ela centrou sua arte em questões-chave: opressão política, especificamente, na Colômbia dos anos 80, condições sociais e econômicas na América Latina e questões ambientais e de gênero. Seu trabalho é caracterizado por sua natureza ritualística e intenção feminista e política. Fonte: <https://www.artistaslatinas.com.br/artistas-1/maria-evelia-marmolejo>. Acesso em: 14 jun. 2023.

naquele momento

e neste em que escrevo estas palavras, pois acabei de

limpar

o vômito de minha companheira felina, Mole, que está com câncer, temos
vivido um dia de cada vez, muitos
remédios,

muito afeto,

131

cuidar também é uma ética.

Devaneio veio... entrou...sem pedir licença. Artevida é assim, tudo misturado...

voltemos ao escrito

↓

Angústia gritou em forma de uma imagem que se repetiu em minha mente por dias e dias, noites e noites, digamos que era uma imagem que metaforizava o que eu estava sentindo de mais inquietante naquela época, dentro. Era a DitaDura da beleza imposta às mulheres¹³².

...

Renato Cohen (1989, p.106)¹³³ diz que o processo de criação na linguagem da performance geralmente se inicia pela forma e não pelo conteúdo, pelo significante para se chegar ao significado. Só que hoje ao olhar meu percurso percebo que comigo não foi e nem é assim que funciona, a angústia costuma vir antes de qualquer forma ou imagem definida.

...

Não sei se são os acasos da arte, mas naquela mesma época, estamos falando de 2010, tinha um cartaz gigantesco em frente à escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (e não tinha como eu não ver aquele cartaz pois morava em frente à EBA) dizendo que havia uma chamada aberta para participar da

¹³¹ Foto dos olhos de Mole, minha companheira felina. Acervo pessoal da autora, 2023.

¹³² Hoje não me reconheço mais como mulher e sim como sapatona, no entanto na época em questão ainda me reconhecia como tal.

¹³³ Referência ao livro Performance como Linguagem - Criação de um espaço-tempo de experimentação.

X Bienal do Recôncavo da Bahia. Vi aquele chamamento como uma oportunidade de trazer para o plano tridimensional plástico/estético aquela angústia que me inquietava o estômago.

...

Anos depois, após meu encontro com a Performance, RoseLee Goldberg (2007, p.8)¹³⁴ me contou que na história da arte do século XX, cada vez que uma escola - quer se tratasse do *cubismo*, do *minimalismo* ou da *arte conceptual* - parecia ter chegado a um impasse, as pessoas artistas recorriam à performance para demolir categorias e apontar para novas gerações. A partir dos anos 60 a linguagem da performance ganha ainda mais corpa, inclusive a partir desse período, *o corpo passa a ser o centro das preocupações políticas, sociais e estéticas* (GOLDBERG, 2007, p. 29). O livro *Mulheres Radicais: arte latino-americana 1960 /1985*, publicado pela Pinacoteca de São Paulo, traça um panorama rico sobre esse período:

Nos anos 1960, artistas começaram a produzir novas representações do corpo ponto emergência, assim, uma virada iconográfica radical das tradições estabelecidas. O corpo escondido e fixo, acometido por estereótipos, ou até mesmo por tabus ligados a estruturas patriarcais do modernismo heterossexual e normativo, passou a ser questionado e investigado de modo intenso. Artistas passaram a inverter o ponto de vista a partir do qual o corpo feminino havia sido, até então, representado (o nu, o retrato, as imagens da maternidade, sempre vistos do mesmo ângulo, originalmente ancorados em parâmetros de representação regulados pelas Convenções da arte acadêmica do século XIX e, depois pelas convenções do modernismo do começo do século XX) (p.29).

...

Aquele cartaz me mostrou que eu deveria demolir o que estava me limitando enquanto artista - e conseqüentemente enquanto gente - no Mundo. Se não foi possível montar um grupo teatral e também participar de audições não me instigava, então que eu observasse para as minhas urgências criativas e passasse a ser

¹³⁴ RoseLee Goldberg é historiadora e crítica de arte. Foi diretora da Royal College Art Gallery, em Londres, e curadora no The Kitchen Center for Video Music & Performance, em Nova Iorque. Leciona na Universidade de Nova Iorque desde 1987. É diretora e curadora do festival PERFORMA, em Nova Iorque. Escreveu um importante livro para os estudos da performance intitulado → A arte da performance: do futurismo ao presente, publicado em 1988.

*heroína de minha vontade radical*¹³⁵ (SONTAG, 1969), e as materializasse. Portanto, me inscrevi com o trabalho que até então só existia em minhas vísceras, o intitulei 'Estética da Via Crucis'. O nomeei enquanto performance instalação¹³⁶ porque após o encontro da performance com o público, o objeto artístico ficaria instalado no espaço durante o mês da exposição.

O trabalho foi aprovado - mais adiante, na terceira Supernova, falo um pouco mais sobre essa obra que considero meu rito de passagem para o universo da arte da performance de intensa longa duração - e assim realizei meu primeiro trabalho autoral no campo da performance arte, campo que me levou pra lugares *fabulosos*. No entanto tive um contato muito raso com ele durante a minha em Interpretação Teatral, na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, fui pesquisadora PIBIC sob orientação da professora Jacyan Castilho e na pesquisa li o livro sobre Teatro Pós-Dramático¹³⁷, de Hans-Thies Lehmann¹³⁸, e vi que existia um teatro com caráter performativo.

>>Antena ativou<<

Pontuo que a primeira vez que escutei, ou melhor, li o termo *performer* foi em um escrito sobre uma conferência que Jerzy Grotowski¹³⁹ deu, na Itália, na qual ele aborda o conceito de "Performer" (1987), ele não só explana sobre o trabalho de artistas da cena, mas propõe reflexões acerca da condição humana e toda a potencialidade que há em existir com a consciência da própria existência. Digamos que a jovem Robertinha aspirante a atriz ficou instigada em saber mais sobre aquele

¹³⁵ Susan Sontag chama de "heróis da vontade radical" (Styles of Radical Will) as pessoas artistas que não se submetem ao cinismo do sistema e praticam, à custa de suas vidas pessoais, uma arte de transcendência (Cohen, p.45).

¹³⁶ A nível de conhecimento, como bem explica Cohen, *uma instalação é algum elemento sígnico, que pode ser um objeto, uma atriz, um ator, um vídeo, uma escultura etc, que fica "instalado" num local fixo e é observado por pessoas que geralmente chegam em tempos distintos.* (p. 28)

¹³⁷ LEHMANN, Hans-Thies. Teatro Pós-dramático. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

¹³⁸ Hans-Thies Lehmann foi professor, investigador e crítico de teatro. Lehmann lecionou até 2010 na Johann Wolfgang Goethe Universität e noutras universidades estrangeiras em Amsterdã, Paris, Viena, Tóquio e Berkeley. Fonte: <https://www.orfeunegro.org/blogs/autores-ensaios/hans-thies-lehmann> . Acesso em: 03 ago. 2023.

¹³⁹ Jerzy Grotowski foi um diretor de teatro polaco e figura importante no teatro do século XX, principalmente no teatro experimental ou de vanguarda. Seu trabalho mais conhecido em português é "Em Busca de um Teatro Pobre" Ed. RJ:Civilização Brasileira, 1971, onde postula um teatro baseado no trabalho psicofísico do ator. Fonte: <https://portaldosatores.com/2017/08/11/vida-e-obra-jerzy-grotowski/> . Acesso em: 03 ago. 2023.

negócio de *estado do ser* que Grotowski sinalizava ao falar do que vem a ser *ator O Performer*.



pode ser mulher também, ou simplesmente pessoa, né Grotowski?



O *Performer*, com letra maiúscula, é um homem de ação. Ele não é um homem que faz o papel de outro. É o atuante, o sacerdote, o guerreiro: está fora dos gêneros estéticos. O ritual é *performance*, uma ação realizada, um ato. O ritual degenerado é um espetáculo. Não quero descobrir algo novo, mas algo que foi esquecido. Algo tão antigo que todas as distinções entre gêneros estéticos deixam de ser válidas [...] O *Performer* é um estado do ser.

A antena do meu inconsciente consciente, a partir dali, ficou ligada para me atentar às possibilidades que escapavam do teatro tradicional.

Artaud¹⁴⁰ logo fez minha antena disparar:



O teatro não é essa parada cênica onde um mito se desenvolve virtual e simbolicamente, mas esse cadinho de fogo e carne verdadeira onde, anatomicamente, por pisoteamento de ossos, de membros e de sílabas, os corpos se refazem e o ato mítico de fazer um corpo se apresenta fisicamente e de modo natural (Artaud, 1948, p.15).

Admito que não pretendia citar nenhum homem cisgênero nesta cardiossertação, no entanto estaria sendo desonesta com minha própria história, já que a trago aqui, e com a pesquisa caso omitisse meus encontros com caras¹⁴¹ que ao romperem com as estruturas artísticas de suas respectivas épocas, plantaram algo que germinou dentro da Roberta artista. Certamente existiram mulheres fenomenais contemporâneas aos homens que cito, e o patriarcado fez o serviço que vem fazendo há milênios, as preteriram.

...

¹⁴⁰ Antonin Artaud foi um poeta, ator, escritor, dramaturgo, roteirista e diretor de teatro francês de aspirações anarquistas. Ligado fortemente ao surrealismo. Criador do Teatro da Crueldade. Entre suas obras está o importante livro *O Teatro e seu Duplo*, que teve sua primeira publicação no ano de 1938.

¹⁴¹ Gíria, que significa homem.

Artaud diz que *ninguém alguma vez escreveu ou pintou, esculpiu, modelou, construiu ou inventou senão para sair do inferno* (1925). Acrescento, no meu caso tenho que ir diretamente para >>meu inferno<<, para criar, e ao materializar a criação ele sai de mim em forma de <<arte>>.

Sim, meu encontro com Artaud também foi cruelmente¹⁴² - ou cruamente - intenso. Para quem sentiu no teatro um caminho possível para externalizar suas angústias, escutar que *assim como a peste, o teatro existe para vazar os abscessos coletivamente* (p.24) me deu a sensação de ter encontrado um parceiro de cena.

...

Outra pessoa que a graduação em Artes Cênicas na UFBA me apresentou e que, em certa medida foi importante em meu percurso, foi Alfred Jarry¹⁴³.

Eis que no quinto semestre da faculdade nós montamos um espetáculo chamado Ubu¹⁴⁴. No processo de pesquisa quando eu mergulhei dentro do universo do texto e de quem o escreveu me deparei com a acidez de Alfred Jarry. Eu fiquei fascinada pela intensidade de uma figura que bebia absinto misturado com tinta porque queria se colorir por dentro (isso é fofoca dos surrealistas que a professora contou em aula, por isso não coloco a fonte). E quem diria que o espetáculo que mais gostei de fazer durante a minha graduação foi justamente o espetáculo marco da introdução das artes cênicas na modernidade, isso foi Cohen (2007, p.40) quem me contou aqui no pé d'ouvido assim como disse que, de uma forma cronológica a gente pode associar o início da performance enquanto linguagem com o século XX e o advento da modernidade. Repito, de uma forma c.r.o.n.o.l.ó.g.i.c.a.

Nada é por acaso ou há uma certa lógica nos acasos, tô refletindo e *fabulando* sobre as teias do tempo e as teias dos marcos históricos na arte da

¹⁴² Antonin Artaud propõe um Teatro da Crueldade (algumas tradutoras dizem que "cruenza" caberia melhor dentro do que Artaud estava dizendo).

¹⁴³ Alfred Jarry foi um dramaturgo, romancista e poeta, conhecido sobretudo pela peça Ubu rei, cuja estreia em 1896 causou furor em Paris. Influência decisiva sobre os autores surrealistas, dadaístas e do Teatro do Absurdo. Autor de inúmeras outras obras, Jarry era um grande entusiasta da bicicleta – segundo ele "um prolongamento mineral do sistema ósseo do homem" –, sobre a qual deixou diversos escritos. Fonte: <https://www.ubueditora.com.br/autor/alfred-jarry.html> . Acesso em: 03 ago. 2023.

¹⁴⁴ Vale apontar que o espetáculo que dá início, à rigor, a modernidade nas artes cênicas é a apresentação de Ubu Rei, no Théâtre de L'Oeuvre de Paris, em 1896, essa peça rompe completamente com os padrões estéticos da época (Cohen, p.40).

performance e tecendo cruzamentos com as teias de minha trajetória artística. Veja bem, me vi sozinha, mas isso não foi um impeditivo para continuar em cena. Na verdade, foi o oposto! Descobri uma potência que até então eu desconhecia, trabalho de grupo é incrível e sempre estarei envolvida em algum, só que hoje em dia não abro mão de meus processos solo, essa também é uma prática feminista >> falar de nossas urgências, em primeira pessoa.

Olha só que inspiradora essa anotação¹⁴⁵



Audre disse que precisamos falar. Falar alto, falar coisas desconfortáveis e ser perigosas que simplesmente foda-se, inferno, deixar tudo sair e fazer com que todo mundo ouça, quer queiram, quer não (Anzaldúa, 2021, p. 60).

Isso aconteceu com alguns grupos da chamada *live art*¹⁴⁶, artistas passaram a transitar entre o happening e a performance, Cohen nos conta que:

[...]na passagem do happening¹⁴⁷ para a expressão artística performance, uma modificação importante vai acontecer: o trabalho passa a ser muito mais individual. É a expressão de um artista que verticaliza todo seu processo, dando sua leitura de mundo, e a partir daí criando seu texto (no sentido sígnico), seu roteiro e sua forma de atuação. O performer vai se assemelhar ao artista plástico, que cria sozinho sua obra de arte; ao romancista, que escreve seu romance; ao músico, que compõe sua música (2007, p.100).

*Arte é vida. Performance é vida. Vida é criação e eu sou parte dessa criação*¹⁴⁸. Tô contigo nessa, Maria Evelia (2016), nossas subjetividades importam, porque por mais que pareçam, não são só nossas, sobretudo quem existe fora da

¹⁴⁵ Glória Anzaldúa compartilha esse trecho da Carta de Kathy Kendall, 10 de Março de 1980, sobre um workshop de escrita dado por Audre Lorde, Adrienne Rich e Meridel LeSeur.

¹⁴⁶ A live art é a arte ao vivo e também a arte viva. É uma forma de se ver arte em que se proporciona uma aproximação direta com a vida, em que se estimula o espontâneo, o natural, em detrimento do elaborado, do ensaiado (p.38).

¹⁴⁷ Expressão artística que tem como idealizador Allan Kaprow. O happening é uma ancestral da performance art. *Happening e performance advêm de uma mesma raiz: ambos são movimentos de contestação, tanto no sentido ideológico quanto formal; as duas expressões se apoiam na live art, no acontecimento, em detrimento da representação-repetição; existe uma tonicidade para o signo visual em detrimento da palavra* (COHEN, p.135). Vale pontuar que no cenário da América Latina a artista argentina Marta Minujín se autodeclara inventora dos happenings na América do Sul. (Connie Butler, 2018, p.43)

¹⁴⁸ Referência a uma citação de Maria Evelia Marmolejo, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mMkg3Q4n0uk&ab_channel=CIFOArtChannel. Acesso em: 25 jun. 2023.

cisheteronormapatriarcal, nossas dores são coletivas. *A arte... a performance me permite enfrentar o mundo de uma maneira poética*¹⁴⁹. Tô contigo de novo, Maria.

Eu disse que foi a solidão quem me fez chegar na arte da performance, só que isso não é totalmente verdade, é, num determinado ponto de minha vida = a não concretude de formar um grupo de teatro, e só, pois por outro lado sempre estive em meio a muitas pessoas na vida cotidiana. Embora estudasse na faculdade de teatro eu circulei muito em todas as escolas de Artes da UFBA: dança, música e principalmente a escola de Belas Artes, lá conheci uma galera que se interessava pela corpa dentro das artes plásticas, tive boas conversas com essa turma, inclusive me convidaram pra ser modelo viva nas aulas de desenho anatômico (*risos*), foi uma experiência interessante, meditativa eu diria, e me rendia R\$ 50 conto por aula.

...

Porque estou relatando esses momentos de minha vida em um texto acadêmico? Porque eles nutriram a artista e pesquisadora que hoje sou e esses “pequenos detalhes” vividos têm tanta importância quanto leituras de livros teóricos, são narrativas de um tempo e de uma cena artística da qual fiz parte, nesse caso, em Salvador/Bahia.

ou A artista

↗

Se o artista funciona como uma espécie de antena que capta e transmite uma mensagem — e para isso, mais do que uma sensibilidade aguçada ele dispõe de tempo e interesse de pesquisa — é fundamental, para se situar a arte de performance dentro de um contexto maior, analisar o “envoltório” para onde estão apontadas as antenas (Cohen, 2007, p.144).

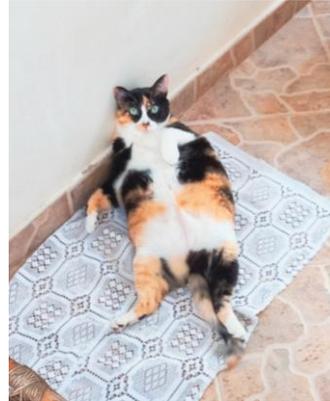
...

Entre 2007 e 2011 morei na residência universitária, no quarto 6, que era conhecido como o quarto da “galera das artes”, creio que sua atmosfera me atraiu, logo quando cheguei com mais 20 novas moradoras calouras, fui sorteada para morar nele, agradeço ao Cosmos por isso (*risos reflexivos*). Lá, eu, minhas e meus colegas de morada (sim, era um quarto misto subdividido por paredes “falsas”) promovemos alguns saraus festivos e fizemos nossos *happening's* regados a vinho barato e pão dormido.

¹⁴⁹ Referência a uma citação de Maria Evelia Marmolejo, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mMkg3Q4n0uk&ab_channel=CIFOArtChannel. Acesso em: 25 jun. 2023.

...

Curumim, minha companheira felina de 8 anos com a energia de uma filhotinha, solicitou minha companhia para brincar de bolinha com ela. Tive que atendê-la, pois ela tem a sua própria rotina, e devo respeitá-la. Não atravessá-la com meus compromissos demasiados humanos, é importante.



150

Na vida em que vivo, busco me relacionar de maneira não especista com aquelas com quem escolhi compartilhar minha existência - os perrengues, as alegrias, os amores e também as dores. Se nossa existência não se soma à de outras espécies, pergunto-me qual seria o sentido de estar aqui? Qual o propósito de expressar nossas reflexões nos espaços legitimados? E de até fazer arte? Acredito que é para somar, e espero sinceramente que essa soma não se restrinja apenas à espécie humana.

...

Voltei.

Voltemos lá pra São Félix em 2010, pois quero pontuar que foi lá, que descobri que era possível experimentar o tempo de uma outra forma que não aquela ritmada pelo tic tac do relógio. Lá realizei minha primeira obra¹⁵¹, que me sinalizou que talvez o tempo não fosse um tirano unilateral. A Performance que me fez a revelação durou oito horas contadas do início ao fim da ação diante do público. Na verdade, ela durou bem mais, pois sou daquelas que acredita que o processo criativo já constitui a performance, assim como o que acontece após o encontro com o público. As intensidades vividas durante a Performance reverberam nas células mesmo após a ação, continuando a ressoar como uma Performance que se desenrola entre as poeiras estelares.

¹⁵⁰ Foto de Curumim, minha companheira felina, 2022.

¹⁵¹ Coloquei meu primeiro tijolinho na soma da construção de novos mundos rumo aos tempos do bem viver!

Mas voltemos nossa atenção para o momento das horas contadas a partir do início do encontro com as pessoas que presenciaram a Performance até o fim dele. Durante aquelas oito horas, percebi - não por meio de uma análise racional, mas de uma consciência sensóricorporal - que aquela experiência incrivelmente *driulnautnaudna* promovia um 'babado' poderoso que emergia de minha presença/corpa - em estado de arte. Aquela - nova - atmosfera envolvia não apenas o espaço ao redor, mas também as pessoas presentes naquele ambiente. É difícil encontrar palavras que descrevam precisamente a *nebulosa* sensação que experimentei. Foi algo quase alquímico, uma forma de bruxaria com elevados *índices de vida* (COHEN, 2007, p.117).

Juro que berrei quando li no livro de Glusberg (2003,p.126) que:

O aspecto mágico da performance leva em conta esta antiga sabedoria: o movimento do corpo é poderoso o suficiente para evocar algo que está sempre além dos níveis de consciência. Na performance, os sentidos são evocados com um propósito que os transcende: A essência das atividades do performer reside nessa transcendência.



ou dA performer

Pronto, inebriei-me. Ali, durante aquelas oito horas, fui deliciosamente captada pela danada da arte da Performance de intensa longa duração.

A partir dali ela meio que se fundiu em *f(r)icção* à minha vida. Não que eu acredite que a vida corriqueira seja uma grande performance - sei que há uma camada de performatividade na vida vivida dia a dia, cotidianamente, inclusive a de gênero assim como a ruptura dele. No entanto, aqui me refiro a Performance enquanto linguagem artística, posso afirmar que a performer que há em mim não se descola de minha corpa quando estou vivendo a vida ordinária. Ela coexiste com a Roberta dos correios diários, mas está um tanto quietinha, pois é outro estímulo que a faz emergir e dominar a minha corpa, situado no âmbito do extraordinário. A Performance tornou-se minha aliada na trincheira da vida. Quando o sistema joga uma granada em minha direção, é ela quem a arremessa para longe, impedindo-me de explodir

e de

implodir.

Chamo isso de Artivismo, conceito que, diga-se de passagem, ainda é estigmatizado na história da arte, muitas artistas não se auto nomeiam enquanto ativistas por receio de, se assim o fizerem, serem expelidas dos espaços "legitimados" de arte. Mas pra mim e pra artistas que, ao longo de suas histórias, buscaram a liberdade humana e não humana, de maneira criativa, consciente, ele é um conceito pilar. Anzaldúa fala de sua experiência enquanto ativista:

Nós (ativistas) estamos em busca de experiências poderosas, que façam sentido. Em busca de que nossas vidas sejam relevantes, de responder à opressão social e seus efeitos debilitantes. Ativistas estão engajadas numa jornada política (2009, p. 91-92).

Nessa linha de pensamento que muito me atrai eu diria que Artivistas estão engajadas em uma jornada que intersecciona arte, vida e política. Anzaldúa (2009, p.92) segue seu raciocínio, diz que *ser ativa corresponde a algumas necessidades básicas: catarse emocional, satisfação, epifanias políticas* = Tudo a ver com quem coloca sua corpa em estado de arte

→
tudo a ver com Performance

Importante pontuar que

↘
O artivismo não é um conceito consensual dentro do campo artístico nem dentro das ciências sociais. Por ser um termo recente, muitos ainda preferem usar outros conceitos como arte ativista, arte de guerrilha, arte política, arte engajada ou arte protesto, para descrever fenômenos em que ligam a arte às questões sociais, políticas e culturais, embora existam diferenças conceituais entre elas, aqui me interessa o diálogo e aproximação entre arte e política que todas elas trazem em comum (Taliboy, 2021, p. 61).

A Performance é uma arte *de ruptura* (COHEN, p.39) e desde sua criação esteve presente na vida de pessoas inconformadas com a opressão sistêmica, a história dos feminismos tá aí repleta de ações performáticas.

No período que antecede a eleição presidencial no Brasil de 2018 as feministas em coro cantaram #EleNão por avenidas, esquinas e redes sociais sob uma emocionante versão de Bella Ciao, canção símbolo da resistência italiana ao fascismo:

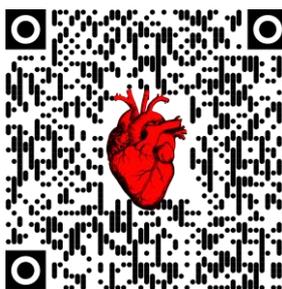
↘
Uma manhã, eu acordei

e ecoava: EleNãO, EleNãO, não, não

Uma manhã, eu acordei
e lutei contra um opressor

Somos mulheres, a resistência
de um Brasil sem fascismo e sem horror

Vamos à luta, pra derrotar
o ódio e pregar o amor¹⁵²



Playlist: Sonoridades
da Cardiossertação
Música: Bella Ciao,
de Najwa
Acervo da autora, 2023

Feministas do mundo inteiro criaram ações ativistas e artivistas desde o início do movimento conhecido como Primavera Feminista - incluso o #elenãO de 2018 - No Brasil, um dos marcos da Primavera Feminista foi o levante de 2015 contra o PL 5069/13, pois o então presidente da Câmara, Eduardo Cunha, retomou o projeto de lei para votação na Câmara dos deputados, no qual, dentre muitas outras deliberações, dificulta vítimas de estupro a terem acesso à profilaxia da gravidez. Trago um trecho do PL, só para ilustrar:

§ 4º Nenhum profissional de saúde ou instituição, em nenhum caso, poderá ser obrigado a aconselhar, receitar ou administrar procedimento ou medicamento que *considere* abortivo.

A interpretação dada a esse trecho é que, caso uma pessoa médica acredite, por convicção pessoal, ideológica e/ou religiosa, que a pílula é um medicamento abortivo, ela não seria obrigada a oferecê-lo, ao contrário do que a lei prevê até o presente momento.

¹⁵² Letra de Simone Soares e Flavia Simão. Em ritmo de Bella Ciao, canção símbolo da resistência italiana ao fascismo.

Quando os movimentos feministas se opuseram à aprovação desse projeto, decidi lê-lo integralmente para compreender exatamente do que se tratava e como as possíveis 'brechas' para institucionalizar a violência contra mulheres e pessoas com útero estavam redigidas ali. Foram seis páginas árdias de digerir, e a sensação indigesta ficou ruminando dentro de mim algumas horas. Durante a ruminação, surgiu uma imagem concreta que materializava a sensação que tive ao percorrer aquelas seis páginas, e compartilho aqui um frame da ação que intitulei, Vídeo Manifesto¹⁵³.



Frame da obra VídeoManifesto
Acervo pessoal da autora, 2015

Fazendo jus à linguagem que me seduziu, a qual já nasceu num lugar fronteiriço, nos anos pós-2010, participei de eventos tanto de artes visuais quanto de artes da cena e/ou artes cênicas. A meu ver, ela não tem pretensão nenhuma de sair de lá. Até porque há muita potência na fronteira, é nela que *os rótulos se estilhaçam* (ANZALDÚA, p. 211) e lá podemos ser mais do que a cisheternormapatriarcal diz que somos.

Estar na fronteira, ou em uma encruza, nos dá a possibilidade de seguir por vários caminhos, e um desses caminhos me levou aos *Encontros de Performance e Política*, promovidos pelo Hemispheric Institute¹⁵⁴.

¹⁵³ Link para vídeo em:

https://www.youtube.com/watch?v=X785D9b63U8&embeds_euri=https%3A%2F%2Frobertanascimentoart.wixsite.com%2F&ab_channel=RobertaNascimento

¹⁵⁴ O Instituto Hemisférico de Performance e Política, criado em 1998, é uma rede multilíngue e interdisciplinar de instituições, artistas, acadêmicos e ativistas políticos de todas as partes das Américas que trabalha na interseção entre a academia, expressão artística e a política. A organização

O ano é 2016, eu tô fuçando a internet em busca de encontros dedicados exclusivamente à essa senhora que tá aí presente desde, pelo menos, a segunda metade do século XX. Embora cheia de mistérios ela já tem muita história, a danada acompanhou verdadeiras revoluções - como o Sufrágio Feminista¹⁵⁵ -, esteve presente na chegada das vanguardas artísticas, viu manifestos se manifestarem. Eu já havia participado de mostras exclusivamente de Performance, como a *Mostra de Performance da Galeria Cañizares*, idealizada pelo professor Ricardo Biriba¹⁵⁶, mas ainda assim esse evento acontecia e - ainda acontece - na escola de Belas Artes da UFBA. Portanto, ainda há uma predominância das artes visuais, e o que eu buscava naquele momento era um evento que não tendenciasse nem para as artes visuais nem para as artes cênicas. Um evento assim como a própria linguagem da performance, híbrido. Encontrei alguns e dentre eles, no site do Hemispheric Institute, vi uma chamada para participar do X Encontro de Performance e Política¹⁵⁷, o tema do encontro era *eX-cêntrico: dissidência, soberanias e performance*.

Vibrei!!!

O evento seria no Chile, e prontamente me inscrevi com a Performance 'Aquecemos corações a sangue frio', que também foi uma obra-rito importante em minha vida por diluir o trauma que tentou fazer de minha corpa uma concreta galeria da performance de longa duração (TAYLOR, 2009), fazendo-o escorrer para fora de mim. O trabalho foi aprovado, e lá vou eu junto com minha então companheira que, tenho que dizer, desde o início dessa minha empreitada enquanto artista solo, esteve comigo nas criações e nas pirações. Como essa de ir ao Chile tendo apenas R\$ 200,00 na conta e duas gatinhas para criar. Mas, como diz a música, 'quem sabe

explora as práticas do corpo - a performance - como veículo para a criação de novos significados e a transmissão de valores culturais, de memória e de identidade. Fonte: <http://hemisphericinstitute.org/hemi/p>. Acesso em: 12 jul. 2023.

¹⁵⁵ Período entre o fim do século XIX e início do século XX conhecido como Primeira Onda Feminista.

¹⁵⁶ Ricardo Biriba é Artista Plástico, Performer, Dançarino e Coreógrafo. Desenvolve trabalhos artísticos de caráter intermídia. Atualmente é Professor Adjunto da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia atuando nas Áreas de Escultura como Comportamento na Formação de Artistas, Designers, Decoradores e Professores. É professor do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV - UFBA. Fonte: <https://br.linkedin.com/in/ricardo-barreto-biriba-26bbba60>

¹⁵⁷ Disponível em: <http://archive.hemisphericinstitute.org/excentrico/pt-br/>

faz a hora não espera acontecer'¹⁵⁸. Ativamos nossas redes de afeto e de ativismo, fizemos vaquinha virtual, rifa, festa, e com a força coletiva arrecadamos a verba necessária e rumamos a Santiago do Chile.

Frio da zorra!

Pela primeira vez na vida vi a neve (*risos nostálgicos*) e não tenha dúvida que mesmo sem luvas nas mãos fiz minha boneca de neve faveladinha¹⁵⁹.

Não posso dizer que não foi uma experiência empolgante, porque foi. O Encontro é um verdadeiro fervo do mundo das Performances artísticas e artistas. Foram cinco dias de atividades, de manhã até à noite, oficinas, grupos de discussão, muita Performance acontecendo em vários pontos da cidade; impossível acompanhar tudo. Pela noite, madrugada adentro, ainda havia os cabarés performáticos.



Crachá, catálogo e ingressos recebidos ao chegar no X Encontro Hemisférico de performance e política. Acervo pessoal da autora, 2016

Nesse Encontro experienciei a potência de performances de vários pontos do Sul Global, vi pessoalmente os trabalhos de Rocío Bolívar¹⁶⁰, Guillermo Gómez-

¹⁵⁸ Menção à canção: *Para não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré.

¹⁵⁹ Se quiser ver a experiência de duas pessoas artistas desmonetizadas, na neve, só clicar em: https://www.youtube.com/watch?v=SrKQ-_ibV8Q&ab_channel=NossoAmorSapat%C3%A3o

¹⁶⁰ Rocío Bolívar, também conhecida como La Congelada de Uva, é uma artista performer mexicana. Suas criações abordam assuntos de gênero, sexualidade, dor e prazer desde 1992.

Peña¹⁶¹ e seu coletivo La Pocha Nostra¹⁶², Jesusa Rodríguez¹⁶³. Isso pra citar apenas alguns nomes. A conferência de abertura foi com a maravilhosa Angela Davis; foi a primeira vez que a vi falar pessoalmente. Dá pra ter noção do quanto fiquei empolgada? Ela é uma referência de ativista pra mim — para o Mundo todo.

Fui convidada a participar de uma mesa/conferência sobre Performances e Artivismos na América do Sul. Eu e Taliboy improvisamos um cartaz que colocamos no palco, ecoando o grito que o Brasil dava naquele momento da história = FORA TEMER!



Artistas participantes da mesa/conferência sobre Performances e Artivismos na América do Sul. A atividade fez parte do X Encontro Hemispheric de performance e política, 2016
Foto: Taliboy

Saber que a primeira edição desse encontro que tanto me marcou aconteceu no Rio de Janeiro (2000), cidade em que hoje vivo por conta da pesquisa em performance, me bate uma onda boa. Inclusive, por conta dos encontros que tive no

¹⁶¹ Guillermo Gómez-Peña é um artista/escritor performático e diretor do coletivo transnacional de arte 'La Pocha Nostra'. Nasceu na Cidade do México e chegou aos Estados Unidos em 1978.

¹⁶² La Pocha Nostra é uma organização de artes transdisciplinares em constante transformação, fundada em 1993 por Guillermo Gómez-Peña, Roberto Sifuentes e Nola Mariano na Califórnia.

¹⁶³ Jesus Rodríguez é atriz, dramaturga, artista performática, cenógrafa, empresária, ativista social mexicana e ex senadora da República do México.

Hemispheric, conheci também o Cuirpoétikas¹⁶⁴, um evento de arte, ativismos e dissidências que acontece na Guatemala, terra de Regina José Galindo¹⁶⁵, artista que tanto admiro. Em 2019 olha eu lá toda fina e elegante indo participar do Cuirpoétikas como artista convidada.

A primeira vez que a gente recebe em dólar a gente nunca esquece (*risos de bochados*).

Em 2019, o Encontro Hemispheric aconteceu no México sob o tema 'Humor, Ruído e Performance', participei com a obra 'Em tempos de guerra, GOZE!'¹⁶⁶. Dessa vez, tive o apoio financeiro da produção do encontro para hospedagem e deslocamento, mas ainda assim tinham os custos com alimentação, e dá-lhe ativar as redes de apoio novamente. E dessa vez minha então companheira não foi só me acompanhar na produção da obra, foi também apresentar seu trabalho artista, assim como mais duas artistas do nosso círculo de amizade Maria Tuti Lisão¹⁶⁷ e Alexandra Martins¹⁶⁸. Juntas promovemos a sexta edição MinaTudo (tivemos a soma de muitas parceiras também idealizadoras do evento desde sua primeira edição). Um encontro que, em sua primeira edição, se apresentou como feminista. No entanto, nas edições seguintes, a coletiva que o organizava se configurou por integrantes, em sua maioria lesbofeministas, eu entre elas. Sendo assim, o evento também tomou esse teor ético. MinaTudo atuou em Salvador entre os anos de 2016 e 2019 e pode ser que seja reativada em qualquer espaço-tempo.

¹⁶⁴ Para saber mais sobre o evento, só clicar: <https://queerpoeticas.wixsite.com/queerpoeticas>.

¹⁶⁵ Além de performer Regina José Galindo (1974) é poetisa e artista plástica. Vive e trabalha na Guatemala. Fonte: <https://www.reginajosegalindo.com/en/home-en/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

¹⁶⁶ Trabalho disponível em: <https://hemisphericinstitute.org/pt/encuentro-2019-performances/item/2943-roberta-nascimento-em-tempos-de-guerra-goze.html>.

¹⁶⁷ Maria Tuti Luisão é uma atriz, performer e transformista brasileira.

¹⁶⁸ Alexandra Martins é Mestra em Estudos de Gênero e Mulheres pela UFBA. Especialista em Estudos Contemporâneos em Dança pela mesma instituição.



Cartaz da campanha para Roberta Nascimento, Taliboy, Alexandra Martins e Maria Tuti Luisão irem ao México para o XI Encontro Hemispheric de performance e política, 2019

Fonte: <https://www.instagram.com/minatudo/>

Mais uma vez, por conta da força coletiva feminista, seguimos rumo ao México. Entre conferências, palestras, grupos de trabalho e Performances de todos os tipos, escutamos uma *Guerrilla Girl*¹⁶⁹ falar, sem a máscara, sobre a história do grupo assim como as estratégias traçadas para lutar contra a misoginia na arte sem sofrer “retaliação”. Uma delas foi usar do humor e da Performance para chamar a atenção das pessoas sobre a opressão patriarcal no mundo das artes. Uma das idealizadoras do Hemispheric Institute, Diana Taylor (2002)¹⁷⁰, diz que *a performance trata-se de uma ação, de uma intervenção, de uma quebra estrutural e de uma busca por novas alternativas.*

Eu sigo por aqui, criando e fabulando, inclusive nesta pesquisa, novas alternativas para uma vida onde o bem-viver de todas as espécies é uma realidade concreta.

...

¹⁶⁹ As Guerrilla Girls se definem como um grupo de ativistas feministas que “usam fatos, humor e imagens ultrajantes para expor os preconceitos étnicos e de gênero, bem como a corrupção na política, na arte, no cinema e na cultura pop”. Constituído por ativistas anônimas, e conhecido por usar máscaras de gorila em suas aparições públicas, o grupo foi formado em 1985 em resposta a uma exposição realizada em 1984 no Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York. Com o título International Survey of Recent Painting and Sculpture [Panorama internacional de pinturas e esculturas recentes] e curadoria de Kynaston McShine, essa mostra incluiu 165 artistas, no entanto, apenas treze eram mulheres. Fonte: <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>. Acesso em: 14 jul. 2023.

¹⁷⁰ Citação feita em entrevista realizada por Barbara Kirshenblatt-Gimblett. Disponível em: <https://scalar.usc.edu/nehvectors/wips/diana-taylor-portuguese>. Acesso em: 17 jun. 2023.

Sua bença, “vó”

Estamos rumando para o fim desse nosso primeiro caminhar e vou compartilhar uma “bença” que recebi, e foi da “avó da performance”¹⁷¹.

Entre 10 de março e 10 de maio de 2015, aconteceu a exposição *Terra Comunal — Marina Abramovic + MAI*, no Sesc Pompéia, em São Paulo. Fui quase todos os dias para experienciar o *Método Abramovic*¹⁷², assim como acompanhar as conversas que ela fez com o público. Em uma dessas conversas tive a oportunidade de fazer uma pergunta, como não sabia se teria outra chance de falar diretamente com ela fiz logo três perguntinhas (*risos de ousadia*). Perguntei como era o ritual pós performance dela; pedi que nos falasse um pouco sobre os estados psicofísicos que ela acessa durante os trabalhos de longa duração; e perguntei qual seria o conselho que ela daria para pessoas que quisessem mergulhar fundo no campo da Performance Arte. Por conta dessa última pergunta, ela me convidou a participar de uma sessão em que analisaria obras e/ou portfólios de artistas da 'nova geração'. Senti-me honrada e lá estava eu no dia marcado, ao lado de várias outras pessoas, entre público e colegas artistas que apresentariam seus portfólios. Dado o grande número de participantes, tínhamos apenas 10 minutos para cada apresentação. Optei por compartilhar o vídeo da Performance 'Estética da Via Crucis em Romaria' e discorri sobre minha relação com a Performance de longa duração. Infelizmente, não possuo um registro em vídeo para reproduzir exatamente as palavras que ela dirigiu a mim. No entanto, logo após nossa conversa, corri até meu caderninho para registrar as palavras da “avó da performance”. Ela disse que *era impressionante que o que eu não tinha de altura tinha de força e presença em minhas ações performáticas, tanto que eu conseguia preencher todo o espaço com minha energia*, ela disse que *já havia me visto circular pelos espaços do Sesc e que eu tinha um jeito meio amalucado e que isso era muito bom nessa área*. Sobre minha pergunta

¹⁷¹ A própria Mariana Abramovic se intitula como avó da performance, ela faz frequentemente essa afirmação em suas falas públicas.

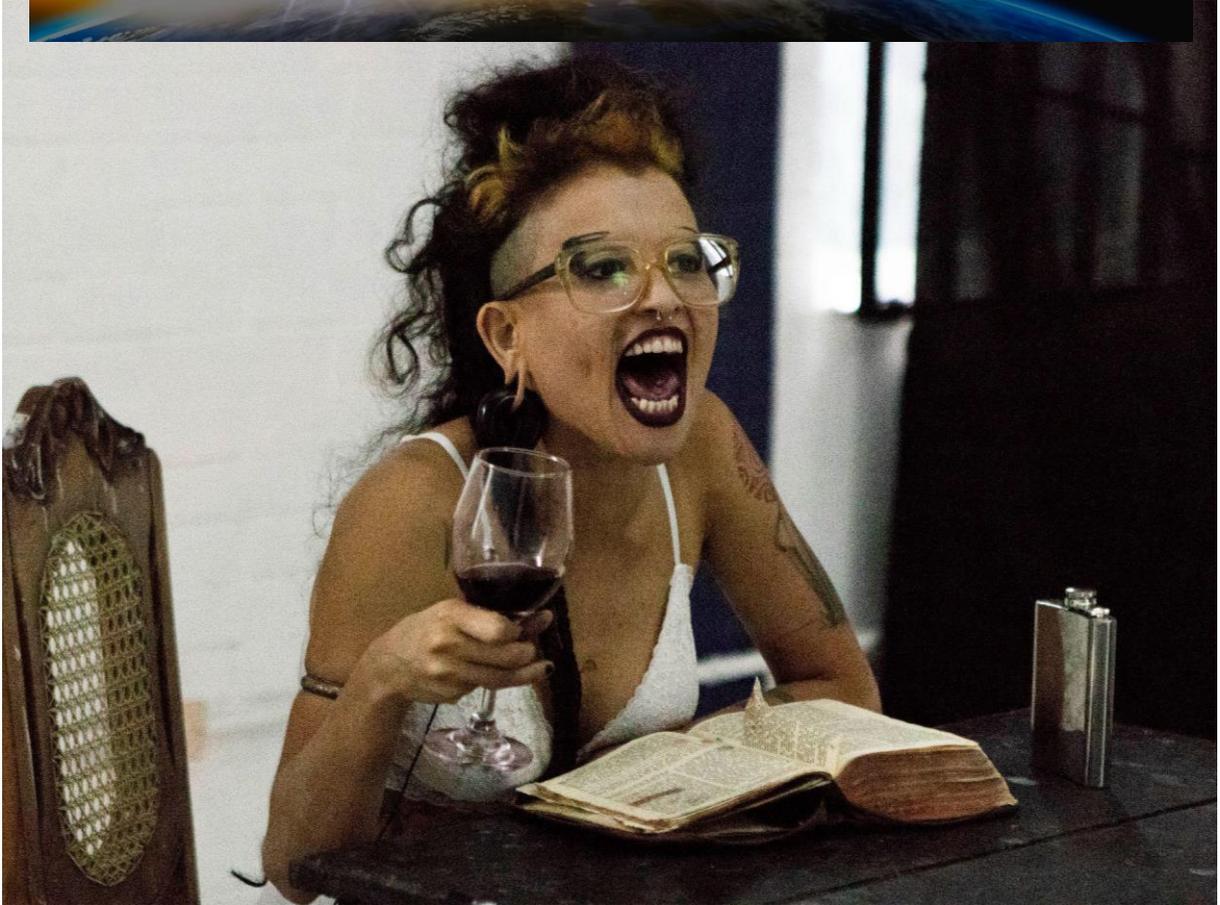
¹⁷² O método se dividia em 6 etapas: um vídeo com Abramović conduzindo alguns exercícios, depois tínhamos que ficar de pé diante de uma coluna de madeira com três cristais apontados para nós, a etapa seguinte era o ato de sentar durante 30 minutos de frente para a parede, depois tínhamos que caminhar em câmera lenta durante 10 minutos, as duas etapas finais era deitar em uma cama de madeira com a cabeça apoiada em um cristal e registrar as nossas impressões se assim fosse desejado. O tempo para viver a experiência era de duas horas e trinta minutos.



Ela me responde >>>

Podcast: Sonoridades
da Cardiossertação
Episódio: Conhecimento
Ancestral
Acervo da autora, 2024

SUPERNOVA



173

173 Imagem da Performance 'Em tempos de Guerra, GOZE!', realizada no Festival Cuirpoetikas, 2019. Foto: Camille Juarez.

2 HONRO ÀS PERFORMERS QUE VIERAM ANTES

Tive muitas dúvidas em relação a esta parte do escrito porque, de fato, são muitas as artistas da Performance Arte que vieram antes de mim e merecem ser honradas. Sobre elas, daria para fazer outro mestrado. Tive dúvidas sobre quais nomes trazer aqui para este trecho; como pontuei anteriormente, fui descobrindo-as ao longo da minha trajetória enquanto artista. Antes de me entender como tal, eu não conhecia nem a linguagem nem as artistas que a desbravaram. No decorrer da minha jornada, dependendo do momento vivido, uma artista me encantava mais do que a outra. Minha decisão foi a seguinte: amanhã, quando eu acordar, os nomes que me vierem à minha mente serão os que colocarei na cardiossertação. Decidi fazer isso, tentando driblar meu lado pura/mente racional, adivinha? No dia seguinte não veio nenhum nome (*adoro as pegadinhas que a gente mesma se coloca*). Não somos máquinas, *ciborgues* talvez, mas máquinas, não. É sempre importante lembrar desse ponto. De repente, em um dia qualquer do mês de janeiro, acordei e pensei >> Maria Emília Marmolejo, Ana Mendieta e Márcia X <<. Todas elas colocaram suas corpos em estado de arte para questionar as opressões, satirizar as hipocrisias, criticar o sistema patriarcal, denunciar as violências, colocando o sagrado e o profano lado a lado para dançar um tango. Cada uma, a seu modo fez e aconteceu com trabalhos tão poderosos que estão muito além da estética e têm alcance de longa duração, tanto que fariam total sentido se acontecessem hoje mesmo, no Brasil de 2024. Todas elas receberam retaliações misóginas e falso-moralistas, seja de um governo ditatorial, da sociedade conservadora ou até do sistema da arte.

Um brinde à Maria Emelia Marmolejo, que nasceu na Colômbia no ano de 1958, e é creditada pela acadêmica colombiana María Lovino por realizar a “primeira obra de arte performática feminista” na Colômbia, em 1981. Seus trabalhos são frequentemente considerados polêmicos, pois lidam com fluidos corporais e autoflagelação para abordar temas como violência política, violência ambiental e violência colonial >> Ela se rasga, eu me rasgo << >>nosso sangue nos conecta para além espaço tempo<<.

No final dos anos 70, Maria comprou muita treta por se dedicar à Performances que faziam fortes críticas à repressão política em seu país (*quem não se inquieta pelos trabalhos dessa mona, já morreu por dentro*).

Evoco um trabalho impactante de 1984, “Anônimo 4”. Uma das principais preocupações de Marmolejo são as condições socioeconômicas na Colômbia e na América Latina como um todo, pensando nisso ela criou a Performance que aconteceu nas margens do Rio Cauca no Valle del Cauca, na Colômbia. Ela cavou um buraco triangular de 1,5 metros de largura, sua própria altura, o preencheu com placentas humanas de partos ocorridos naquele dia, que ela havia recolhido em hospitais públicos de Cali. Cavou três triângulos menores adjacentes e os preencheu com água de esgoto. Maria amarrou placentas à sua corpa com tiras de plástico e se posicionou no triângulo maior enquanto refletia sobre “o medo de vir ao mundo em uma sociedade em que a sobrevivência não é garantida”, especialmente para quem nasce na pobreza. Marmolejo conta que o cheiro do esgoto e das placentas em decomposição era insuportável e que isso, combinado com suas reflexões, produzia fortes reações de vômito e choro.

Consigno imaginar o cheiro dessa Performance. Você também consegue? Forte, né?



María Evelia Marmolejo, Anônimo 4, 1984
Foto: Nelson Villegas

Maria, muito obrigada pela coragem.

Um brinde à Ana Mendieta, que nasceu no ano de 1948 em Havana. No entanto, em 1961, Ana migrou para os Estados Unidos como refugiada política, onde estudou na Universidade de Iowa. Além de performer, foi escultora, pintora e vídeo artista. Suas obras transitam no território da *autobiografia*, da violência, das

questões que entremeiam morte e vida. Ela se dedicou a investigar a corpa enquanto matéria de criação, as questões de gênero e ancestralidade. Ana se deforma, se revira, vira do avesso, imprime sua corpa na natureza, se torna matriz por meio de suas *obras-corpo-terra*, muitas vezes, nua, se fundia a elementos da natureza, como água, neve, terra, lama, areia, folhas e flores. Também integrou o coletivo feminista A.I.R.Gallery.

Evoco o trabalho 'Rape Scene' (Cena de estupro), realizado em 1973. Em uma sala, Ana aparece amarrada sobre uma mesa, nua da cintura para baixo e com sangue escorrendo pelas pernas. Na Performance, que ocorreu em seu apartamento, as pessoas entravam na sala e ali permaneciam durante uma hora, enquanto Ana ficava imóvel, como se fossem testemunhas de um crime que acabara de acontecer. Mendieta realizou essa Performance, enquanto denúncia, após tomar conhecimento de que uma colega havia sido estuprada e assassinada em um quarto da Universidade.



Ana Mendieta em performance Rape Scene, 1973
Fonte: Comitê Latino-Americano de Aquisições

>>Ana expõe o sangue<<>> a dor<<>> a efemeridade da vida<<>>Nossa *Dororidade* nos friccionam pra além espaço tempo.

Ana, muito obrigada por transgredir a temporalidade e ainda estar aqui, PRESENTE, entre nós.

*P.s. Queria muito escutar a sua versão daquele oito de setembro de 1985, mas nasci um ano depois, e você partiu para a morada das estrelas, virou minha ancestral. Escuto muito que tenho que deixar esse assunto quieto, já houve até julgamento e o cara foi inocentado, mas sabe como é né, nós feministas sempre queremos escutar a versão da mulher.*¹⁷⁴

Um brinde à Márcia X, que nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1959. Ela não só se jogou na Performance Arte como também produziu instalações, objetos, vídeos e pinturas. O que me faz sentir uma certa conexão com Márcia X é o tom de 'humor crítico' que traz, principalmente, em suas Performances. Ela satiriza a "moral e os bons costumes" que estão arraigados em boa parte da sociedade brasileira. Me pergunto o que ela pensaria sobre a turma que hoje se auto intitula 'cidadãos de bem'.

Aqui, evoco um de seus trabalhos que fez a artista sofrer duras críticas, chamado "Desenhando com terços" (*me amarro nesse trampo, nos Kaminhas Sutrinkas (1995) também*), realizado pela primeira vez em 2000. Vamos escutar a artista falar:



No trabalho "Desenhando com Terços", utilizo centenas de terços católicos para construir desenhos de pênis no chão. O público acompanha o desenvolvimento deste processo que só termina quando o chão fica totalmente coberto pelos desenhos. A instalação completa adquire a aparência de uma grande trama abstrata e permanece em exposição (...) o que aqui está à vista é tão importante como o que não está. Seu verdadeiro cerne passa sinuoso entre os batimentos do corpo delatado, construído, e a ideologia também é construída sobre ele. Extremos e extremidades então são colocados como epígonos potenciais. Aqui um objeto simbólico (religioso) recebe um deslocamento estético, estabelece um salto de sentido, e não se trata mais da função e sim da visão (Texto crítico da artista "Márcia por Márcia")¹⁷⁵.

¹⁷⁴ Sobre a morte de Ana Mendieta, se quiser saber sobre: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2023/10/05/a-historia-da-morte-misteriosa-da-artista-ana-mendieta-tema-de-retrospectiva-em-sao-paulo.ghtml>

¹⁷⁵ Paola Lins de Oliveira, « A iconoclastia sagrada de Márcia X.: arte contemporânea, performance e religião », Ponto Urbe [Online], 15 | 2014, posto online no dia, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2245> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2245.



Marcia X em Performance instalação: "Desenhando com terços, 2000

Fonte: Fotografia de Vicente de Mello (MARCIAXARTE>BR,2021)

Se esse trabalho causou um bululu? Não tenha dúvidas. A artista foi censurada mesmo após sua morte. A obra seria exposta em versão fotograma em 2006, na Exposição *Erótica: Os sentidos na Arte*, que aconteceu no Centro Cultural Banco do Brasil, R.J. Disseram "ofender elementos religiosos" (*tô aqui me perguntando se também se ofendem por terem que comprar terreno no céu por valores abusivos*).

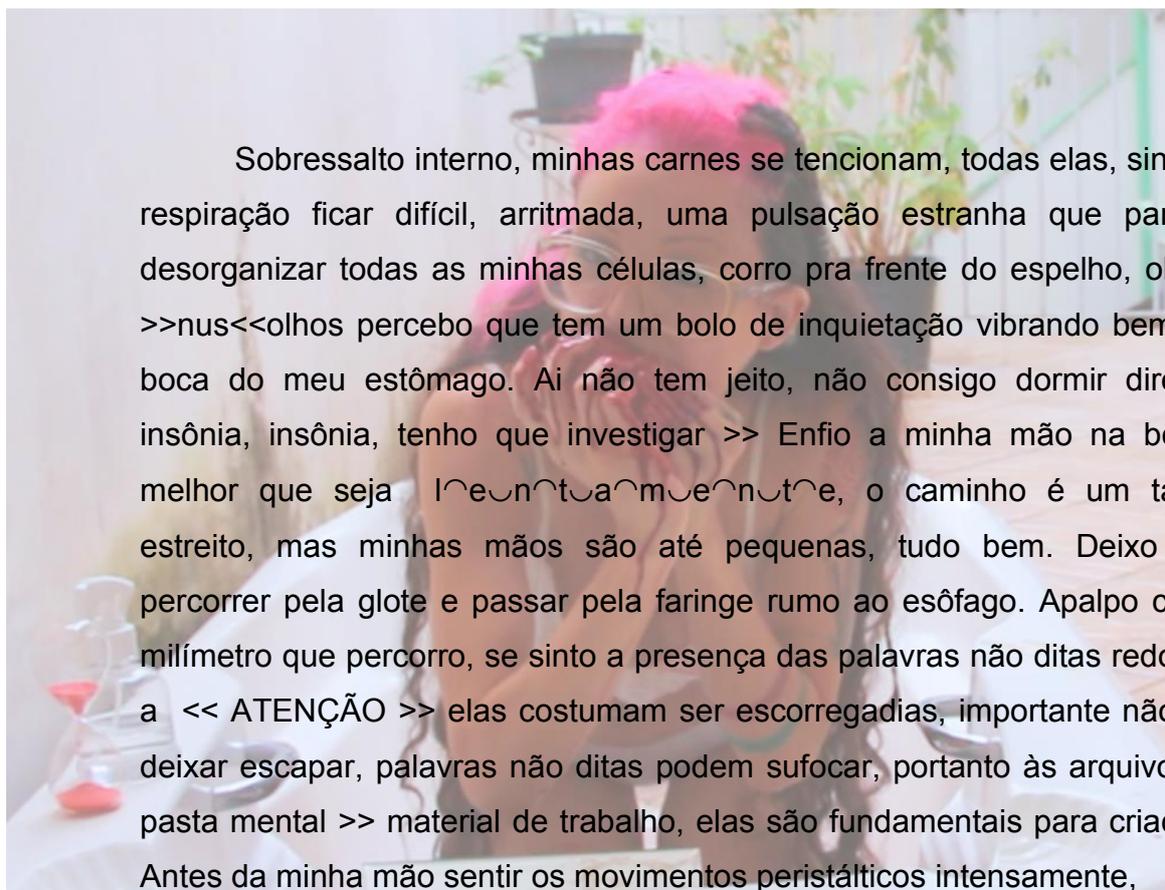
Marcia, muito obrigada pela sagacidade e humor crítico. Inclusive, assim que cheguei aqui no Rio de Janeiro, fui logo no Saara, o centro comercial que você tanto frequentou em suas derivas criativas. Também me amarro em salpicar poeira de estrelas em objetos ordinários, transmutando-os em extraordinários.

Brindo ainda às artistas que antecederam minha jornada no mundo da Performance Arte, sobretudo aquelas cujos nomes foram apagados e permanecem desconhecidos, negligenciados pela história - branca e patriarcal -, registros e arquivos "convencionais/legitimados", mulheres que ousaram transformar suas próprias corpos em verdadeiras manifestas artísticas, em uma expressão de resistência, consciência e inconformidade que ecoa além do tempo. Sinto que elas, em alguma medida, são minhas ancestras no mundo da Performance Arte, por isso, as celebro.



3. PUNÇÃO - 00:00 >> como as Performances nascem

176



Sobressalto interno, minhas carnes se tencionam, todas elas, sinto a respiração ficar difícil, arritmada, uma pulsação estranha que parece desorganizar todas as minhas células, corro pra frente do espelho, olhos >>nus<<olhos percebo que tem um bolo de inquietação vibrando bem na boca do meu estômago. Ai não tem jeito, não consigo dormir direito, insônia, insônia, tenho que investigar >> Enfio a minha mão na boca, melhor que seja *Pericardio*, o caminho é um tanto estreito, mas minhas mãos são até pequenas, tudo bem. Deixo ela percorrer pela glote e passar pela faringe rumo ao esôfago. Apalpo cada milímetro que percorro, se sinto a presença das palavras não ditas redobro a << ATENÇÃO >> elas costumam ser escorregadias, importante não as deixar escapar, palavras não ditas podem sufocar, portanto às arquivo na pasta mental >> material de trabalho, elas são fundamentais para criação! Antes da minha mão sentir os movimentos peristálticos intensamente,

busco um atalho para o coração, esse atalho varia de tempos em tempos, a intuição ativa ajuda a encontrá-lo. Ao chegar no destino coração o toco com toda minha mão, sinto sua p.u.l.s.a.ç.ã.o , coloco os dedos nas artérias, percebo se tem algum sentimento não vivido ali entupindo o fluxo sanguíneo, se encontrar = arquivo-o/s na pasta mental >> material de trabalho. Pego o atalho de volta para o ponto dos movimentos peristálticos, deixo minha mão ser conduzida por eles, permitindo que ela ^a dance despudoradamente até chegar ao estômago. Aqui é um ponto onde até posso descobrir o que vibrava, mas os fluídos costumam ficar revoltos e me fazem ir

¹⁷⁶ Frame da vídeo performance 'Não coma meu coração assim... rápido demais', 2023.

mais fundo, conduzindo minha mão pelo duodeno rumo ao intestino e agora é que o babado fica intenso, sinto a sensação estremeceadora tomar conta de todas minhas células! Mergulho fundo nas minhas entranhas, as reviro, as apalpo, meus dedos percorrem por todas elas, encontro inquietações, angústias, afetações... É real e palpável, está tudo por entre meus dedos mergulhados em minhas vísceras. Me inundo desse material, sinto o ar bombear meus pulmões cada vez mais intensamente enquanto minha mão dança com minhas entranhas a música mais poderosa que o Cosmos poderia cantar.

Estou entre nebulosas, adentrei no *tempo espiralar* ...

Puxo minha mão de volta pelo caminho que inicialmente percorri agora sem paradas ou atalhos (mas elas podem acontecer). Olho para minha mão ainda quente e pulsante cheia de sangue e fluídos, sinto os vestígios de minhas vísceras em forma de cheiro e textura, que olham de volta pra mim e me sinalizam >> Já começou <<

↑

Assim também começou esta pesquisa.

☆☆☆☆ SUPERNOVA



177 Frame do vídeo arte “Um minuto de silêncio...para nascer de novo, 2014. Acervo pessoal da autora.

4 OBRAS RITO

ou

do Rastro à Reativação: bora falar de Performances de intensa longa duração

Aqui é o trecho onde evoco a experiência de intensa longa duração vivida em quatro Performances que considero Ritos de Passagem em minha jornada enquanto artista e ser vivente. Ou melhor, três, porque uma delas espiralou e já se apresentou pra você.

Nas páginas seguintes, resgatarei contigo as atmosferas em que mergulhei em cada uma dessas obras. Embarcaremos nos processos que as fizeram nascer, descobrindo camadas para além da visualidade “final”. Vamos ver se é possível acessar, por meio das palavras escritas, as sensações ativadas no espaço tempo que elas ocorreram. Desde a pré até a pós-ação, como uma espécie de *Desmontagem*¹⁷⁸ da obra.

Estaria eu, neste escrito, reativando as obras ao evocá-las? Se formos pelos caminhos do *tempo espiralar* (MARTINS, 2021), é bem possível que consigamos escorregar por ele, como em um tobogã, e voltemos ao passado mais como experiência corporal do que memorial.

Fabulações são essenciais, pois nem sempre as coisas são o que parecem à primeira vista ou ao primeiro toque. Veja o que Carlo nos diz em uma das páginas do livro “A ordem do tempo”:

A realidade não costuma ser o que parece: a Terra parece plana, mas é esférica; o Sol parece se mover no céu, mas somos nós que giramos. Da mesma forma, a estrutura do tempo não é o que parece: é diferente do curso uniforme universal. Fiquei espantado ao descobrir isso nos livros de física, na universidade. O funcionamento do tempo é diferente do que parece (Rovelli, 2018, p.6).

Descobrir que o tempo não é único me foi revelador.

¹⁷⁸ O conceito “desmontagem cênica” nasceu na América Latina, território no qual me sinto mais à vontade em transitar, já que também o habito. Segundo a professora Ileana Diéguez, a desmontagem cênica se consolidou, no contexto Latino-Americano, na segunda metade do século XX, como uma estratégia fundamental para desenvolver processos experimentais de criação, à margem do padrão comum sem pretender reproduzir um sistema teatral teológico, mas sim desmontar sua axiomática institucional (p.5, 2014).

Acreditar que Chronos¹⁷⁹ é um ditador safado nos faz entrar em uma luta inglória; ele pode até ser, mas existem outros que não são — são inclusive aliados.

(olha, devo dizer que são raros os realmente aliados, mas eles existem, conheço alguns).

O tempo, por não ser único, é indefinível, nada absoluto, nada universal. Sabe como descobri isso?

>>Ao me abrir<<

Ao me percorrer e expor a auto-fenda<<>>que faço em minha carne cada vez que coloco minha corpa em estado de arte. Descobri isso ao me propor romper. Romper os meus próprios limites, limites físicos, mentais, emocionais, estéticos, sensoriais e poderia dizer até, matéria puramente orgânica. Desse modo, pude compreender-me como um grãozinho estelar que habita um ecossistema galáctico imenso. A astronomia diz que o carbono que está em nossas corpas também está no interior das estrelas. Na minissérie documental “Cosmos: uma viagem pessoal”, o astrônomo Carl Sagan (1980) sintetiza esse raciocínio:

Nós somos um meio para o universo conhecer a si mesmo. Uma parte do nosso ser sabe que essa é a nossa origem. Nós desejamos voltar. E podemos, porque o cosmos também está dentro de nós. Nós somos feitos de matéria estelar.

E é seguindo essa espiral de pensamentos para além das nuvens que me aventuro a pensar/experienciar o tempo como aliado no momento de pautar, por meio de minha carne viva, angústias.

Em ‘Confissões’, de Santo Agostinho¹⁸⁰, ele compartilha conosco uma constatação a respeito do tempo, diz ele: “Se ninguém me pergunta, eu o sei; mas se me perguntam, e quero explicar, não sei mais nada.” (1964, XI, 14, 17). Não ouse aqui dizer o que é o tempo, afinal existem muitos, temos *Iroko* e sua ligação entre o físico e o espiritual; temos *Kairós* que não se vincula à uma sequência regular de eventos, como o tempo cronológico, ele é um instante decisivo, o tempo oportuno;

¹⁷⁹ Não canso de pontuar o quanto o capitalismo e o neoliberalismo utilitarista são nocivos.

¹⁸⁰ Tá, várias questões com Santo Agostinho. Não poderia citá-lo sem indicar a leitura do livro ‘Vita Brevis: a carta de Flória Emília para Aurélio Agostinho’. Antes de Santo Agostinho fazer seus votos à Igreja, ele viveu um romance de 12 anos com Flória Emília. Ela escreveu uma longa carta para ele após ler suas “Confissões” e descobrir que é citada como “momentos de pecado”, e essa carta deu origem ao livro que recomendo.

temos o tempo filosófico; tempo ontológico; tempo quântico; tempo messiânico; o tempo cósmico; o tempo ancestral. *Existem legiões de tempos. Um tempo diferente para cada ponto do espaço. Não existe um único tempo. Existe uma infinidade deles* (ROVELLI, p.13). Não é de hoje que a ciência, a filosofia, a antropologia e a sociologia se debruçam sobre o conceito de tempo. Ousarei apenas dizer o que descobri sobre o tempo em mim quando desafiado. Para isso trarei para esta conversa experiências corposensórias de intensa longa duração de quatro dos meus trabalhos. A começar pela obra que considero que foi uma obra-Rito de passagem, a partir dela pude entender que Performance Arte é muito mais que uma linguagem artística, e que minha corpa é muito mais que um aglomerado de matéria orgânica constituída de órgãos e fluídos, Leda Maria Martins nos sinaliza sobre as *oralituras*:

O corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória, “um lugar de transferência,[...] um espelho que contém o olhar do observador e o objeto do olhar, mutuamente refletindo-se um sobre o outro” (Martins, 2021, p.131).

Desde 2010, em diversos momentos de minha trajetória artística, revisei os registros dos instantes pós-Performance (pós encontro Performance público). Com a prática artística saquei a importância de ~~capturar~~ em imagem o efêmero (enquanto auto pesquisa, essa prática foi crucial). Criei o hábito de me filmar assim que saía da Performance para conseguir capturar o estado que o trabalho ativou em mim, pois a memória humana, falha e criativa, não daria conta de manter a fidelidade dos grandes detalhes (inclusive, nem as câmeras ultra HD dão), como o suor escorrendo do peito, as lágrimas rolando no rosto, o sangue deslizando na pele ou a poeira cósmica vazando pelos poros abertos. Ao analisar as imagens, devo confessar que não me reconheci. Inclusive, precisava (*siço precisando*) dar um tempo entre o dia em que a obra foi realizada até olhar os registros. Necessitava (*siço necessitando*) me descolar do momento vivido, e isso realmente demanda dias, meses e até anos.

Lhe digo com toda sinceridade, me é estranho acessar os vídeos do pós-Performance (pós encontro público Performance), pois ali certamente não sou a pessoa à qual estou acostumada a encontrar quando me olho no espelho. Ali há uma mescla das experiências da Roberta ordinária juntamente com a vivida pela ‘entidade performática’, a *persona* que acabara de viajar por entre nebulosas. Utilizei

o termo 'entidade' porque, em muitas de minhas ações, foi assim que as pessoas se referiram a mim. Me apropriei do termo.

Passei a chamar o que ficava após a Performance de >>*Rastro de Performance*<<.

181



Embora seja uma arte efêmera, entendi com a prática que ela tem o poder de deixar um lastro, uma marca, um *Rastro* onde ela acontece ou com o que ela acontece. Os objetos (signos visuais) que integraram a Performance, após viverem a bruxaria performática, são ressignificados ficam cheios de poeira estelar e passam a carregar em si um teor simbólico, vivo. Dessa forma, digo que a Performance deixou seu *Rastro* naquele determinado "objeto", no espaço onde ela se deu, na corpa que a realizou.

Tenho também alguns cicatrizados em minha carne, e tenho um apreço especial por cada um deles porque também são Rastros presentificados da intensa longa duração de uma Performance realizada por uma corpa arti(vi)sta.

Quando me refiro à *intensa longa duração*, penso na imagem que Leda nos mostra, de espiral, no qual o fim não é exatamente o fim:

Em suas espirais tudo vai tudo volta, não como uma similaridade especular, uma prevalência do mesmo, mas como uma instalação de conhecimento, de uma *sophya* que não é inerte ou paralisante, mas que cineticamente se refaz e se acumula no Mar-Oceano indeterminado do tempo ancestral, o tempo Kalunga, o tempo em Nzâmbi e de Olorum, um em si mesmo, íntegro e pleno, cuja recheada por instâncias de presente, de passado e de futuro, sem a elisão, sem forclusão, sem sobressaltos, sem fim dos tempos. Um tempo espiralar (Martins, 2021, p. 206).

¹⁸¹ Escultura de gelo de coração após a realização da transfusão de sangue, 2015. Acervo pessoal da autora.

Se nos permitimos desmontar o relógio para assim ampliarmos nossa percepção sobre o tempo, podemos dizer que uma Perfo¹⁸² de quarenta minutos de relógio pode ter a intensidade de uma experiência vivida durante um ano inteiro. Assim como uma vida longa e regradinha, que segue certinha a cartilha do *capitalismo*, pode nem chegar perto da intensidade corpóreo sensorial de uma Performance que se deu durante oito horas. Falar de longa duração em Performance Arte é falar de tempo, e falar de tempo é estar disposta a pegar o machado, de preferência aquele de dupla lâmina, conhecido como *lábris*, e quebrar os concretos que tentam aprisionar o próprio Tempo.

Lembremos do ditado lorubá que diz >> *Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje.*



Dá um nó na sua cabeça? Na minha dá e não tem como não sentir raiva daquela invasão que tomou de assalto minhas asas mentais, até mesmo antes d'eu, nascer.

Tô pegando de volta!

¹⁸² Já me sinto até íntima dela (risos).

4.1 Estética da Via Crucis em Romaria



“- Isso é o AntiCristo!”

“- É o fim dos tempos!”

“- Nossa Lady Gaga, a Lady Gaga do Brasil!”

“- Jesus Travesti!”

“- Ela é uma Barbie de carne e osso!”

“- O quê ela é?”

“- Deus vai te castigar!”

“- Larga essa cruz que eu te carrego, querida!”

“- Tá amarrado em nome de Jesus!”



Foram algumas das muitas falas proferidas por pessoas que se depararam com uma "mulher" carregando sua cruz pelos centros comerciais de suas respectivas cidades. Contudo, tudo teve início com um grande sentimento de solidão, acompanhado com uma urgência em criação.

O ano era 2010, e uma jovem atriz recém-formada na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia fervilhava, além dos hormônios, a criatividade. Ao concluir minha graduação, nutria o ardente desejo de formar um grupo teatral. Desejo que logo percebi que não seria facilmente - e nem dificilmente - realizado. Como uma recente bacharela em artes cênicas, questionava-me sobre as perspectivas de trabalhos disponíveis.

No horizonte, avistaram-se escassas possibilidades, essas “opções” incluíam audições em projetos frequentemente liderados por homens cis (*emoji de olhinhos cansados*) ou a tentativa de parcerias para contribuir em pequenos papéis em espetáculos independentes. Tudo muito difícil, com oportunidades espaçadas, além das desafiantes questões de misoginia que eu estava determinada a não ceder, e não só não ceder como enfrentar, confrontar! E ainda havia a pressão das contas que não paravam de chegar, dos boletos que nunca paravam de chegar (*té hoje né, esses danados chegam*).

Contudo seria possível para uma artista que tem um comichão, que nem ela sabia exatamente de onde vinha, interromper seu ímpeto criativo? Te conto! Não! Ao menos não essa que vos encontra.

Talvez a lua em câncer seja a responsável por me fazer acreditar que os desejos podem sim serem realizados e que deveria investir nos meus. Então, já que estava sem perspectiva de montar um grupo teatral, a autonomia me convocou a trilhar o meu próprio caminho. Quando olhei dentro de mim, enxerguei uma imagem,

como um tipo de fotografia, uma mulher crucificada em uma cruz que materializava o universo imposto pela - peço licença¹⁸³ para usar o termo - DitaDura da beleza.

Entendi que aquela imagem se apresentou para mim porque a opressão estética sobre as corpos lidas como mulheres era o meu incômodo daquele momento. Fiz o mergulho que quem viu a obra final nem imagina o quão profundo foi. Comecei a ter contato com tudo que permeava o universo da DitaDura da beleza. Vi muitos filmes, obras de artes visuais e principalmente publicidade, as dos anos 50 eram um show de machismo que chega a embrulhar o estômago. Ali eu ainda não tinha consciência, mas já estava evocando nebulosas de intensa longa duração que culminariam em uma corpa crucificada expelindo poeiras estelares que reverberariam por anos e anos e anos, inclusive nestas páginas....

Naquela fase de imersão obsessiva no universo da DitaDura da beleza, deparei-me com um cartaz na escola de Belas Artes que anunciava a abertura das inscrições para a X Bienal do Recôncavo. Senti um chamado para materializar por fora aquilo que me agoniava por dentro.

Aos 24 anos, o que resta a uma jovem mulher no “auge da fase fértil, prontinha pra gestar” senão submeter-se aos delírios estéticos que a indústria injeta em todos os poros? >>>> “Tem que alisar o cabelo, tem que ter cinturinha de pilão, tem que ser magra, mas não magra demais na medida, tem que ser malhada, mas cuidado pra não ficar masculinizada, gostosa é melhor, mas não muito senão fica obesa, a pele tem que ser de “bunda de bebe” (*termo, no mínimo estranho, um tanto pedófilo, mas é ditado da indústria da beleza, imagine só*), as unhas tem que ser de gel, mas não muito grandes senão fica parecendo piranha, melhor francesinha é mais elegante!”

AHHHHH!!!!!!

Ar chega falta com tanto “tem que ser assim, mas não pode ser muito assada”. Credo!

Optei, por expurgá-los, exorcizá-los - esses delírios safados que estavam a me infernizar com zum zum zum na cabeça. Decidi evocar um dos maiores símbolos de sofrimento da sociedade judaico-cristã – vale lembrar que o Brasil é um dos

¹⁸³Peço licença especialmente àquelas pessoas que vivenciaram e resistiram aos anos de chumbo, sabendo que o termo "ditadura" evoca gatilhos de memórias repletas de dor intensa.

países mais cristãos do mundo –, trazendo à tona a Via Crucis dessa mulher. Ao tentar moldar-se, ela carrega nas costas um fardo pesado, um peso real e maciço.

Desenhei a obra no papel, estilo projeto, como um tipo de partitura corporal. Carregaria a cruz da estética da beleza do local onde estivesse hospedada até o local em que aconteceria a Bienal, fazendo três paradas (nas paradas iria fazer algo que remetesse à opressão estética, importante não premeditar qual seria a ação, mas sabia que queria vomitar o que estava me sufocando e vomitei), culminando na crucificação. Não pensei em duração, queria só materializar a fotografia que tinha se desenhado na minha mente e ficar ali sob o olhar das pessoas. A obra deveria ter sobreposição sobre sobreposição de imagens, assim como a indústria da beleza age, não há um espaço para o respiro. Durante o ato da crucificação, seria projetado uma vídeo montagem sobre a corpa daquela “mulher”¹⁸⁴, remetendo elementos da imposição estética: mulheres em cirurgias plásticas, desfiles com modelos anoréxicas, imagens das chamadas 'mulheres frutas', playboy 's, propaganda de eletrodomésticos com pin-ups dos anos 50, propagandas dos anos 80, 90 e 2000, também.

Assim foi idealizada. Escrevi o projeto e o submeti à Bienal do Recôncavo da Bahia, sendo aprovado (*uhuuuuu tirei onda*). Em seguida, iniciei os preparativos para colocá-lo em prática. Após diversas discussões com a equipe da marcenaria da Escola de Teatro da UFBA, concluímos que a cruz necessitava de uma base para se sustentar em pé, permitindo-me ficar presa a ela. Comprei as madeiras¹⁸⁵ e a primeira etapa de construção da cruz se deu.

¹⁸⁴ Faço uso das aspas para evidenciar que a obra foi realizada pela Roberta construção social “mulher oprimida”.

¹⁸⁵ Nem me lembro onde arranjei dinheiro para comprar o material.



Construção da cruz na marcenaria, 2010

Foto: Taliboy

Acervo pessoal da autora

Depois veio o trabalho da colagem. A base da cruz foi totalmente revestida com mosaico de espelhos quebrados. Afinal, aquilo que achamos que é nossa base, aquilo que pensamos que nos sustenta, pode na verdade, ser uma grande distorção de nossa própria imagem. Cortei os dedos durante as aplicações (não intencionalmente), acontecia no manuseio com caco, que se estendia por dias, faz parte do processo.

Minha amiga Muzenza tinha um amigo que trabalhava em uma vidraçaria, o que me ajudou a conseguir muitooooos cacos de espelhos.



Ta sentindo? fagulhas
nebulosas aparecendo?
estão
ainda pueris



Processo de criação da base da cruz, 2014

Finalizando as aplicações na cruz, 2010

As duas fotos de cima são de 2014, a base precisou ser refeita porque a primeira, feita em 2010 foi levada embora por uma pessoa desconhecida.

Fotos: Taliboy



Base da cruz que de tão cósmica reverberou em áreas desconhecidas
Arquivo pessoal da autora, 2010

Naquela época eu via cruz em todos os lados, até em poste de energia elétrica eu enxergava uma cruz (*assim como hoje em dia eu vejo a forma de um coração até em sacola plástica amassada no chão do asfalto, no trajeto entre minha casa e a UERJ*).

Na cruz, também realizei um trabalho de *collage* artística para construir uma narrativa visual sobre o assunto pautado.



Processo em criação de *collage* na cruz, 2010
Foto: Taliboy
Acervo pessoal da autora

Além disso, adicionei elementos tridimensionais, como chapinha, secador de cabelo, esmalte, batom, soutien e salto alto (elementos pessoais, que um dia já havia feito uso. Tive inclusive, que retornar à São Paulo porque a maioria dos itens estavam na casa de minha mãe). Essa foi a segunda etapa de construção da cruz e ela foi extremamente intensa, diria até meditativa. Foram dias e noites entrando em *f(r)icção* até eu e ela virarmos quase uma corpa só.

Marina Abramovic chama, uma de suas preparações para realizar um trabalho, de “limpando a casa”, na qual ela faz um tipo de retiro de quietude:

A ideologia de sua oficina *Limpando a casa* é resumida em uma história que ela absorveu de textos do século XV de Cennino Cennini sobre os pintores da Renascença. Marina relata a história em uma entrevista. "Se os artistas assumem o compromisso de pintar a parede de uma igreja ou de um castelo do Rei, ou quaisquer destes grandes trabalhos, precisam realizar certos preparativos para que o trabalho seja bem sucedido. Ele sugere que o artista não deva comer carne três meses antes que inicie um trabalho desses. Dois meses antes deverá parar de tomar vinho. Um mês antes, não poderá fazer sexo, e três semanas antes de pintar ele deve colocar a mão direita no gesso, não movê-la de modo algum. Então, no dia em que começa a pintar ele deve quebrar o gesso, apanhar o lápis e poderá fazer um círculo perfeito. Esse é um dos modos de limpar a casa" (Abramovic, 2001, p. 72)¹⁸⁶.

¹⁸⁶ Marina Abramovic, *Public body*, Milan: Charta, 2001, p.71.

Ao meu modo, no processo de construção minucioso do signo visual que me propus a trabalhar, estava ativando um canal relacional *f(r)iccional* com o material que ativaria na Performance em encontro com o público. Encaixar um caco de espelho no outro me afastava de qualquer outra realidade que por ventura tentasse me desfocar daquela que estava construindo. Ali já estava a acessar outras camadas de mim mesma que até então desconhecia. A sensação era que nem a urgência dos prazos dos boletos infernizavam mais, tudo que importava era fazer o encaixe perfeito, sentir as poeiras cósmicas no espaço tempo da criação e nessa busca passei algumas noites sem dormir, creio que o limite foram quatro seguidas (*tinha 24 anos aguentava fácil, hoje já não mais*), depois que comecei a ter algumas leves alucinações, minha então companheira, me sinalizou que era importante dormir. Dormi. Sonhei.

Presentifiquei.

O grande dia chegou, só o deslocamento de Salvador até São Félix foi uma via crucis a parte, fomos de busu, e que saga foi fazer todos os objetos caberem em um porta malas de ônibus. Sorte a nossa que a Escola de Belas Artes disponibilizou o veículo, senão tudo seria ainda mais difícil. Ainda assim, foi um trabalho extremamente corporal levar todo o material da obra – a matéria humana - até seu destino.

Durante as oito horas em que permaneci naquela cruz, muitas pessoas paravam, passavam, voltavam. Eu sentia, conforme os ponteiros do relógio rodavam como se a primeira camada da Roberta estivesse derretendo, revelando a “crucificada” que de frágil não tinha nada.



Performance "Estética da Via Crucis em Romaria", 2014
Foto: Taliboy
Acervo pessoal da autora

Curiosamente, uma criança foi quem mais tempo passou observando a ação na cruz. Mesmo quando ela se afastava, continuava próxima do perímetro onde a obra estava instalada, observando de longe. Após a finalização do evento, percebi que a obra havia, enfim, terminado, só que a criança ainda estava lá, esperando:

"- Moça, você deve estar muito cansada. Esse sapato deve ter te machucado. Eu queria que você descesse pra fazer uma massagem nos seus pés".

Aquela atitude me surpreendeu, pois o trabalho não foi, nem de longe, voltado para o público infantil (não que as crianças se atraiam só pelo que "criado" pra elas, é que realmente fiquei surpresa), especialmente com a intenção de uma criança massagear os pés de alguém que se colocou em uma situação de limite corporal ao abordar temas de extrema densidade.

Achei aquele gentil ato, simbólico, e entendi que ali estava sendo batizada, ou melhor, recebia o Axé, pelas mãos de duas crianças. O amigo dele se aproximou e com flores amarelas, eles colocaram flores com pólen cósmico em meus pés. Se as crianças me acolheram era porque estava no caminho certo >> foi o que pensei. O Recôncavo da Bahia tem suas magias (*se ainda não foi, vá*).



Crianças com flores após a realização da Performance 'Estética da Via Crucis', 2010

Foto: Taliboy

Arquivo pessoal da autora

A performance 'Estética da Via Crucis', ganhou o prêmio Funarte Artes na Rua (2013/2014) e assim pôde circular por algumas cidades do Nordeste - Salvador, Cachoeira, Porto Seguro e Vitória da Conquista -. Com a possibilidade da circulação, resolvi adicionar o complemento 'em Romaria' ao nome da obra. 'Estética da Via Crucis em Romaria' foi realizada oito vezes e cada uma delas foi única¹⁸⁷.

¹⁸⁷ Vou compartilhar um desejo, caso eu viva muito anos mais, tenho como projeto realizar novamente essa performance, só que certamente as características visuais da cruz serão outras. Me instiga pensar no impacto visual que teria a cruz sendo carregada por uma corpa com mais de quem sabe, 110 anos. Se eu chegar lá, conto como foi.



Na estrada rumo a Vitória da Conquista, 2014
Foto: Taliboy
Acervo pessoal da autora

Ela também esteve presente no 24º Festival de Teatro do Agreste/PE (2014). Integrou ainda a programação do Festival Feminista Vulva La Vida, que aconteceu em Salvador no ano de 2012. Todas as vezes a média foram de oito horas, talvez um pouco mais em uma ação, talvez um pouco menos, mas nada muito distante das oito horas, que era o tempo em que a corpa aguentava ficar em pé em cima de um fino salto alto, e na mesma posição. Quando os pés ficavam muito, muito, muito dormentes e a corpa tremia inteira, mãos, pálpebras, toda carne, era o sinal que a obra caminhava para seu primeiro fim. Em cada uma das vezes que a performance aconteceu aconteceram também coisas, em mim, que estão no âmbito do

indescritível. Percebo que não estou sozinha na tentativa de falar sobre o indizível, Preciosa¹⁸⁸ escreve sobre suas reflexões no campo acadêmico:

A mais urgente delas, talvez o desejo de me alinhar a outra modalidade de temporalidade na vida cotidiana, mais compassada, menos urgente, menos imediatamente responsiva, empenhada em outras formas de pensar. Parar para ver, para escutar, para falar. Falas empenhadas em modos de dizer, em que as palavras não são meros porta-vozes de um lugar de certeza e funcionam muito mais como espaço de polinização de ideias. Refiro-me a certa corrente de ar fresco que uma fala, uma escritura, e, porque não dizer, que uma vida também deve fazer passar, de modo a desimpedir o pensamento, coagulado, aprisionado em modelos aprendidos em nossa trajetória escolar, em geral, tão sufocantes, estéreis, apenas reprodutivas. (p.1-7)



189

Conforme as horas passavam, aconteciam movimentos entrópicos em minha corpa que me fervilhavam tudo por

dentro e me faziam ter ações como arrancar um salto que estava na cruz e bater com ele em minha vulva. Não se trata só de submissão, ela ainda que na cruz, fazia o que tinha vontade, tinha seu próprio vinho e bebia quantas taças quisesse. Tudo aconteceu ao som de “A paixão segundo São Mateus”, de J.S. Bach (1727), ópera que narra momentos de angústias e dores (em latim, o que ajuda a instaurar um clima de dramaticidade barroca na obra contrastando os momentos de auto

¹⁸⁸ Rosane Preciosa, Universidade Federal de Juiz de Fora, possui doutorado em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Associada I do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora.

¹⁸⁹ Detalhes da Performance Estética da Via Crucis em Romaria, 2014.

satisfação que vinham, conforme o espaço tempo intensificava e as *nebulosas* apareciam, pouco a pouco).



Primeiras horas na cruz, após a Romaria, 2014
Acervo pessoal da autora

Eu/ela na cruz a corpa fazia o que queria>> o Tempo passando >> se dilatando >> me dilatando >> me dilatando >>>> entropia>>>>me diluindo >>>me esquentando>>>intensificando>>> muitos estados



Corpa da artista vazando pelos olhos, 2014
Foto: Taliboy
Acervo pessoal da autora

Transitei em sensações sagradas e profanas >> Chorei >> gargalhei >>Se alguém chegava para me desafiar, fazer uma intervenção mais “violenta”, era como se, com isso, essa pessoa colocasse gasolina na minha chama interna, na chama interna dela, aquilo não me fragilizava, nos potencializava.



Em uma das paradas, fumando e sentindo os flash's, 2014
Foto: Taliboy
Acervo pessoal da autora

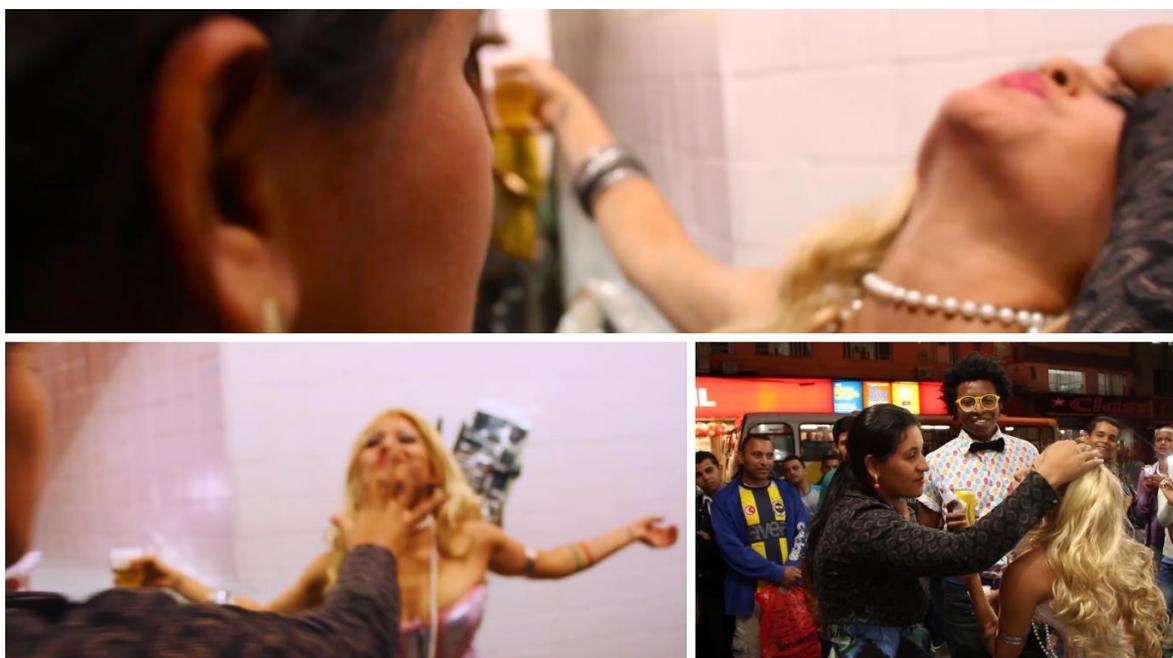
As intervenções das pessoas, ao se depararem com a obra, foram as mais diversas possíveis. Enumero algumas: como por exemplo quando quase tive meu tímpano queimado por esmalte. Uma moça se aproximou da cruz, retirou o frasco que estava colado nela, o abriu - ainda me lembro da pausa dramática que ela fez - e olhando fundo nos meus olhos enfiou o pincel embebido em esmalte vermelho dentro do meu ouvido.



Em muitos momentos da Romaria, se formaram grupos, sobretudo de homens, para bater fotos, 2014
Foto: Taliboy
Acervo pessoal da autora

Ou ainda a tentativa de invasão de minha corpa, por meio de um sexo oral forçado. Recebi também uma "exorcização" (ou "benção", não sei exatamente o que foi) de uma moça. Ao deparar-se com uma "mulher" de salto alto vermelho, vestida em um corpete muito apertado e uma minissaia plastificada transparente, com cabelos loiros e alisados, parada em uma esquina, com uma cruz nas costas, a moça achou por bem tocar na cabeça daquela "mulher" e dizer:

“- Você pode estar fazendo isso com você, mas Deus te ama, ele é fiel, Deus te ama porque ele é fiel e vai cumprir todas as promessas... Deus te ama e que Deus te proteja!”



Mulher com a mão na cabeça da artista durante a Performance "Estética da Via Crucis em Romaria", 2014

Foto: Taliboy

Arquivo pessoal da autora

“- Laroyê!”. Gritou outra pessoa que acompanhava a Romaria. Aí a moça seguiu seu rumo, distanciando-se do aglomerado de pessoas que estavam ao redor de toda a ação.

Outra se aproximou e bem no pé d'ouvido me disse:

“- A cruz é pesada, eu não entendo o porquê você carrega essa cruz, mas eu acredito que você quer mostrar para a sociedade que nós carregamos uma cruz, a cruz da indiferença.”



Performance 'Estética da Via Crucis em Romaria' nas ruas de Caruaru/PE, 2014

Fonte: Bastidor

Foto: Juliano da Hora

“- Vamu pra minha casa! Vou fazer você pagar todos os seus pecados lá em casa, sua gostosa!”.

Outro berrou.



Pessoas acompanhando a Performance 'Estética da Via Crucis em Romaria', 2014

Fonte: Bastidor

Foto: Juliano da Hora

Tentaram me derrubar com a cruz. Muitos homens tentaram me resgatar, ou melhor, me arrancar dela (*eles não se aguentam querem fazer a linha heróis salvadores mesmo*), sem sucesso porque colares de pérolas (falsas) prendiam o meu pescoço à cruz. Forçar a minha retirada resultaria em enforcamento, além do que também tinha minha força corporal, intensificada pela *Corpa Nebulosa*, só sairia dali quando quisesse.



Performer fazendo a Romaria, transeunte se aproxima da artista e tenta interagir, 2014
Fonte: Bastidor
Foto: Juliano da Hora

“-Larga essa cruz e vem pegar no meu pau!”

Gritou um homem de dentro de carro blindado

“Eu precisava vir, saber que ela existia e que estava aqui”, afirmou a estudante Isabel Correa, 17 anos, que interrompeu a tarde de estudos com os amigos para comprovar os boatos e imagens que pipocavam nas redes numa velocidade incontrolável. De repente, expedientes nos escritórios e poltronas nos salões e consultórios foram tomados pela moça que veio de lugar nenhum, dirigindo-se a Deus sabe onde, carregando uma pesada cruz, com chapinha, lingerie, secadores, sapatos e todos os produtos imagináveis relacionados às mulheres. (Trecho da reportagem de título “O espelho vai às ruas”, feita pelo jornalista Juliano da Hora, 2010)



Performance 'Estética da Via Crucis em Romaria',
realizada no 24º Festival de Teatro do Agreste (FETEAG)
Fonte: Bastidor, 2014.
Foto: Juliano da Hora

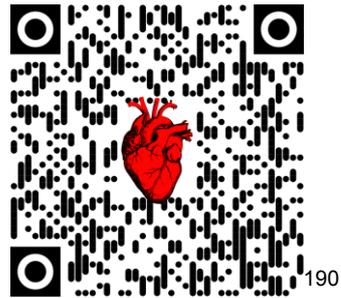
Entre todas as intervenções/interações por parte das pessoas que encontraram com a "Romaria", ainda consigo sentir a primeira delas, a da criança. Aquele gesto afetuoso me fez entender que ali era um caminho artístico potente de se explorar.

Um salve a(u)s erês.

Um salve a(u)s curumins.

Um salve ao Recôncavo da Bahia.

Se quiser dar uma olhada no vídeo →

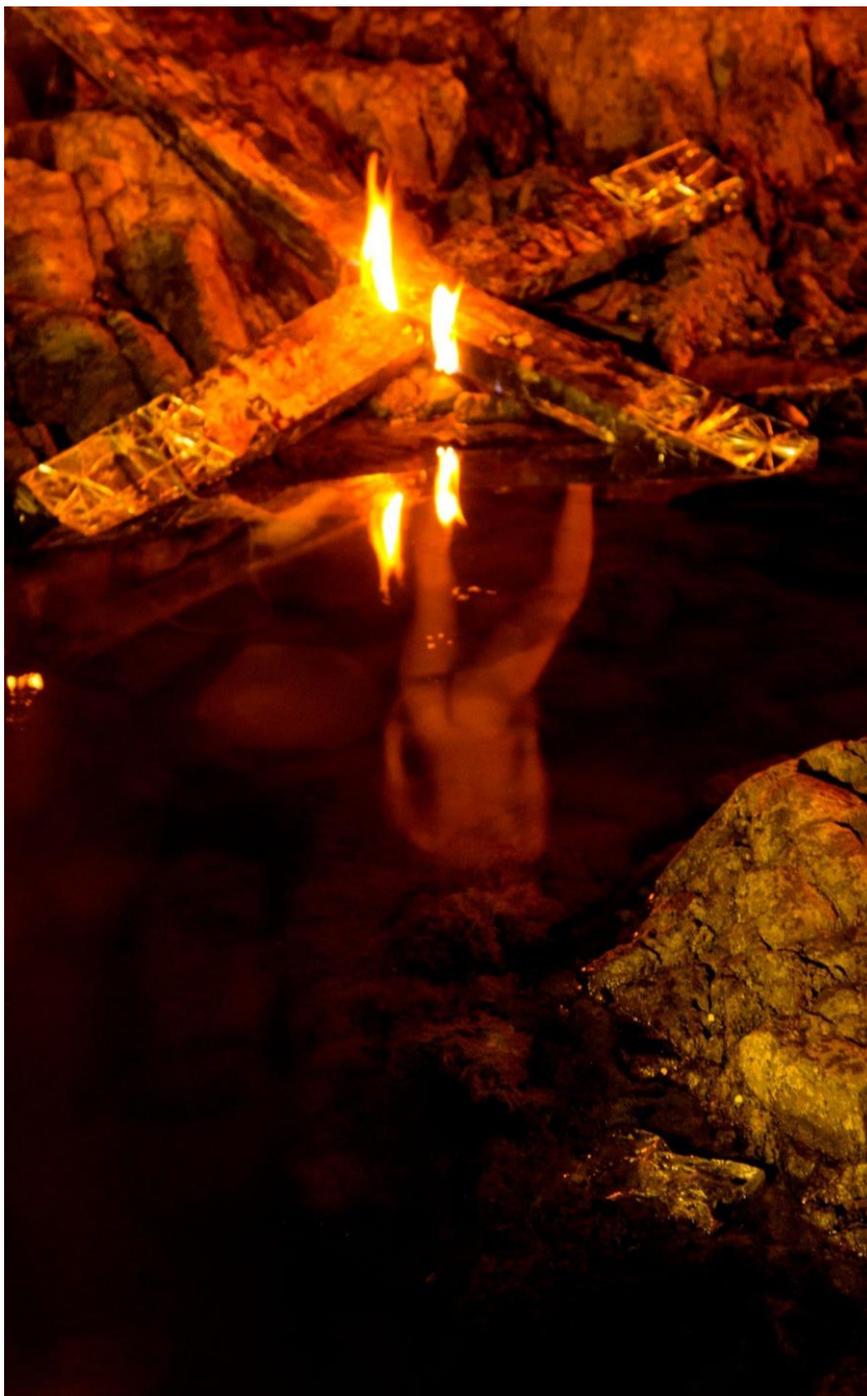


Vídeo da performance
Estética da Via Crucis
em Romaria
Acervo da autora, 2023

P.S. Há quase 10 anos atrás, fui a Cachoeira realizar a performance. Foi lá, em meio à realização do projeto, que encontrei Curumim, minha companheira felina que me acompanha até hoje. Ela havia sido resgatada por uma amiga, Baga (que encantou-se) poucos dias antes de minha chegada e estava em lar temporário na casa onde fiquei hospedada. Nenhum, absolutamente nenhum encontro se dá ao mero acaso. Nem o meu com você.

O que foi feita da cruz?

¹⁹⁰ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tHfzqbGolsI> .



Anos depois, em 2016, a transformei em cinzas cósmicas
Foto: Flávio Marzadro.

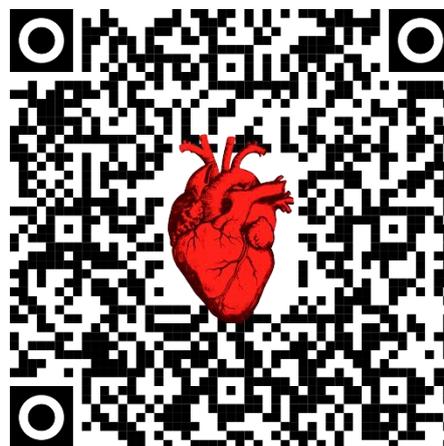
4.2 Das tripas... coração



¹⁹¹ Performance "Das tripas... coração", 2012. Foto: Melquiades Araújo.

- Quando penso na performance “Das tripas, coração”, primeiro tenho que dizer: *suntuosa*. Eu preciso usar esse adjetivo porque eu não encontro um adjetivo que dê conta daquilo. É uma performance que poderia estar em qualquer lugar do mundo, tipo, no Pompidou. Um luxo e ao mesmo tempo...de vulnerabilidade. Um contraste entre uma extrema vulnerabilidade e uma beleza enorme que você criou ali, de um jantar, que tem todo o simbolismo também na história da arte, na história da humanidade! Desde a Santa Ceia. Você está trazendo um jantar, com toda a carga histórica que tem o jantar e você se colocando para ser jantada, ali, por todos num espaço, inclusive universitário acadêmico, então carregado também nesse sentido, numa Galeria que também não é neutra porque a Cañizares foi um lugar, que eu saiba, foi também um lugar terapêutico. Então não é uma casa neutra qualquer. Entendeu? E que também tem uma coisa da domesticidade, é isso, também poderia ser uma casa, e a domesticidade traz esse lugar de um espaço que seria do feminino, mas é justamente onde as mulheres são mais violentadas, principalmente as héteras. E eu acho que essa performance foi premonitória de muita coisa, entendeu? Foi premonitória, infelizmente, da violência que você sofreu. Foi premonitória num sentido maior, político, da história do Brasil recente que já vinha desde 2013 e que desaguou em tudo que a gente viveu, que só se encerrou agora, então é um espaço de tempo que não é insignificante historicamente, é de 2013 a 2023! Caraca, não é pouca coisa, sabe? É um tempo de livro de história e 2013 já tinha sinais, as manifestações... As manifestações fascistas. Aquilo estava ali e aí a performance foi premonitória em relação a essa violência que infelizmente você sofreu. E eu acho que quando uma performer está em uma situação absoluta de vulnerabilidade, o corpo se torna uma antena e é uma antena histórica, sabe? É uma antena maior, é para fora do sistema da arte. É uma antena também do que pode vir, do que está para vir, por isso que a arte é fundamental. E por isso que uma arte como a tua, com o corpo, é fundamental e o que você fez ali foi...você realmente se ofereceu numa espécie de ritual. Uma coisa que tem uma carga religiosa também, de uma auto oferenda, e ao fazer isso, de alguma forma você se tornou uma antena

de toda a violência que surgiria direcionada a você e que não está dissociada de tudo o que a gente viveria depois. ¹⁹²



Podcast: Sonoridades da
Cardiossertação.
Episódio: artista Rosa Bunchaft fala
sobre a performance
'Das tripas... coração'
Acervo da autora, 2023

Por um grande acaso encontrei uma amiga, a artista Rosa Bunchaft, na abertura de uma exposição aqui no Rio de Janeiro e ela disse que precisava compartilhar comigo suas impressões a respeito de uma de minhas obras, uma das quais mais havia lhe tocado. O que ela me falou transcrevi no trecho que você acabou de ler, achei pertinente compartilhar o que ela me relatou pois ela falou de maneira tão espontânea, sem nem eu ao menos perguntar, sobre reverberações que fogem do controle de quem criou a obra e isso também é intensa longa duração em Performance >>> o tempo que transcende o espaço>> poeiras restantes da *Corpa Nebulosa*

'Das tripas... coração' nasce das inquietações geradas a partir das intervenções do público na obra que acabei de lhe apresentar, nas páginas anteriores a esta. Algumas dessas intervenções beiraram a "violência", no entanto, ainda assim o desejo de prosseguir com a Performance se nutria ainda mais. Porque? Um amigo meu sugeriu que eu tinha descoberto meu lado sadomasoquista (*emoji do rostinho com a mão no queixo, insinuando uma reflexão*). Discordo, pois não havia prazer em qualquer forma de "opressão" que por ventura ali se manifestou. O que acontecia

¹⁹² A imagem é uma fotografia com detalhes da performance "Das Tripas... coração", 2013. Foto: Melquíades Araújo.

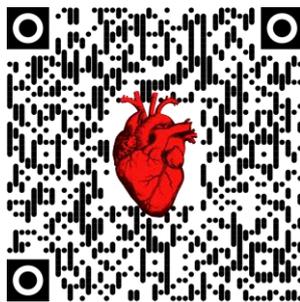
era uma auto exploração, proporcionada pela intensidade do tempo, durante as horas corridas aconteceu um tipo de revelação de que a “mocinha de estatura baixa e magricela” tinha uma força dentro de si que ultrapassava as aparentes “limitações físicas”.

quem dissemina esse pensamento? De que peso, altura, gênero são determinantes sobre quem é mais ou menos forte? Quem, quem? Sabe me dizer?

Mais do que isso, ela sabia guerrear de uma maneira que o patriarcado não estava acostumado a enfrentar, quanto mais me desafiavam mais meu sangue ia para os olhos. Transbordei por eles muitas vezes.

Que perigo pro sistema, não é mesmo? >>> A intensa longa duração - na arte - revelar que as pessoas que até então foram consideradas vulneráveis (ou as que foram colocadas em lugar de subalternidade) a descobrirem que são boas de briga. Que perigo pro sistema!

Vamos nos *desmontar* ‘Das tripas... coração’. Sugiro, ao som de Callas



Playlist: Sonoridades
da Cardiossertação
Música: Madama Butterfly,
act2: Un bel di vedremo,
cantada por Maria Callas
Acervo da autora, 2024

Passado meu Rito de iniciação no mundo da Performance Arte muitas inquietações me atravessaram, ainda sentia resquícios das *nebulosas*. Sabia que

havia adentrado em um universo bastante diferente do que até então eu conhecia, corporalmente falando, no que diz respeito ao fazer artístico. Como relatei, muitas ações, intervenções e interações aconteceram na minha primeira Performance e eu fiquei instigada, só não por uma >> aquela que tentou, forçadamente, chupar minha buceta. Eu travei as pernas, mas ela forçava mais e mais, chamou todo mundo para participar.

“-Vem, ela é muito gostosa!”

“-Vocês estão presenciando um estupro, isso aqui é um ESTUPRO!!!!!!” >>> O grito não ficou preso em minha garganta. Não pode tudo, não é porralouquice. Foi o único momento em que encerrei uma performance, antes de minha corpa dizer que ela tinha “finalizado”.

Mas se eu disser que não fiquei invocada pelo fato de ter sido uma mulher, estaria mentindo.

No mais, realmente me instigou eu mesma me desafiar e ser desafiada. Gostei de testar os limites. Curti borrar as fronteiras. Tinha que fazer de novo. Fazer outra Performance a partir de toda aquela experiência que estava pipocando dentro de mim, pensei >> qual é a minha relação enquanto criadora com o quê crio e para quem crio? Senti o ímpeto de fazer algo que dessa vez, chamasse as pessoas para viverem a experiência comigo, desde o início, se sentissem convidadas - na verdade desafiadas - a ter uma relação diretamente na minha carne, conduzida pela minha corpa.

A fotografia que me veio às vísceras foi a de uma mesa de jantar grande comigo no centro dela, arrancando minha pele, para entregar às pessoas, mas o sangue, este seria retirado pelo público. Afinal é disso que se trata, é essa minha relação com a arte da Performance >>> de entrega total, carnal porque as angústias me tremem na carne, para assim conseguir, de fato, colocar pra fora as agonias que me rasgam por dentro.

Dez são os dedos das mãos, então era necessário ter dez pessoas sentadas à mesa, uma bela mesa de jantar, com muitas velas. Cada uma delas receberia uma luva estéril - *ui que mistério (esse era o clima que ficava no momento da entrega das luvas)*, depois lhes entregaria uma agulha, também estéril, aquelas que tira o sangue, mas também nos dá soro, depende da situação. Meu desejo, no momento da criação, era pingar apenas uma gota nas taças que estariam na mesa.

Visualizei bem bonito nas minhas vísceras (*risos*).



Foto da Performance "Das tripas... coração", realizada no FILTE Bahia
Fonte: Frame de vídeo produzido pela EmCultural, 2013
Acervo pessoal da autora



Detalhe da Performance 'Das tripas... coração', realizada no FILTE Bahia
Fonte: Frame de vídeo produzido pela EmCultural, 2013
Acervo pessoal da autora

No processo reflexivo de criação não há paz, as ideias ficam fervilhando na gente, e nesse fervilhar me surgiu mais uma questão >> “como posso incorporar ainda mais meu sabor por dentro, sem adição de temperos, apenas meu sabor misturado com minhas angústias, neste banquete?”

A resposta veio ao recordar que, ao utilizar o >>coletor menstrual<<, um copinho de silicone, este se impregna com meu cheiro interno, carregando consigo resquícios dos meus fluidos. É isso! O vinho não deveria ser servido diretamente do decantador para as taças, ele precisa passar antes por esse objeto que continha

fluidos meus, sendo assim, batizado pelas minhas “fragrâncias” antes de ser vertido nas taças. E sim, retiraria camadas de roupas, como uma metáfora que desnudasse não só o corpo, mas também as milhões de peles que cotidianamente utilizamos. Contudo, não chegaria à nudez óbvia, ficaria com uma camada de tecido, por mais que haja uma entrega no ato que me proponho a fazer, sei que sempre fica algo só comigo e com as bactérias que me habitam.



Performance 'Das tripas... coração', realizada no FILTE Bahia
 Fonte: Frame de vídeo produzido pela EmCultural, 2013
 Acervo pessoal da autora

Era preciso ainda, entregar a própria pele, mas admito que não estava - ainda - disposta a me colocar, literalmente, em carne viva, creio que isso me levaria à morte neste plano terrestre, e pra fazer Artivismo, é preciso estar viva. Foi crucial, então, metaforizar esse arrancar de pele, provocando uma sensação real em minha carne, como se estivesse despelando. Durante uma conversa com minha mentora no mundo da maquiagem (*é gata, também sou maquiadora, multiartista ela (risos)*), Marie Thauront¹⁹³, surgiu a ideia de látex líquido, um material comumente empregado na criação de peles no cinema.

Mas não é assim, pensou = vai dar certo, não é assim que funciona, os signos tem que ter um porquê de estarem em minha corpa, nada nas minhas Performances

¹⁹³ Marie Thauront é uma artista e maquiadora anarquista, radicada em Salvador desde os anos 80.

são ao mero acaso >> tenho que testar, fazer os testes de frente pra câmera pra ver se o látex vai mesmo causar a ideia que queria causar. Não vende látex líquido em Salvador (*caraca tem nada fácil via!*), tenho que encomendar em São Paulo. E haja grana pra dar conta dos anseios artísticos.

Pérai, mas esse não é meu trabalho?

Ele deveria me dar dinheir e não me tirar, enfim Roberta, não é hora disso agora! Volta.



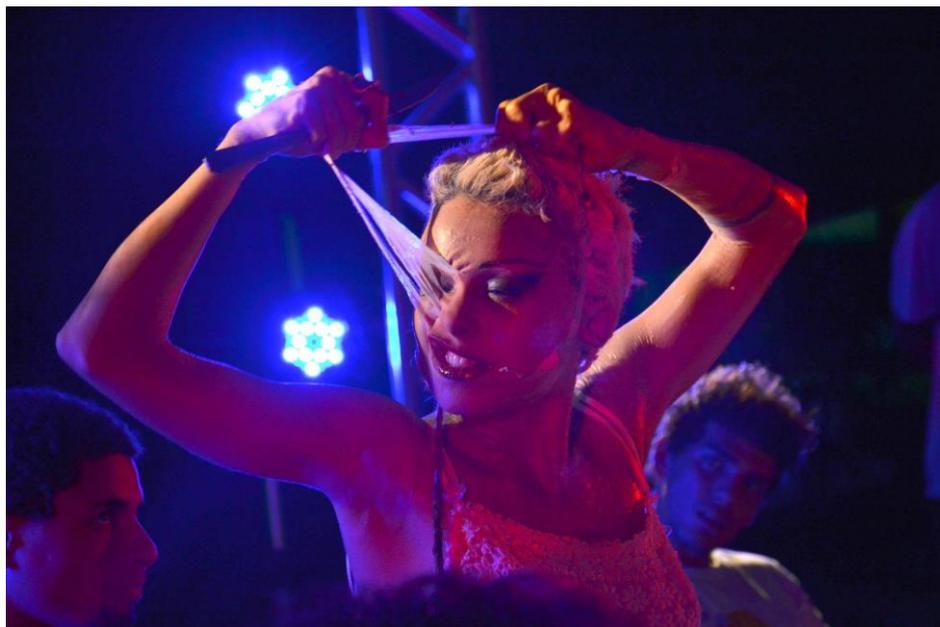
Me banhei inteira desse plástico líquido, formando camadas de pele, e seriam essas camadas que arrancaria e ofereceria no jantar.



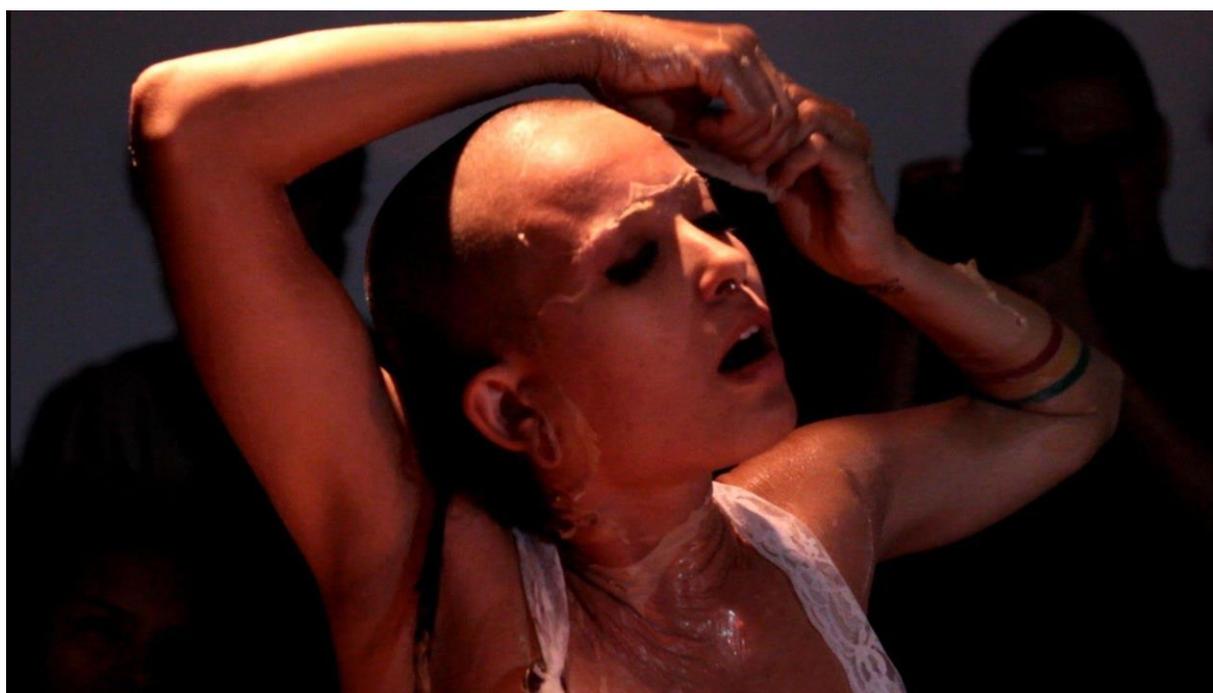
Artista no camarim passando látex na pele, 2013

Foto: Taliboy

Acervo pessoal da autora



Arrancando a “pele” em ‘Das tripas...coração’, 2013
Foto: Lu Pires



Arrancando a “pele” em ‘Das tripas...coração’, 2012
Foto: Melquíades Araújo
Acervo pessoal da autora

Ao remover o látex se não houver o devido cuidado pode ferir a pele, assim, restava uma camada de risco e o risco me instiga, me atíça. Acredito que ele acrescenta *índices de vida* à obra, uma espécie de intensidade que potencializa a

experiência, atíça as nebulosas, e faz dela única, ainda que realizada mais de uma vez.



Nas primeiras vezes, eu primeiro entregava as agulhas para as pessoas. Depois, só então, eu mostrava o dedo para elas furarem na mesma ordem em que entreguei as agulhas. Em uma das vezes, tive a impressão

de escutar um rapaz falar baixinho "me furei e te furei". Neurose bateu, fiquei dias pensando nisso.

Corri para o posto para fazer teste rápido, tudo certo. Acho que viajei, mas daqui em diante entregarei a luva, a agulha e mostrarei o dedo para a pessoa furar.

Essa ordem eu precisei estabelecer para não entrar em paranoia depois. Todas essas etapas têm que ser feitas olho a olho. A gente também aprende pela falha.



'Das tripas... coração' foi realizada cinco vezes: no Festival Latino Americano de Teatro, que aconteceu em Salvador (2013); no evento Verão Cênico da Bahia (2013); na VI Bienal de Jovens Criadores da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que aconteceu em Salvador (2013) e foi realizada pela primeira vez na II Mostra de Performance da Galeria Cañizares (EBA/UFBA, 2012).



Tirando o cabelo para entregar ao público

Fonte: Frame de vídeo produzido pela EmCultural, 2013

Acervo pessoal da autora

Se as pessoas conseguiram furar meu dedo?

Todas elas, exceto uma, que alegou não poder lidar com sangue. Algumas choraram no ato, ou tremeram as mãos, ou suaram, mas mesmo assim, furaram. Senti que elas o fizeram com um mix de cuidado e nervosismo. Mas também tinham aquelas que furavam fundo sem medo de até onde a agulha entraria.



Pessoas do público furando o dedo da artista, 2013

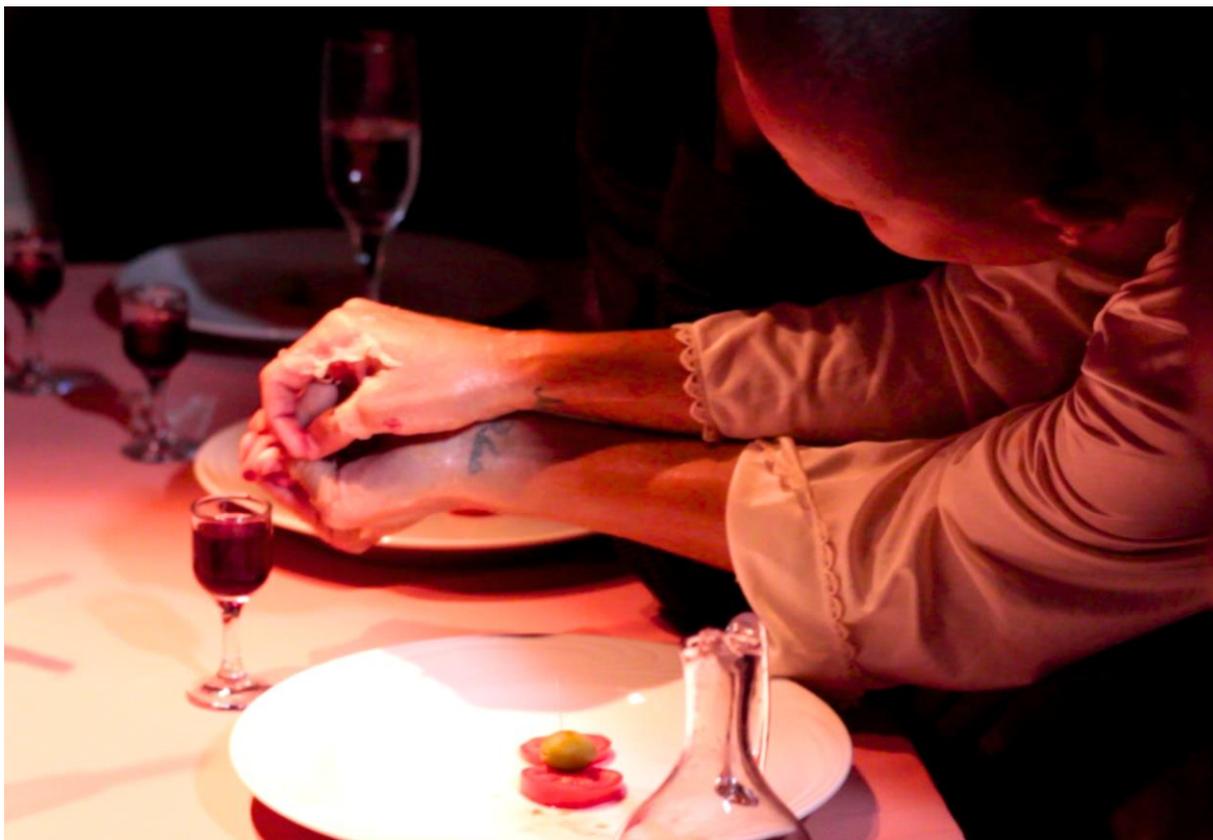
Foto: Lu Pires

Se as pessoas chegaram a arrancar minha “pele”?
Sim, várias delas. E muitas vezes doeu.



Público arrancando o látex da minha corpa, 2013
Foto: Lu Pires

Se as pessoas beberam o vinho” batizado” por sangue e fluidos ?
Apenas uma vez.



Colocando uma gota de sangue na taça de vinho
Fonte: Frame de vídeo produzido pela EmCultural, 2013
Acervo pessoal da autora

Anos depois conheci Judy Chicago¹⁹⁴, e seu trabalho “The Dinner Party”¹⁹⁵ (algo como “O jantar”, em tradução livre), uma de suas obras mais famosas, criada em meio a segunda onda feminista. A instalação, segundo Chicago, tem por objetivo “encerrar o ciclo contínuo de omissão em que as mulheres foram eliminadas dos registros históricos”. Ela diz que criou a obra provocada pela afirmação de um professor de arte, que havia dito, em aula, “que as mulheres não contribuíram em nada para a história intelectual europeia” (CHICAGO, 2014). Me alegra saber que por algum canal do subconsciente, me conectei com uma pulsão criativa feminista disposta a ressignificar as simbologias acerca de uma mesa de jantar.

O que você pensa quando pensa em “mesa de jantar”? Quem serve essa mesa de jantar? Quem lava as louças? Quem prepara a comida? Quem é a comida?

¹⁹⁴ Judy Chicago é uma artista feminista, arte-educadora e escritora norte-americana.

¹⁹⁵ A instalação The Dinner Party trata-se de uma mesa triangular, dividida em três alas, tendo cada uma, cerca de 14 metros de comprimento, representando um banquete cerimonial que homenageia 1.038 mulheres do Ocidente, historicamente essenciais para o feminismo, sendo 39 delas dispostas à mesa, e os outros 999 nomes escritos no Heritage Floor, piso de porcelana, localizado como base para a mesa. (COITINHO, p.42, 2018)

‘Das tripas... coração’ foi uma Perfo que se estendeu por quarenta minutos de acordo com o relógio de Chronos. No entanto, o Tempo cósmico que a obra gerou está além da capacidade de qualquer máquina captar. Inclusive ela segue nas espirais do tempo, quando Rosa me veio falar sobre ela. Era ela ali mostrando que está viva, ainda que de maneira espectral.

Quando busco acessar as sensações que essa Performance imprimiu em minha corpa, ainda sinto >> calor <<.

Ela tem uma força, uma presença muito forte e consegue comover a gente mesmo, ela pega...ela vai nos temas mais tensos mesmo, como uma da pedofilia que eu vi na Bienal do Recôncavo e tem uma que eu tenho muita vontade de ver, que ela fez na ladeira da montanha, aquela eu acho fabulosa, a imagem eu já vi dela crucificada e vestida...uma prostituta crucificada, poxa, eu acho forte...

(Vânia Falcão, artista plástica, em entrevista para a EmCultural)



Performance ‘Das tripas...coração’, realizada no FILTE Bahia

Fonte: Frame de vídeo produzido pela EmCultural, 2013

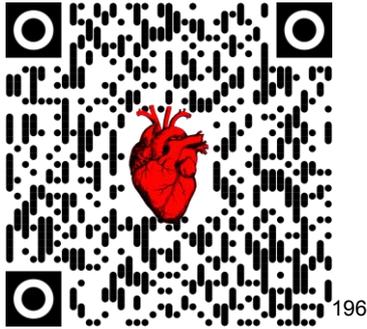
Acervo pessoal da autora

Ela que tá ali posta na mesa, ela que é a janta, ela que é a mercadoria, ela que tá ali se rasgando... não sei, tem imagens muito fortes, essa música também que fica ecoando na cabeça da gente...Toca, toca bastante!

(PC Santos, ator, em entrevista para a EmCultural)

Ela começa a desconstruir, tira a maquiagem, tira os cílios, tira aquela pele com aquela faca que dá aquela coisa forte de.. - não quero mais isso! Então eu acho que Roberta, quando fala das tripas, coração, literalmente, foi.
(Lindete Souza, cantora, em entrevista para a EmCultural)

Dê uma olhada pelo buraco da fechadura, dá sentir um pouco do que foi o jantar



Vídeo da performance
'Das tripas...coração'
Acervo da autora, 2024

¹⁹⁶ Vídeo em: https://www.youtube.com/watch?v=p_zU_IPpX9Q&t=378s

4.3 Reação em Cadeia: a gente se liga em você!



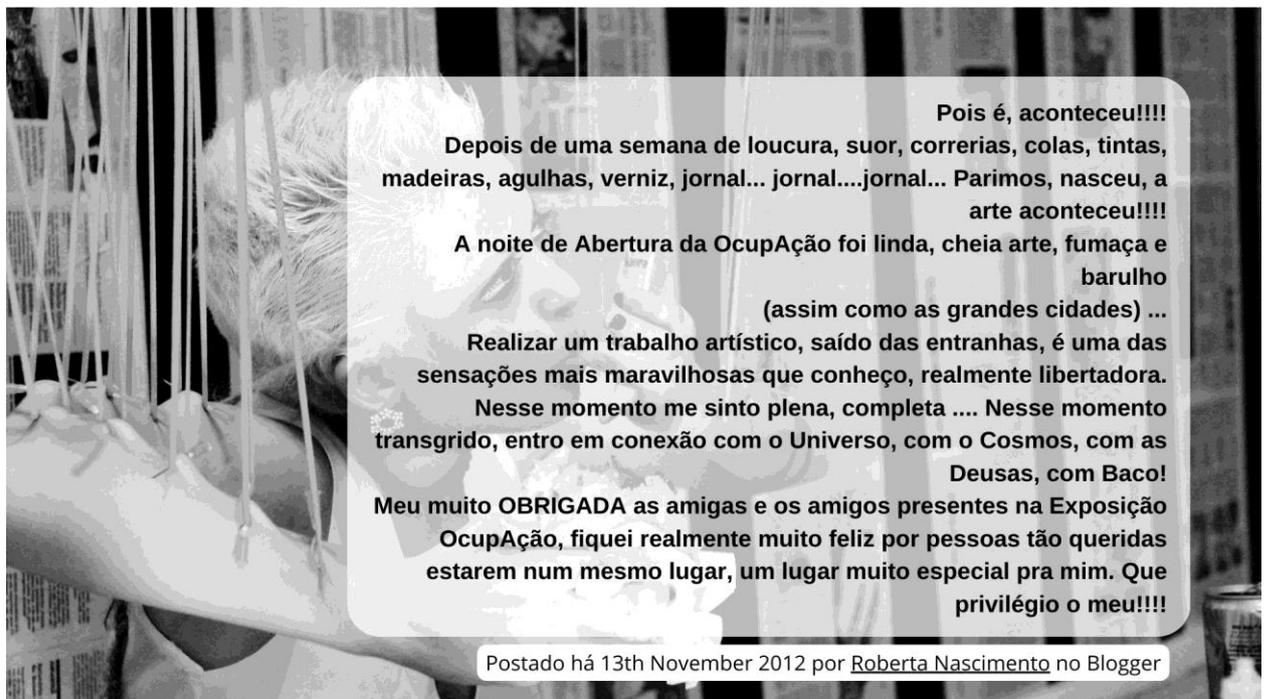
197

¹⁹⁷ Foto colagem de vários momentos em que a performance 'Reação em Cadeia: a gente se liga em você!' foi realizada. Acervo pessoal da autora.

“- O corpo dela pulsa a essência daquela cidade, a Paulicéia”.

Foi assim que um amigo me definiu certa vez, quando viajamos juntas e ficamos na casa de uma amiga no interior do Paraguai. A princípio, confesso que a descrição me ofendeu, não gostei de ter sido categorizada como uma corpa que remete à metrópole cinza. No entanto, hoje, acredito que compreendo o que ele quis dizer Mesmo após morar por anos em cidades litorâneas com rítmicas muito específicas, continuo com o ritmo acelerado no meu caminhar, inclusive no ato de comer. Tento mastigar a comida 41 vezes, mas falho diariamente. Na época em que nos conhecemos, acreditava que dormir era perda de tempo; era preciso viver tudo acordada e ligada nos 320 volts.

Mas veja, em relação ao processo de criação na arte da corpa, profundamente imersiva e com tempo dilatado.



Compartilho a imagem de um texto que escrevi na noite de abertura da Exposição OcupAção, na qual participei com a obra ‘Reação em Cadeia: a gente se liga em você!’.

O ano era 2013, eu iria participar de uma exposição que pautava o mal estar na contemporaneidade das grandes cidades. Bem, no meu trabalho eu lido com a matéria humana, então pensei: “como a figura humana reage (ou não) ao se ver imersa no caos urbano? Qual é o posicionamento da “cidadã” contemporânea frente

aos problemas que afligem as grandes cidades e conseqüentemente as relações interpessoais que nelas se estabelecem?

Nasci e cresci em São Paulo, uma cidade que se gaba por ocupar o posto de maior cidade da América do Sul, com mais de 12 milhões de habitantes (e 21 milhões considerando a Grande São Paulo), grandes números, trazem grandes problemas, sobretudo no cenário que o capitalismo neoliberal instaura, dia após dia, segundo após segundo. É preciso trabalhar muito para “crescer na vida” (*afirmação no mínimo discutível, não é mesmo? Mas a escutamos o tempo inteiro, eu escutei muito isso quando batia ponto no salão de beleza que trabalhei na Liberdade. Até me lembrei que um omi, um advogado que ia nesse salão, se indignou porque eu me recusei a sair da recepção pra comprar um lanche pra filha dele. O sacana olhou bem na minha cara, não nos meus olhos, esses caras costumam ser covardes dos olhos, e falou que “eu não tinha feeling pra lidar com pessoas, aliás, que eu não deveria nem saber o que significava feeling”. Embaixo do balcão na recepção estava com meu livro do cursinho no colo, apertei aquele livro com tanta força, eu estudava entre um atendimento e outro. Fiquei com muita raiva, cheia de raiva mesmo, tanto que me lembro desse episódio até hoje.*)

“Não pense em crise, trabalhe!”, diria publicamente sem nenhum pudor, Michel Temer (*cê gosta de filme de vampiro? Não sei porque me veio essa dúvida agora*), durante seu discurso de posse como presidente interino do Brasil, em 2016. Seguindo essa lógica de trabalho 24 horas por dia, as pessoas ficam sem tempo para refletir sobre suas próprias existências como agentes socioculturais. A vida passa a se limitar a empreender, produzir, criar conteúdo que agrade aos algoritmos. A pausa não é mais uma verdadeira pausa, pois o que é feito nela precisa ser fotografado e compartilhado nos stories, que têm apenas 24 horas de duração. Na *sociedade do cansaço*, conforme Byung-Chul Han¹⁹⁸(2015) denomina, o modo de vida acelerado e disperso, com mudanças frequentes de foco, anula os momentos de autorreflexão. pois:

¹⁹⁸ Byung-Chul Han é um filósofo e ensaísta sul-coreano, professor da Universidade de Artes de Berlim. Ele estudou Filosofia na Universidade de Friburgo e Literatura Alemã e Teologia na Universidade de Munique.



O sujeito do desempenho esgotado, depressivo, está, de certo modo, desgastado consigo mesmo. Está cansado, esgotado de si mesmo, de lutar consigo mesmo. Totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a autoerosão e ao esvaziamento (Han, 2015, p.91).

Segundo Han, é preciso atenção profunda, e isso exige que as pessoas mergulhem nas coisas.

Concordo Han, é preciso ativar a atenção profunda e mergulhar sem medo do desconhecido.

Então, eu teria que mergulhar no processo para criar a obra. Lá ia eu, novamente, rumo ao abismo. Fui. Acessei meu arquivo pessoal interno para criar a Performance que seria nomeada: 'Reação em Cadeia: a gente se liga em você!'. Além disso, tive que fazer toda a pesquisa visual de imersão, ver filmes, obras de arte, escutar música. Eu já estava habituada a esse processo na criação de obras anteriores; já havia virado meu ritual de processo criativo, pois era preciso me contaminar ainda mais, contaminar cada poro sobre o assunto que iria abordar na obra.

Também tive noites e noites, dias e dias de conversas intensas com Tali, como em uma chuva de ideias (*muito molhadas*), para fazer a obra nascer. Na verdade, o trabalho é uma performance instalação criada em parceria com o artista Taliboy.

Pronto, no meio de toda a imersão, a imagem que surgiu nitidamente nas minhas vísceras foi como uma foto em resolução 4k ultra HD >> uma marionete humana manipulada por enormes mãos emergindo >>as mãos do sistema<< de uma estrutura concreta. Taliboy fez a instalação, que sugeriria uma situação inusitada: um dos principais meio de comunicação "de massa" atrás das grades, com mãos gigantes que ultrapassam a dimensão bidimensional e parecem sair da parede para tocar de maneira mais enfática a realidade, desencadeando uma 'Reação em Cadeia' e muitos questionamentos. E eu a ativei de vida com minha corpa em estado de arte.



Instalação 'Reação em Cadeia', 2012

Foto: Taliboy

Acervo pessoal da autora

As linhas conectando os dedos das mãos manipuladoras estão presas na carne da marionete por meio de agulhas/anzóis. Afinal, a manipulação é algo brutal, e metaforizá-la exige um impacto visual que beira a angústia.



Performance Instalação 'Reação em Cadeia: a gente se liga em você', 2013
Foto: Taliboy
Acervo pessoal da autora

As ações da 'marionete humana' seriam comer e beber, comer e beber tudo que as indústrias oferecem enquanto "alimento". Era preciso comer e beber até a exaustão ao som de reportagens de noticiários que fazem das tragédias que vivemos diariamente, grandes espetáculos. Quem nunca se viu diante da TV durante

o almoço, deparando-se com notícias de chacinas, feminicídios, latrocínios, estupros? (*se eu elencar todas as violências aqui vamos deprimir*).

Imersa numa avalanche de (des)informações, que incluiu a escuta de notícias e um painel posto atrás “desse corpo” com manchetes recentes, a *performance* leva o espectador a pensar que, se, por um lado, vivemos em um mundo submerso em constantes revoluções tecnológicas na área da comunicação, as quais impactam o imaginário social, como o uso das redes sociais, por outro lado o uso dessa comunicação acaba gerando uma disputa das narrativas. Para cada situação, há diversas interpretações possíveis e antagônicas, o que nos leva à paralisia (Rolim, 2017).¹⁹⁹

Gosto de estimular muitos dos nossos sentidos em uma Performance, não apenas os meus, mas também provocar os sentidos das pessoas que vivenciam a ação, o estímulo auditivo me é um forte aliado, nesse sentido. As ondas sonoras caminham por dentro da gente de um jeito que só elas sabem fazer.

A obra nasceu, e o questionamento foi lançado ao mundo: Somos, de fato, livres? Na performance, se eu fizesse algum movimento mais brusco, poderia realmente me machucar por conta das agulhas enfiadas na carne. Assim como na sociedade em que vivemos, os riscos são iminentes para aquelas pessoas que questionam e buscam se mover para além das estruturas. Porém, mesmo com tal sensação, a “cidadã marionete” usufrui de prazeres, como comer e beber, e se permite contaminar por tudo aquilo que lê e ouve. Na era em que vivemos, recebemos muitas informações, até nos indignamos com algumas, no entanto, fazemos algo além do comer e beber diário?

Sabemos o que realmente estamos comendo? Você, por acaso, já leu a lista de ingredientes que compõem cada enlatado que ingere? A “cidadã marionete” parece estar com os olhos abertos para observar o que consome. Na verdade, realizo toda a Performance de olhos fechados; os aparentes olhos abertos estão pintados sobre as pálpebras. A realidade que vivemos pode ser uma grande ilusão de ótica. Já pensou sobre isso?

Não pensei num tempo de duração da ação, minha corpa é quem iria dizer quando a obra se encerraria. O tempo de relógio foi mais ou menos o mesmo em

¹⁹⁹ Trecho da crítica escrita pela jornalista Michele Rolim, sobre o trabalho realizado no Festival Internacional de Artes Cênicas da Bahia, 2017. Disponível em: <https://www.agoracriticatheatral.com.br/criticas/178/reao-em-cadeia-a-gente-se-liga-em-voc>

todas as vezes em que foi realizada, quatro horas. Depois vomito, vomito, vomito. O vômito me mostrou o caminho para o fim.

Tentando trazer em palavras os efeitos da intensa longa duração dessa obra, em mim, >>embriaguez sonora, maresia corporal, enjoo, enjoo, e um mix de peso e leveza nos braços, cheias de satisfação<<

“- E aí Robertinha, fala pra galera do insta como foi a performance”.

Diz Tali, com celular a postos.

“- Hummm, como fala uma coisa que foi saborosa?”

“- Saborosa”.

“- É, foi saborosa, muito saborosa !!!”

O espaço tempo instaurado pela obra me desconfigurou, estava dilatada, ainda expelindo poeira cósmica pelos braços. Ao fim da ação, eu não conseguia interagir com as pessoas. Normalmente, após concluir um trabalho em arte, saíamos para comemorar, mas nesse caso, em vez de me instigar a sair para conversar com as amigas em uma mesa de bar, eu queria mesmo era ir pra casa, me aquietar e entender o que tinha vivido. Muitas pessoas que vivenciaram a obra comigo disseram que, embora sentissem uma certa angústia ao ver uma pessoa comendo e bebendo muito ao som de notícias extremamente violentas, sentiam vontade de comer junto. Algumas delas comeram de fato junto comigo. Num dado momento da Performance, um entregador chega para fazer a entrega de uma pizza destinada à "cidadã marionete". Antes de realizar a Performance, eu ia até uma pizzaria, deixava o pedido pago com hora e endereço de entrega, as pessoas que trabalhavam na pizzaria estranhavam quando percebiam que o endereço era uma galeria ou um foyer de teatro. Há quem diga que isso é pré-produção, eu chamo de pré-performance >> que já é a Performance acontecendo no caldeirão, mas ainda sem levantar fervura, cada um desses momentos dedicados à construção da obra, ajudam na imersão da criadora na própria obra. Antes do encontro com o público, muita coisa acontece.

A preparação para esse trabalho era realmente muito intensa. Precisava me preparar por, no mínimo, três meses, e isso era feito, além de um trabalho de yoga, eu fazia questão de frequentar diariamente os lugares mais tumultuados e caóticos da cidade. Além do estado de presença da corpa, era importante que eu trabalhasse minuciosamente cada signo visual. Por exemplo, as batatinhas, que aparentemente pareciam ser do McDonald's por conta da embalagem - que de fato eram

embalagens do McDonald's, embora a sigla estivesse coberta, as cores denunciavam. Eu ia até uma filial do McDonald's e pedia as embalagens; Adivinha? Caso não comprasse nada, me era negado. Novidade? Não! Então tá, pego as embalagens vazias deixadas pelos clientes, nas mesas, pra "moça da limpeza" recolher e jogar no lixo a três passos. Portanto, eu ia ao mercado, comprava as batatas, em casa descascava as batatas, cortava as batatas e fritava as batatas. Mas aí você me pergunta, por quê? Não seria mais prático comprar as do McDonald's?

Vegana, vegana! Lembra que eu falei que na minha criação tem muita ética envolvida? Não compro e nem compraria de uma empresa da qual discordo eticamente, especialmente aquelas que são símbolos do capitalismo neoliberal. Além disso, preparar os alimentos da performance era também um canal de imersão para ativar o estado meditativo que a obra exigia. Mas não se engane, esse estado meditativo estava longe de ser silencioso, quieto como muitas vezes imaginamos que uma meditação é feita.

Na real, minha casa ficava em estado de completo caos, com "comida" para todos os lados, com sacos de salgadinhos por todos os cantos. Aí na imagem ao lado eu estou na preparação do trabalho.



Importante ressaltar que eu cobria a marca de todos os empacotados, fazia um trabalho de colagem em cima das marcas dos biscoitos, dos salgadinhos, das cervejas, (essas comprei de marcas que não patrocinam rodeios), dos refrigerantes, das trasteiras todas.



Detalhes da Performance Instalação 'Reação em Cadeia: a gente se liga em você!', 2013

Foto: Flávio Marzadro

Acervo pessoal da autora

Eu realmente fazia uma mistura de junk food dentro do meu estômago >>> café, cerveja, tomava litros de energético, frituras, lanches fast-food, hambúrgueres (mais uma vez, aparentemente da empresa que eu já citei, mas preparados por mim mesma). Embora geralmente achassem que eu estava ingerindo carne animal, todos eram veganos. Não colocar animais explorados em minhas obras de arte é uma ética inegociável para mim.

A montagem de áudio também era uma criação que tinha que ser feita com antecedência. Tudo tinha que ser atual, e eu precisava baixar áudio de reportagens sensacionalistas, músicas do momento, sons de buzinas de carro, sons de engarrafamento e todas as notícias que "espetacularizavam" violências. (*agora, enquanto escrevo, consigo sentir o cheiro dos sons que trabalhava*) Até os áudios indigestos do dia do Golpe que a presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, sofreu em 2016, fiz questão de baixar. Criei uma colagem sonora que ficava em loop durante as quatro horas da Performance em contato com o público.

As perfurações nos braços eram realizadas aproximadamente uma hora antes da entrada do público no local, sendo necessária a presença de uma profissional em body piercing. Dependendo do meu nível de fervilhar interno, o processo doía mais ou menos, já que nossa carne tende a ficar tensa quando estamos vivendo intensas

emoções. Na última vez em que realizei o trabalho, em 2017, os anzóis (dessa vez usei anzóis e não agulhas) quase não entraram, vivíamos tempos de pós Golpe e não estava sendo fácil viver.



Momento das perfurações
Acervo pessoal da autora, 2017

Papo obsceno minutos antes de encontrar o público

-AHHHHHHHHHHHHHHHHHHHH.

Nada não gente, só tô extravazando

-Por favor, assim vc até me relaxa.

Diz Marie, que foi quem fez a pintura nas pálpebras.

-Melhor coisa que você faz é extravazar, a pior coisa é você querer dar um grito e não conseguir.

Diz Andre Korn, o body piercing.

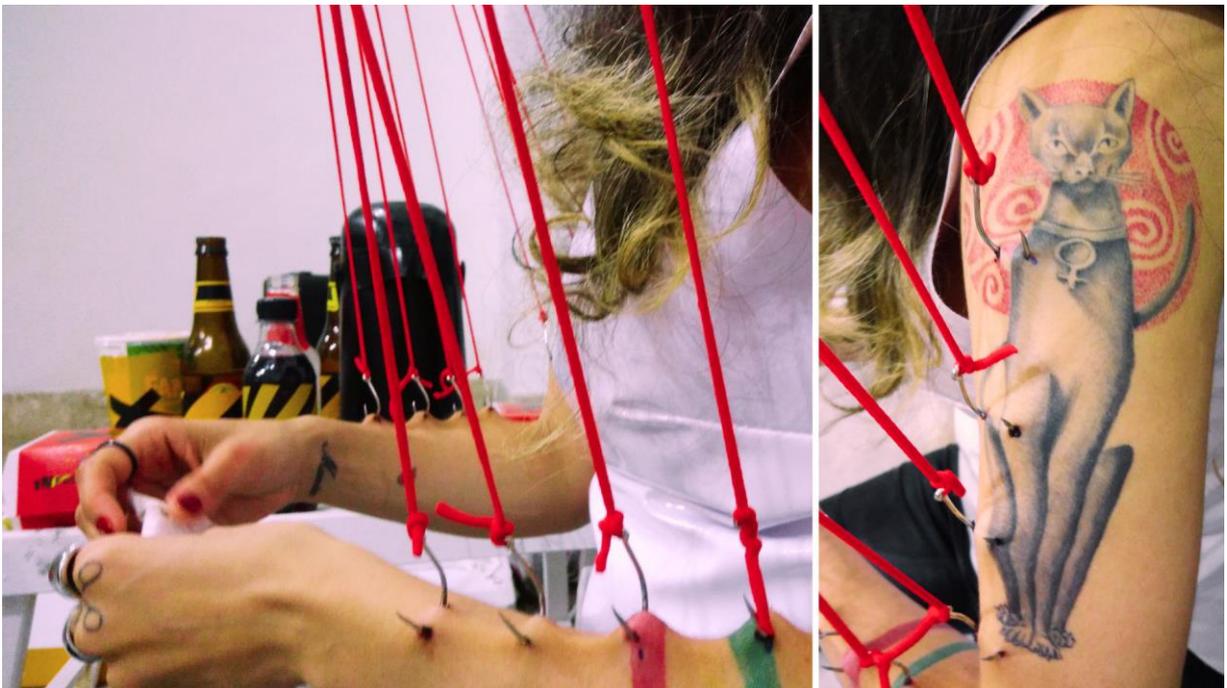
Thiago, o produtor do festival entra no camarim.

-Só cuidado pra ela não ferir ninguém na hora que ela passar, porque os anzós pegam.

Diz Korn pra Taliboy, que segue filmando tudo.

-Tá, relaxa, ninguém perto de mim, heim gente, quando eu tiver andando, por favor, eu sou uma estrela!!

Risos nervosos ecoam no espaço.



Detalhes da Performance Instalação 'Reação em Cadeia: a gente se liga em você!', 2017

Foto: Taliboy

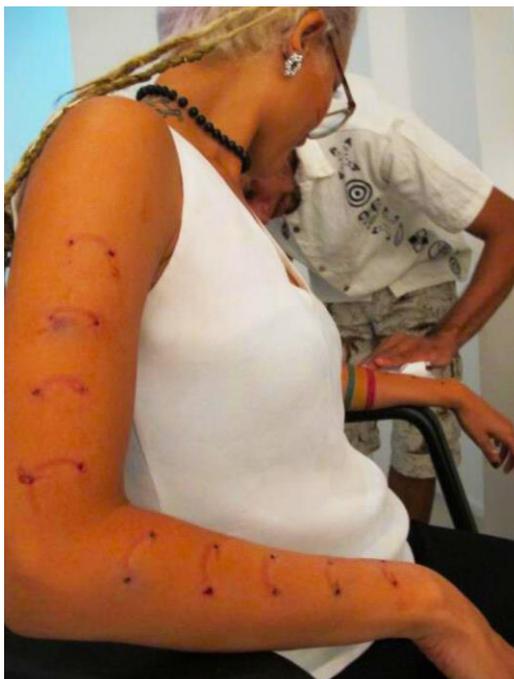
Acervo pessoal da autora

O momento das perfurações era crucial para estabelecer um estado inicial de extrema concentração. Todo o procedimento ocorria ao som de Maria Callas no último volume, ela causa um borogodó danado em mim, a voz dela tem o poder de me ativar um estado de presença atenta aos sentidos.



No camarim, minutos antes de ativar a instalação 'Reação em Cadeia', que havia sido montada no foyer do Teatro Martim Gonçalves, 2017
Foto: Taliboy

Tudo começa com os óculos escuros, o público entra, sente a atmosfera, só então que os “olhos” se revelam.



Braços no processo de retirada das agulhas após a saída do público. Os registros são de 2012 e 2017

Fotos: Taliboy

Acervo pessoal da autora

Na imagem da esquerda, foi a primeira vez que a perfo foi realizada, eu não fazia ideia de como minha carne reagiria na retirada das agulhas, saiu muito sangue com resquícios das nebulosas, minha amiga teve que correr na farmácia para comprar o material de primeiros socorros. Na imagem da direita, foi a última vez, eu já estava preparada com todo o material de assepsia a postos (faça check list, Roberta, não esqueça do check list!!! Aprendizado complicadinho pra quem tem ar com ar).

Ficar com os braços pendurados perfurados durante 240 minutos causava seus efeitos. Em uma das vezes em que realizei a ação, percebi, no dia seguinte, que havia perdido a sensibilidade ao toque em meus braços.

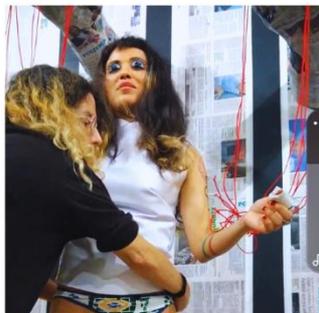
Achei aquela reação corporal bastante simbólica, afinal, vivemos em meio a tanta brutalidade, especialmente nas grandes cidades, que muita gente acaba por perder a sensibilidade. Infelizmente, a quem não se indigna mais ao ver famílias inteiras nas ruas sem ter comida para colocar no prato.

Quem inventou a fome são os que comem (Carolina Maria de Jesus, 1960).



Mas eu continuava, comendo e bebendo. Deu vontade de fazer xixi, ainda bem que o público não tava presente pq a cidadã marionete não faz xixi em público, tem etiqueta.

Aqui, a Performance acontece no foyer do Teatro Martim Gonçalves entre as programações dos espetáculos do FILTE; havia momentos sem o público presente na ação.



Sua amiga tiraria sua calcinha e seguraria o copo pra vc fazer xixi dentro?
A minha sim! Marie e sua falta de nojinho



"Nossa saiu 500m!!! A calcinha é do Brasil, hai hai Robertinha só você viu!"

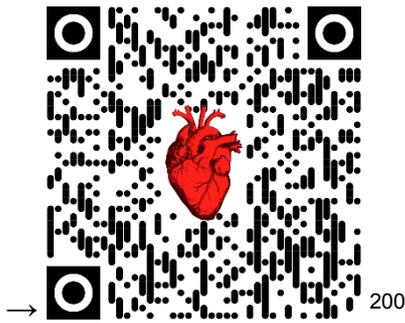
Taliboy ri, após fazer os comentários enquanto filma

Registros da Performance sem a presença do público, 2017
Acervo pessoal da autora

Os olhos se mantinham fechados, pro estado não escapar. O público não via a calcinha que a "cidadã marionete" usava, isso seria muito *obsceno*.

Quanto às roupas, a escolha foi minuciosamente pensada, afinal cada elemento visual é um signo e passa uma mensagem. A calça preta social era simples e discreta, contrastando com a camisa branca de plástico, afinal a "cidadã marionete" é também plastificada. Ela usa saltos elegantemente altos, porém revestidos por jornais que noticiam casos de corrupção, assim como toda a parede e as grandes mãos que emergiam dela, portanto tudo que estava atrás e acima da "cidadã marionete" estava revestido por recortes de jornais que detalhavam a realidade política do Brasil nos anos de 2012, 2013, 2014 e 2017, que foram os anos em que o trabalho foi realizado. Essa escolha estabeleceu uma conexão direta com o contexto político do país naquela época, integrando a performance à narrativa histórica e social, agregando camadas de significado à obra.

Se quiser sentir, prepara o estômago pras sonoridades:



Vídeo da Performance
 Reação em cadeia:
 a gente se liga em você!
 Acervo da autora, 2023

0 O soco, a suspensão, a quebra

Como reage, ou melhor, o que faz uma arti(vi)sta da corpa ao ser marcada pela violência em seu rosto?

Ah, como eu gostaria de ter tido a força de me sentar, dia após dia, até a completa cicatrização do ferimento, à porta do lugar onde tudo ocorreu para que as pessoas que passassem por um dos metros quadrados mais caros de Salvador vissem, com seus próprios olhos, o estrago que a lesbofobia, uma das faces da LGBTfobia²⁰¹, é capaz de fazer.

²⁰⁰ Vídeo em: https://www.youtube.com/watch?v=Xy9tV8NZO_g .

²⁰¹ Vale ressaltar que na época do ocorrido, portanto 2013, a LGBTfobia não era considerada crime no Brasil. Só a partir de 2019 que a LGBTfobia foi atrelada à Lei de Racismo (7716/89), que hoje prevê crimes de discriminação ou preconceito por “raça, cor, etnia, religião e procedência nacional”.



Rosto de Roberta Nascimento ferido
Arquivo pessoal da autora, 2013

Era para ser uma noite de vernissage alegre, repleta de arte, encontros com amigas e chamegos sapatônicos. Minha então companheira e eu, envoltas em nossa paixão, que naquele dia estava especialmente latente, nos divertíamos dançando ao som da discotecagem na galeria. Posteriormente, algumas amigas nos alertaram que um dos seguranças do local nos cercava, embora estivéssemos na nossa paz, e nem tivéssemos percebido.

Sem entrar em detalhes sobre os eventos, a noite culminou com Taliboy recebendo o primeiro soco no rosto, e eu em uma cama de hospital, tendo meu olho esquerdo suturado em dois lugares. Passei uma noite de inferno, pensando que havia perdido minha visão (*só pra constar, o monstro que mais temia na infância era o que me fazia deixar de enxergar*), foi realmente uma noite no fundo do limbo visitando velhos e conhecendo novos medos. O referido segurança nos agrediu, fazendo com que meu óculos estourasse em meu rosto, e meu sangue jorrasse como uma cachoeira no chão da ACBEU - Associação Cultural Brasil Estados Unidos -. Impossível esquecer a horrenda sensação de levar uma pancada tão forte na face, que me faz cair instantaneamente e no mesmo momento, sentir como se estivesse afogando em um líquido quente que se derramava de mim. A partir dali, não consegui mais abrir o olho, que parecia ter sido arrancado do rosto.

Quando acordei, ainda no hospital, não tinha a menor intenção de publicizar o que aconteceu naquele 1º de março de 2013, queria poupar minha família de mais preocupações. No entanto, ao descobrirmos que enquanto estávamos no hospital o agressor havia ido até a delegacia para registrar queixa contra nós, alegando ter sido ele o agredido, percebemos que aquilo era apenas o início de uma longa batalha. Essa batalha poderia ser resolvida se as câmeras de segurança, posicionadas no exato local da agressão, tivessem seus registros revelados. Infelizmente, não foi o que aconteceu. De casal apaixonado que circulava pela cidade de bike passamos a ser conhecidas como “as meninas do caso ACBEU”. O caso foi noticiado amplamente pelos jornais. Contar com amigas jornalistas foi essencial para dar visibilidade ao caso, pelo menos no que diz respeito ao acesso aos meios de comunicação, já que sobre a narrativa difundida não tínhamos nenhum tipo de “controle”. Redes de apoio importam, e importam muito!

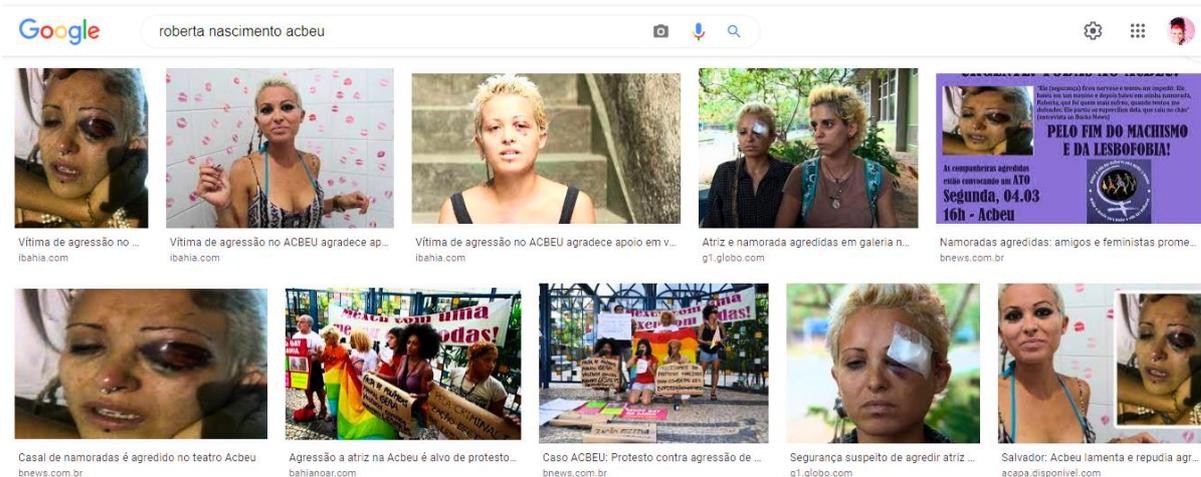
*Não mexe comigo
Que eu não ando só
Eu não ando só
Eu não ando só
Não mexe, não!!!*



Playlist: Sonoridades da
Cardiossertação
Música: Carta de Amor,
de Maria Bethânia
Acervo da autora, 2023

Inclusive, dois dias após a agressão o Levante Feminista, junto com coletivas LGBTQIAPN+ organizaram uma manifestação em frente ao espaço ACBEU, a mobilização social ajudou a dar ainda mais visibilidade ao caso. Para a mídia a narrativa da ACBEU foi “agressão mútua”, diante da desonestidade dessa narrativa até os muros da cidade gritaram²⁰² “ACBEU MOSTRE AS CÂMERAS DE SEGURANÇA”, afinal contra fatos, não há argumentos. Como já dito, as filmagens não vieram à tona e a batalha durou dois anos na justiça.

²⁰² Por meio de pichações.



Print de tela pesquisa no google sobre “caso acbeu”
Arquivo pessoal da autora, 2019

Mas aqui quero falar sobre os dias que se sucederam aquela noite, que se arrastaram mais lentamente que o habitual. Deparei-me com uma versão de mim mesma, até então desconhecida: uma versão temerosa, constantemente envolta em tristeza, quase dominada pelo pânico e uma fragilidade nada potente. Sentia minha vitalidade se esvaír pouco a pouco como se ela estivesse entrando num processo de congelamento, e aquilo foi assustador, nunca havia me sentido intimidada em manifestar minha lesboafetividade em público, e a violência que sofri me levou a explorar um lugar nada agradável, politicamente nefasto.

Demorei um certo tempo para encarar meu reflexo no espelho. Até aquele momento era uma prática constante em meu processo de criação >> o ato de olhar em meus próprios olhos, no espelho, aquela era uma ação que me conectava com algo de criadora dentro de mim. No entanto meu rosto estava muito ferido, fiquei realmente aflita em apenas imaginar como estaria a marca da violência tão cruamente estampada nele, fugi o máximo que pude para não me encarar, não me orgulho disso, mas foi o que foi, não posso negar minha fragilidade naquele momento.

Foi uma fase da minha vida que me vi em uma encruzilhada. Existiam diversos caminhos a seguir, e permanecer num entre pânico e sanidade não era uma opção que me agradava. Tive que escolher um rumo a trilhar com a consciência que em todos eu encontraria pedregulhos que feririam meus pés. Contudo, criar raízes em solo contaminado pelo medo é muito mais perigoso do que ferimentos nos pés, pois nos faz esquecer em qual solo realmente germinamos.

E bem no meio da encruza uma imagem me convocou à presentifica-la = Um coração de gelo, suspenso no ar derretendo com o calor de meu sangue.

Quando choro, se choro. É pra regar o capim que alimenta a vida. Chorando eu refaço as nascentes que você secou. Se desejo, o meu desejo faz subir marés de sal e sortilégios. Eu ando de cara pro vento, na chuva, e quero me molhar!.[...] Sou como haste fina, qualquer brisa verga. Nenhuma espada corta²⁰³(Bethânia, 2013).

Nossa, tô mexendo em tanto de órgãos aqui dentro de mim pra conseguir externalizar, de maneira nítida, como pede a ciência, o que experienciei, choro, choro muito, roo as unhas, me desespero com os imprevistos que se somaram nos últimos dias. Tomei uma rasteira pesada, caí de cara no chão >> a morte veio, levou Mole embora, minha companheira felina virou uma ancestral, foi morar na estrelas, consegui abraçá-la minutos antes dela deixar esse plano terrestre, ela tentou esmiuçar um som, tava no meu colo, balançava o rabinho e tentava esmiuçar um som, estava muito fraquinha mas consegui escutar bem baixinho. Que momento difícil, dia 4 de dezembro de 2023, essa data ficará cicatrizada em minha corpa memória, pensar que existem outros planos para além deste que conhecemos até que afaga um pouco a sensação de sufocamento que a morte traz consigo. Estou devastada, tenho que dizer, d.e.v.a.s.t.a.d.a. meus joelhos perderam a força, minhas cartilagens derreteram, sensação de quase paralisia, o processo de luto é mais doido do que eu me recordava. Por um instante os sentidos ficaram confusos, quase perdidos, as músicas "Muito obrigado Axé"²⁰⁴, cantada por Carlinhos Brown, "Navem negra"²⁰⁵ e "O que é que há"²⁰⁶, cantadas por Gal Costa²⁰⁷ ficaram tocando todos os dias do mês de dezembro de 2023 aqui em minha morada, as ondas

²⁰³ Trecho da canção "Cartas de amor "de autoria da cantora e compositora Maria Bethânia em parceria com Paulo Cesar Pinheiro.

²⁰⁴ Composição do cantor e compositor Carlinhos Brown.

²⁰⁵ Composição do cantor e compositor Djavan.

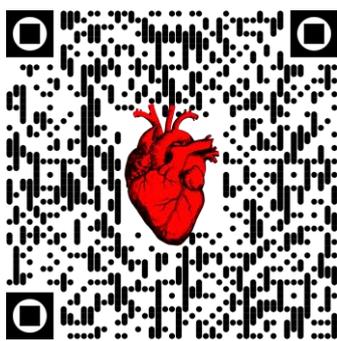
²⁰⁶ Composição dos cantores e compositores Fábio Jr. e Sérgio Sá.

²⁰⁷ Gal Maria da Graça Penna Burgos Costa, mais conhecida como Gal Costa, foi uma cantora, compositora e multi-instrumentista brasileira. Pra mim, uma diva, uma musa rasga coração.

sonoras dessas melodias embalaram as lágrimas que escorreram dos meus olhos fonte. Computador, travou e pior, eu não tava usando o docs online pq a net tava ruim, perdi tudo que havia escrito sobre a morte do Tempo! Parte fundamental deste trabalho. Preciso me recompor e buscar nos fios da memória o que havia escrito. Tive uma crise no choro quando comi o melão do R.U, Mole amava melão. Internet caiu, parece até piada! Acabou a água aqui na Vila Isabel. Virei as ampulhetas que estão na minha mesa, o tempo não pára, devaneios são bem vindos mas devo retornar, importante retornar. Que venham as Nebulosas.

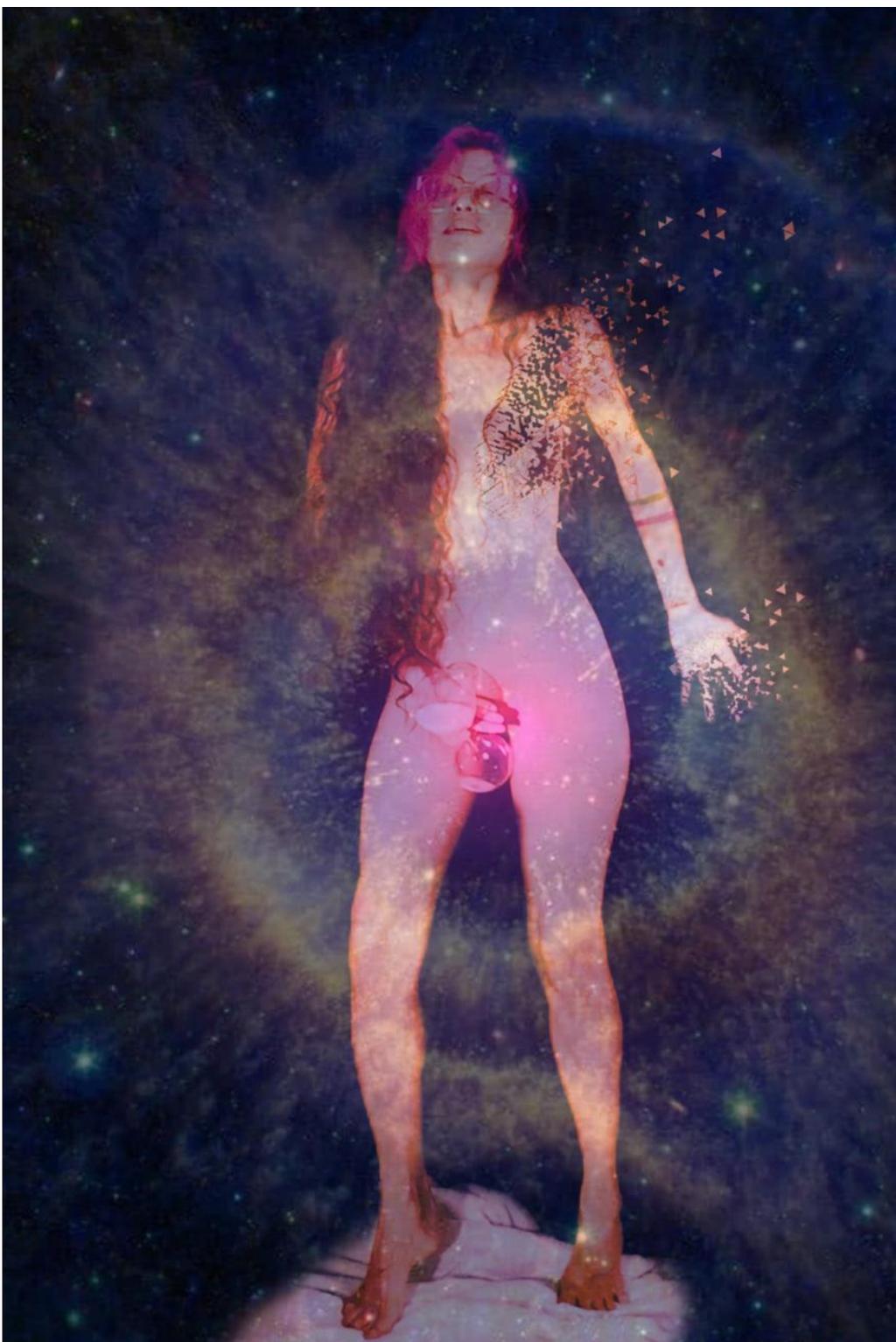


Corte na carne. Registro pós espetáculo performático 'Gatilho'
Acervo pessoal da autora, 2023



Podcast: Sonoridades da
Cardiossertação
Episódio: Agonias
que atravessam
Acervo da autora, 2024

***** SUPERNOVA



208

5 CORPA NEBULOSA

ou

matei o tempo

Tava com a ideia de registar a epiderme desta Supernova quebrando a ampulheta, mas ela é cara e preciso dela inteira pra exposição. Tava sem roupa dançando durante algumas horas pra ativar a corpa, derme e epiderme, daí olhei pra ampulheta. Pensei ... hum, porque não? Tô de virote com dor na lombar, preocupada com o fim da bolsa... Preciso tirar a tensão, mexer o quadril...

Mexi... em cima dela e depois bati o retrato.

TicTacTicTacTicTac, tum-tum—tum-tum—tum-tum "o tempo não para e a gente ainda passa correndo", dizia Cazusa em uma das cartas que escreveu perto do fim de sua vida neste plano terrestre. A **corazona** não quer correr, mas os prazos institucionais exigem que o que se começou termine. Na configuração de sociedade em que vivemos os encerramentos são inevitáveis, e estamos pertinho de chegar no da nossa viagem guiada por uma **corazona** que transita entre fluidos orgânicos e poeira cósmica. A coordenada temporal só tem um sentido, o futuro! No espaço, conseguimos ir para frente,

para trás,

para a esquerda,

para a direita (*só no*

espaço, na política, não, melhor à esquerda), mas na coordenada tempo, só conseguimos ir para o futuro. Será isso uma verdade absoluta? Por que o tempo não volta ao passado? Por que não eternizamos o presente?

Entropia é liberdade molecular, então pra realizar Performance Arte, precisamos de muita entropia. O Universo está se expandindo, estrelas estão espalhando seus átomos a todo instante, as galáxias estão dançando, buracos negros estão aumentando.

A dilatação do espaço-tempo e a experiência da intensa longa duração são conceitos pilares nas minhas Performances, onde minha corpa se transmuta em um

portal de conexão ativa com o Cosmos. Fluídos e órgãos sólidos se transfiguram em poeira de estrelas. A sensação que tenho é que, em determinado momento da ação, minha corpa dilata tanto a dimensão espaço tempo, que explode, espalhando suas partículas no ar. Dentre essas partículas, estão as poeiras cósmicas, que formam as nebulosas.

Leda nos diz que:



a morte é um evento, um ato necessário na dinâmica de transformação e de renovação de tudo que existe, permitindo o movimento contínuo do Cosmos e sua permanente renovação e revitalização (Martins, 2021, p.65)

Ao fazer uma Performance de intensa longa duração, sinto que estou a fazer um ritual de morte das agonias que a gerou e sendo um ritual de morte também é ritual de vida, de auto-renovação, e de instauração de um novo Cosmos a partir da intensidade da experiência vivida corporalmente, que intitulo espaço tempo *Corpa Nebulosa*. E essa *Corpa Nebulosa* acontece junto com as pessoas que viveram a obra junto comigo, ela se espalha por entre as pessoas que podem também estarem expelindo suas nebulosas.

Devo dizer que eu não sou assassina do tempo, não foi a Roberta pesquisadora, tão pouco a Roberta do cotidiano quem o matou. Foi a entidade que me *f(R)icciona* quando realizo uma Performance de intensa longa duração, aquela que eu falei que não consigo reconhecer nos registros fílmicos feitos logo após a realização de um trabalho, mas matou só aquele que tenta nos ludibriar de implacável, dominante, único e absoluto.

Oito horas durou a 'Estética da Via Crucis em Romaria'. Quatro horas durou uma 'Reação em cadeia'. Em 40 minutos me desfiz 'Das tripas até o coração'. Por 60 minutos, 'Aquecemos Corações a Sangue Frio'. Quando menciono a duração desses trabalhos em horas e minutos, não se trata do Tempo que duraram, mas sim de quantas vezes o ponteiro do relógio oscilou enquanto a ação se desenrolava junto ao público. Isso é um acordo que fizemos para facilitar a comunicação ou para que o sistema capetalista funcione de maneira mais eficiente. Contar o tempo é um pacto.

Concordamos *(concordamos? (Pausa longa, muito, muito longa))*

que quando o ponteiro dá uma volta completa entre os 60 traços de um círculo (pode ser quadrado também, tô fazendo referências analógicas, sou da geração millenials, apenas para informação, mas a gente se entende, essa coisa geracional também é um ponto que podemos pensar), passou-se uma hora. Mas o que isso realmente significa em termos de tempo como experiência de intensidade corporal? Um tempo vivido de fortes emoções? O tempo é um mistério. Quando olhamos para o céu, estamos observando o passado, pois o momento exato em que uma estrela emite luz não coincide exatamente com o momento em que vemos essa luz aqui na Terra; há uma diferença de tempo, mas ela reverbera aqui ainda que já tenha acontecido em sua máxima potência lá, no universo. Oito horas corridas não são necessariamente oito horas de relógio. Quatro horas transcorridas não são apenas quatro horas de relógio. Sessenta minutos gotejados não correspondem necessariamente a sessenta minutos no relógio. Quarenta minutos desnudos não são necessariamente quarenta minutos de relógio.

Os estudos da física indicam que nossa visão do mundo é desfocada porque não conseguimos perceber o micro do micro do micro dos eventos quânticos da vida (*sabendo desta informação, me sinto menos sozinha com meus quase seis graus de astigmatismo*). Portanto, os dados de tempo que mencionei anteriormente seriam dados desfocados, observados no nível macro, como é nossa compreensão "óbvia" do tempo e muitas vezes, nossa relação com o mundo. Meu convite é que observemos de maneira hiper focada. Ao nos hiper focarmos, conseguimos mergulhar nas poeiras cósmicas que foram espalhadas quando novos mundos foram criados.

Consegue vê-las por entre as nuvens (tive que salvar na nuvem para não correr o risco de perder tudo, já aconteceu em outro momento, mas já recebi a notificação de que estou ficando sem espaço de armazenamento, tem que pagar para liberar mais) que estão estas páginas?

A ruga que se forma no meu rosto seria a impressão digital do tempo? E as milhões de rugas que vão aparecendo na nossa corpa, seriam elas as pegadas da irmã do sono dizendo que logo logo vem nos beijar?

Aí que saudade de mole.

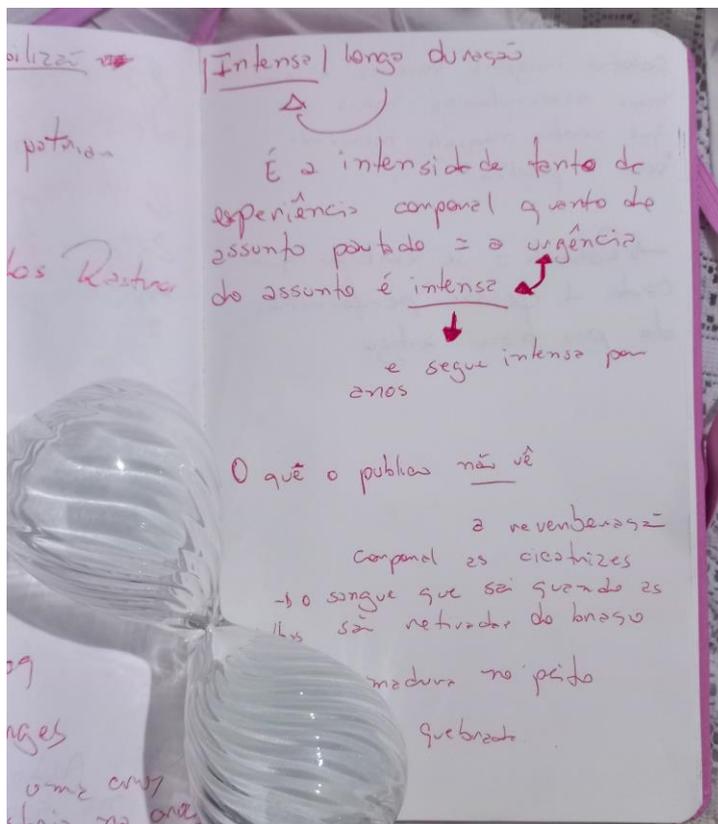
Ao longo dos anos em que venho experienciando minha corpa em Performances pude acessar múltiplas qualidades de sensações, no entanto nos momentos de falas públicas em mesas sobre meu trabalho me deparei com a dificuldade de nomear esse lugar/estado/sensação proporcionado pela intensidade da experiência vivida antes e durante o encontro com o público e que se estende por um longo período de tempo após. As palavras são tão carregadas de significados e eu não queria correr o risco (*gosto de riscos, mas só nas Performances*) de limitar o acontecimento que se *f(r)icciona* (LYRA, 2011) entre realidade concreta e “bruxaria/magia”. Pensando sobre isso, cheguei no que intitulo >>*Corpa Nebulosa*<<.

As nebulosas são formadas a partir de restos de estrelas que explodem (evento astronômico conhecido como supernova) e emitem sua matéria no espaço, mas elas também são chamadas de “berçário de novas estrelas”, o sol nasceu a partir de uma nebulosa assim como todo o nosso sistema solar, inclusive eu e você. Portanto, uma estrela explode e emite sua matéria no espaço formando uma nova nebulosa. Essa nebulosa, por sua vez, também pode formar novas estrelas. Sendo assim uma nebulosa é um ciclo infinito, ao mesmo tempo em que é morte de uma estrela é vida para outras tantas. A astronomia afirma que uma supernova é um dos eventos mais energéticos e brilhantes que conhecemos. A fabulação que teço ao falar em >>*Corpa Nebulosa*<< é que em um dado momento de uma Performance acontece algo equivalente à intensidade de uma supernova e esse acontecimento resulta em uma energia que não tem uma silhueta definida, mas tal qual uma nebulosa, carrega dentro de si pequenos pontos brilhantes que geram novas vidas. Talvez, possamos criar nossas nebulosas, matar o que nos limita e vislumbrar novos Tempos.

Quando falo em espaço-tempo de intensa longa duração, me refiro a *um tempo que não elide a cronologia, mas que a subverte. Um tempo curvo, reversível, transverso, longo e simultaneamente inaugural sophia e uma cronosofia em espirais.* (MARTINS, 2021, p. 42). Um tempo onde as possibilidades de sermos >> eu e você, obra e público << poeiras estelares que voam por entre temporalidades internas e moldam novas realidades externas.

Não me reconheci quando eu descí da cruz. Eu não me reconheci quando o coração se derreteu por completo e meu sangue parou de sair das veias. Eu não me reconheci logo depois de compartilhar minhas peles e líquidos. Eu não me reconheci depois de regurgitar em exaustão de comilança e violência sonora. Não me reconheci porque era uma corpa intensamente dilatada, me dispersei em fluídos cósmicos. Vislumbrei instantes novos aos olhos da *Corpa Nebulosa* que me tomou.

Quando uma Performance Arte, de minha criação, não consegue instalar esse ambiente temporal que estou chamando de >>*Corpa Nebulosa*<<, ela não chegou em sua potência máxima, ela nem aconteceu, mingou na plasticidade. Esse também é um risco, inclusive, já aconteceu. Tô falando isso porque quero enfatizar que para além dos signos estéticos existe uma camada sensorial que está no olhar, no cheiro, na temperatura, nos sabores, nas sonoridades. Performance é um trabalho que se faz a partir da matéria humana e a matéria humana tem mistérios que só a experiência vivida acessa. Aqui estou apresentando a Corpa Nebulosa para nomear a potência que uma Performance de intensa longa duração tem por ser capaz de romper as teias do espaço tempo. A expressão "intensa longa duração" destaca não apenas a intensidade do momento ou da criação, mas também a sua capacidade de manter relevância e impacto ao longo de um período prolongado.



Escritos no caderno de estudos sobre a intensidade

de longa duração
Acervo pessoal da autora, 2023

O Tempo é mistério e eu já estou quase sem tempo para finalizar este escrito, mas o tempo da escrita é regido pela pulsação da **corazona**, se ela ainda bate, ainda há tempo...

Liberdade? Quase!

Espero que você ainda esteja dançando comigo nesses devaneios cheios de suor, sangue, fúria e poeira cósmica²⁰⁹.

A Corpa Nebulosa é a *suspensão* do tempo ordinário, ela se instala por meio de uma corpa dilatada a tal ponto que seus átomos moléculas quânticas ficam expostas. A *Corpa Nebulosa* é alquimia, é fabulação, é também realidade pueril e efêmera, ela dispara multipersepções. A *Corpa Nebulosa* é um portal para novos universos, internos, externos, sem normatividade. A *Corpa Nebulosa* não tem quina. A *Corpa Nebulosa* se mostrou presente por meio das pequenas mãos de uma criança que se propôs a acarinhar os pés de alguém que se *estilhaçou* e estava ali em carne viva expelindo poeira de estrela por meio dos poros. A *Corpa Nebulosa* se mostrou presente no exato momento que o sangue dançou nos caminhos estreitos de um equipo de transfusão, e gotejou ao seu ritmo. De olhos fechados, senti a presença da *Corpa Nebulosa* aparecendo cada vez que meus braços pendiam um pouco mais e as agulhas esticavam minha pele. A *Corpa Nebulosa* apareceu para o jantar ao som de Callas.

Ai que saudade de Mole!!

A *Corpa Nebulosa* se instala por meio da *desintegração* do próprio tempo. A *Corpa Nebulosa* expeli as agonias e abre o portal para uma dimensão onde minha corpa se funde com a da planta que se funde com a das gatas que se funde com você que se funde com as placas tectônicas ao mesmo tempo em que se funde com o cosmos.

A *Corpa Nebulosa* também é uma provocação, uma provocação para você se permitir viver experiências extraordinárias. Se permitir ousar tecer novos tempos. Se

²⁰⁹ E algumas lágrimas também.

permitir se entender parte de um universo. Se permitir lembrar que você também é poesia visual. Se permitir lembrar que você também é poeira estelar.

Muita mesmo muita saudade, chega dói.

Senti um caroço no pescoço de Curu, desespero bateu, bateu forte!!!

Não posso lidar com isso de novo, de novo não!

Não há de ser nada. Deusas, São Francisco de Assis, cuida da minha menina, tira esse caroço do pescoço dela.

Tenho que ir na veterinária pra ontem

- *Olha que viagem, descobri que o orixá tempo, Iroko, tem seu sincretismo com São Francisco de Assis, aprendi que ele é o Protetor dos Animais não humanos.*

Achei uma onda isso...

Tenho que levar Curu na vet.

Foram dois anos, 24 meses, 104 semanas, 730 dias, 17.520 horas, 15.051.200 minutos, 63.072.000 transitando por aí a observar um tempo que esses números não dão conta de tocar. Tem sido um mergulho profundo levemente perturbador com muitos atravessamentos. Agora, no tempo presente em que estou escrevendo estas palavras - que para você que lê já será o meu passado (?) - às 3:12 da madrugada do dia 30 de janeiro de 2024, eu levanto da cadeira, olho para Curumim, que está completamente relaxada na cama roncando, dou uma xêrada no seu cangote felino e resolvo gíngar para ver se destrava o pensamento. Quando as emoções estão travadas, é preciso destravar o quadril, então resolvi gíngar.

A saudade é especialista em dançar nas dimensões do tempo.

A *Corpa Nebulosa* se fez presente em momentos da escrita, nos momentos em que alguma conexão mágica aconteceu e aquela criança descobrindo um mundo na sua favela tocou nas cicatrizes dos meus braços que um dia estiveram presos por anzóis, momentos de insights em que eu/embriã imersa em líquido amniótico, ainda formando a *zona de contaminação cósmica* de dentro da barriga de minha mãe, apareci em meus sonhos soprando poeira de estrela na cicatriz do olho que um dia fora ferido.

Entendi que todo o percurso no mestrado foi um processo em criação de Performance de intensa longa duração. O ato de fazer toda a trajetória com vestes brancas e ter a **corazona** como órgão guia colocou minha corpa em estado de arte em *f(r)icção* (LYRA, 2011) com minha corpa em estado de pesquisadora em *f(r)icção* com minha corpa dos corres diários. Espero que no dia da defesa (digo logo, estarei desarmada), ela, a >>Corpa Nebulosa<<, se faça presente em algum momento porque, além do Rito acadêmico em si, também será o dia da abertura da exposição que integra este intenso trabalho. Nela, compartilharei os *Rastros das Performances* que aqui evoquei, assim como novas obras que nasceram durante o processo da escrita. Por exemplo >>> a documentação necessária para pleitear a vaga no mestrado como cotista será impressa em blocos de cimento. Organizar 72 páginas de documentos em pdf's comprovando a necessidade da vaga, com assinatura de testemunhas e tudo mais, foi um processo concretamente pesado. Às vezes, construir um novo mundo pesa. Mas nem só de pesos vive uma mestranda, há suavidades no caminho também. Comi meu coração, e foi gostoso. Queria evocar o *tempo espiralar*, a quebra do tempo ocidental, com uma ampulheta com um

ventilador em baixo, na sua base, e eu estaria dentro dessa ampulheta rodando por entre a poeira cósmica que estaria dentro dela. Essa é uma obra que está no âmbito das ideias estelares... *por conta de limitações monetárias...*

A defesa em exposição será vivida em minha morada-ateliê-laboratórioalquímico-casulo. Até tentei buscar alguma parceria com galerias no Rio de Janeiro, mas na realidade, o cubo branco é frio demais pra quem está com o peito aberto. Melhor mesmo o Rito acontecer no espaço onde estive vivendo o processo de imersão da pesquisa, que, depois de minha corpa física, é na minha casa, que não é minha, mas está me abrigoando desde que cheguei no Errejota.

O roteador deu problema de novo, parece piada de péssimo gosto, só com muito banho de sal grosso ... nesse momento tô usando o tablet fornecido pela UERJ para as pessoas cotistas, que na época da pandemia, tiveram precisão de dispositivos pra conseguir fazer as aulas online. Ele consegue captar o sinal do roteador, não entendo o porquê que o computador não consegue. Onde está o problema? Cadê as amigas hacker para me ajudar nessas horas. Tá tá não vou reclamar, não, pelo menos eu tenho o tablet aqui, que me permite seguir trocando ideia contigo. Mas pelo computador é bem mais fácil e fluído, quer dizer, menos difícil, porque para nós que é do corre tem nada fácil. Caraca deixei o IPTU vencer, nunca pagay IPTU na vida, só aqui no Errejota mesmo.

Para escrever este trabalho, precisei, muitas vezes, levantar a corpa da cadeira, que parece até ter imã atraindo pélvis, e caminhar, escrever caminhando, ler caminhando, só que tudo dentro de casa. Caminhava em círculos na minha sala ou no meu quarto. Olhar para o céu noturno também foi importante, principalmente em noites onde ele estava cheio de estrelas, vez ou outra vi uma cadente. Dancei algumas vezes, nua várias vezes, *gingay* muitas vezes. Foi necessário movimentar a corpa para destravar as ideias. Me masturbei muitas e muitas vezes pra me lembrar que também sou matéria além de etérea, o mental pode ser ativado pelo baixo ventre, equilíbrio é importante, eu ainda não o conheço, será que é possível um dia alcançá-lo? Faço *dekasana*²¹⁰ várias vezes nas

pausas

²¹⁰ Asana de yoga, também conhecida como “postura do avião”, é conhecida por fortalecer nosso equilíbrio.

entre uma digitação e outra, já a postura invertida, aquela em que nos equilibramos sobre a cabeça, fiz nos momentos em que achei importante mudar a perspectiva do olhar.

Impossível esgotar o assunto Tempo e Performance que de tão intensas perduram ao longo do espaço tempo, na verdade espero dar continuidade e aprofundar essas reflexões no doutorado, se tudo der certo terá como órgão guia, a pele.

Com certeza estou com tantas ou mais questões do que quando comecei essa nova jornada. Meu cérebro se encheu de entropia, está superaquecido e sigo refletindo sobre o Tempo, suas qualidades e intensidades. Se me dissessem anos atrás que eu veria poesia em explicações dos estudos da física sobre o tempo, eu certamente iria duvidar. Na real, sinto que o caminho é por cosmopercepções originárias.

Espiralei entre espaços temporais, tá me sentindo? Tô do seu lado.

soprando poeira cósmica no seu ouvido. Chegou o momento de colocar a órgão guia de volta para dentro do meu peito que ainda está aberto. Pronto. Com a cicatriz ainda úmida, lhe dou um abraço, daqueles que *corazona fricciona corazona*.



211

(tem reticências sem ponto final)



²¹¹ Frame da vídeo performance *Não como meu coração assim...rápido demais*. Acervo pessoal da autora, 2023.



>>É urgente falarmos sobre nós, desviantes à cisheteronormapatriarcal<<

>>É urgente nos mantermos vivas<<

>>É urgente mantermos nossas corpos sãs<<

>>É urgente termos prazer<<

>>É urgente mantermos a chama do desejo acesa<<

>>É urgente nos encontrarmos

conosco y só<<

>>É urgente criarmos nossas redes<<

>>É urgente tecermos nossas redes de afeto<<

>>É urgente mantermos nossas redes de apoio<<

>>É urgente que os Feminismos sejam praticados y falados<<

>>É urgente desbinarizar a sociedade<<

>>É urgente desgenitalizar os Feminismos<<

>>É urgente mantermos os Feminismos em cena<<

>>É urgente que os Feminismos se façam comunitários<<

>>É urgente que os Feminismos se façam interespécies<<

>>É urgente que a arte imprima as urgências de seu tempo<<

>>É urgente escutar sua corpa<<

...

Olhei no relógio 00:00

REFERÊNCIAS ou PORTAIS

ADAMS, Carol J. *A política sexual da carne: uma teoria crítica feminista-vegetariana*. 2.ed., São Paulo: Alaúde, 2018.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ANZALDÚA, Gloria. *A vulva é uma ferida aberta e outros ensaios*. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

ARTAUD, Antonin. *O teatro e seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ARTAUD, Antonin. Para acabar com o julgamento de Deus. In: WILLER, Cláudio. *Escritos de Antonin Artaud*. L&PM Editores: Porto Alegre, 1983.

COHEN, Renato. *Performance como linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

COITINHO, Raphaela Silva. *The Dinner Party: como Judy Chicago deu visibilidade às mulheres por meio da gastronomia e da comensalidade*. Trabalho de conclusão de graduação - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 73. 2018.

COSMOS: uma viagem pessoal. Direção: Adrian Malone. Produção: Carls Sagna Productions. Emissora: PSB, 1980. Mídia.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

DIÉGUEZ, I. Desmontagem Cênica. *Revista Rascunhos - Caminhos da Pesquisa em Artes Cênicas*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2014. DOI: 10.14393/RR-v1n1a2014-01. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/27217>. Acesso em: 2 fev. 2024.

GOLDBERG, RoseLee. *A arte da performance do futurismo ao presente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003

GOMEZ PEÑA, Guilherme. Em defesa da arte da Performance. *Revista Marte: Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa*, 2008.

GROTOWSKI, Jerzy. Performer. Trad. de Patricia Furtado de Mendonça. *eRevista Performatus*, Inhumas, ano 3, n. 14, jul. 2015. ISSN: 2316-810.

HAN, B.C. *Sociedade do cansaço*. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HARAWAY, Donna. *Quando as espécies se encontram*. São Paulo: UBU Editora, 2022.

HAWKING, Stephen. *Uma breve história do tempo*. 1.ed., Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

HILL, Cecília Fajardo; GIUNTA, Andrea. *Mulheres radicais: arte latino-americana, 1965-1980*. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, Maria Carolina de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: São Paulo: Ática, 2001.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LORDE, Audre. Não há hierarquia da Opressão - Textos escolhidos de Audre Lorde, [s.l.], Tradução: Herética Edições Lesbo feministas Independentes. Título Original: I Am Your Sister - COLLECTED AND UNPUBLISHED WRITINGS OF AUDRE LORDE, Copyright by Oxford University Press, 2009.

LYRA, L. de F. R. P. de . Uma academia toda nossa. DAPesquisa, Florianópolis, v. 15, n. esp., p. 01-08, 2020. DOI: 10.5965/1808312915252020e0027. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17928>. Acesso em: 9 jun. 2022.

LYRA, L. de F. R. P. de. Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo. *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1-13, 2020. DOI: 10.5965/14145731023820200033. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/17759>. Acesso em: 1 ago. 2023.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 320, set./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v22n3/13.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2023.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NOCHLIN, Linda. Por que não houve grandes artistas mulheres? Tradução: Juliana Vacaro. São Paulo: Edições Aurora / Publication Stu-dio SP, 2016.

NOVELLO, Mario. *Quantum e cosmos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

NUNES, Alina. Audre Lorde: contribuições para uma epistemologia da crítica feminista à literatura lésbica negra. *Revista de Literatura, História e Memória*, Cascavel, v.17, n. 30.

O'BRIEN, Sophie *et al.* *Terra comunal: Marina Abramovic + MAI*. São Paulo: Edições Sesc, 2016.

PAREDES, Julieta. *Temos que construir a utopia no dia a dia*”, diz a boliviana Julieta Paredes [entrevista concedida à Pública] Giulia Afiune, Anna Beatriz Anjos. Agência Pública. Disponível em: [https://apublica.org/2020/05/temos-que-construir-a-utopia-no-dia-a-dia-diz-a-boliviana-julieta-paredes/?mc_cid=938559a376&mc_eid=\[2226e4087d\]](https://apublica.org/2020/05/temos-que-construir-a-utopia-no-dia-a-dia-diz-a-boliviana-julieta-paredes/?mc_cid=938559a376&mc_eid=[2226e4087d]). Acesso em: 6 ago. 2023.

PIEDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PRECIOSA, R. Reparar nas coisas: de repente algo acontece e somos outro. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, MG, v. 10, p. e019018, 2019. DOI: 10.22294/eduper/ppge/ufv.v10i0.8008. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/8008>. Acesso em: 26 jan. 2024.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2015.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. 1.ed. São Paulo: Editora Jandaíra, 2017. (Coleção Feminismos Plurais).

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, [S. l.], v. 4, n. 5, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3pmwXXg>. Acesso em: 8 ago. 2023.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROMANO, Lúcia Regina Vieira. *O teatro do corpo manifesto: o teatro físico*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ROVELLI, Carlo. *A ordem do tempo*. 1.ed., Tradução Silvana. Cobucci. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, Quilombo: modos e significados*. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.

SIDERAL, Ovelha. *Por que somos poeira das estrelas?*. YouTube, 15 jun. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5WDy1ccu5cU&ab_channel=OvelhaSider. Acesso em: 26 set. 2022.

STELZER, Andrea. Autoficção e intermedialidade na cena contemporânea. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 26, p. 276 - 286, 2016. DOI: 10.5965/1414573101262016276. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573101262016276>. Acesso em: 28 ago. 2022.

TALIBOY. *Luto enquanto prática e tática visual de pirraça urbana da multidão SAPATRANBONDE*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 276. 2021.

TAYLOR, D.; RUIZ, T. G. O TRAUMA COMO PERFORMANCE DE LONGA DURAÇÃO. *O Percevejo Online*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2009. DOI: 10.9789/2176-7017.2009.v1i1.%p. Disponível em: <https://seer.unirio.br/opercevejoonline/article/view/512>. Acesso em: 4 fev. 2024.

TIBURI, Márcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. 1.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

TIBURI, Márcia. *Complexo de vira-lata: análise da humilhação brasileira*. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. *E-book*.

TIBURI, Márcia. *Filosofia em comum*. Aula inaugural: conceitos básicos de política com Márcia Tiburi. YouTube, setembro de 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8F542RugQ3Q&ab_channel=MarciaTiburi%7CFilosofiaemComum. Acesso em: 12 ago. 2023.

WESTCOTT, James. *Quando Marina Abramovic morrer: uma biografia*. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

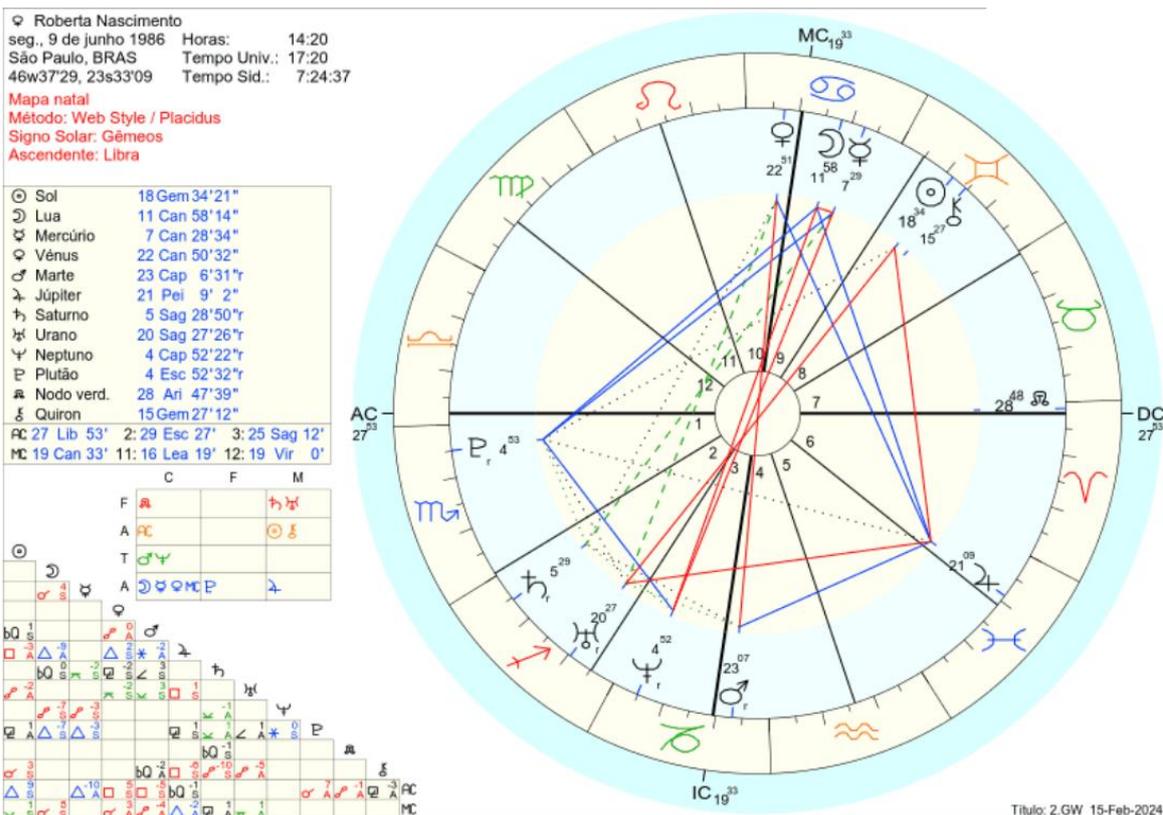
WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2022.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ANEXOS ou POEIRAS AINDA VOAM

ANEXO A - Mapa astral

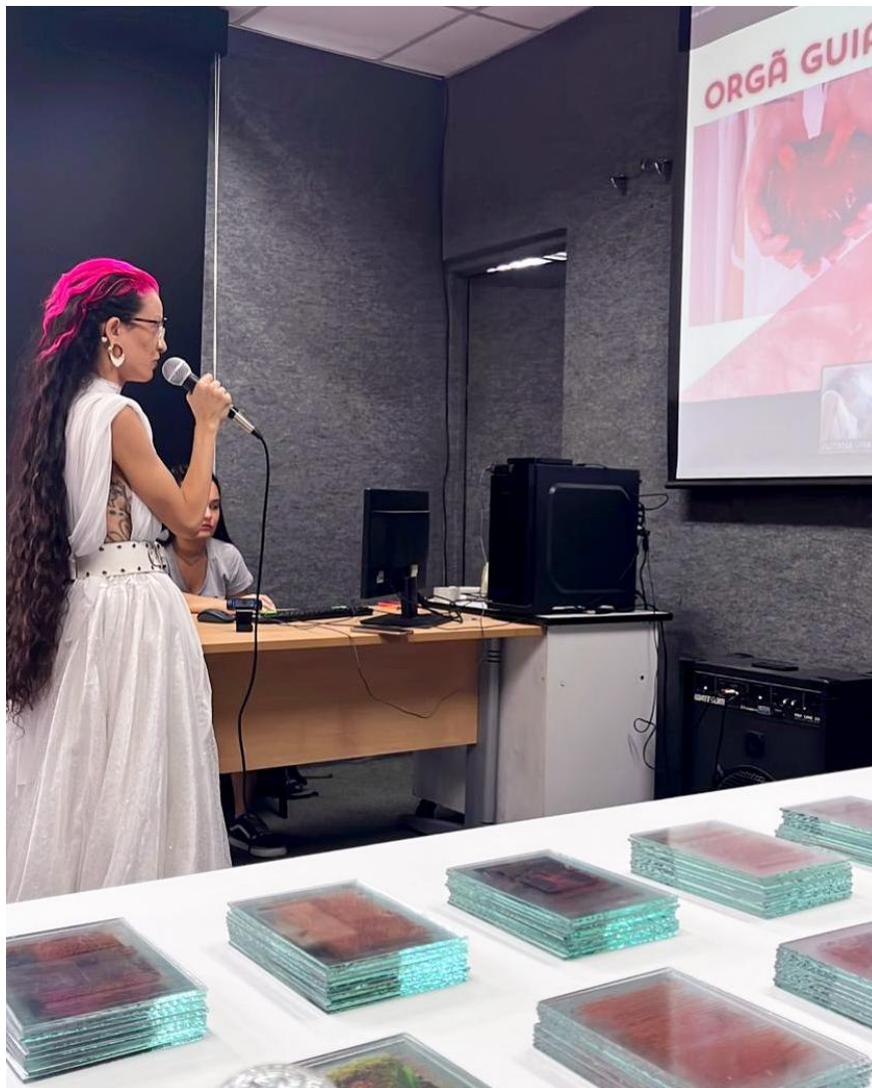
Para me conhecer além das nuvens



Mapa Astral da autora, 2024

Fonte: Astrodienst

ANEXO B - Exposição Defesa da Cardiossertação



Detalhe da Exposição Defesa da Cardiossertação
Aqui vemos parte da dissertação impressa em 200 placas de vidro, 2024
Foto: Luciana Lyra
Acervo pessoal da autora



Detalhe da Exposição Defesa da Cardiossertação, 2024
Foto: Luciana Lyra
Acervo pessoal da autora



Parte da instalação *Peso da burocracia*.
Colagem em blocos de vidro dos documentos usados para solicitar a vaga na pós-graduação enquanto cotista em situação de vulnerabilidade socioeconômica, 2024
Foto: Taliboy
Acervo pessoal da autora



Artista na porta de entrada do auditório onde aconteceu a Exposição Defesa da Cardiossertação, 2024

Na porta, vemos um tecido voal com a introdução do escrito impressa sobreposta ao rosto da pesquisadora.

Foto: Taliboy

Acervo pessoal da autora